UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

ELISA MARA DO NASCIMENTO

O DESEJO NAS TRAMAS DO SIGNIFICANTE: METÁFORA E METONÍMIA

CAMPINAS,

2023

ELISA MARA DO NASCIMENTO

O DESEJO NAS TRAMAS DO SIGNIFICANTE: METÁFORA E METONÍMIA

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestra em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Lauro José Siqueira Baldini

Este exemplar corresponde à versão final da Dissertação defendida pela aluna Elisa Mara do Nascimento e orientada pelo Prof. Dr. Lauro José Siqueira Baldini.

CAMPINAS,

2023

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Tiago Pereira Nocera - CRB 8/10468

N17d

Nascimento, Elisa Mara do, 1996-
O desejo nas tramas do significante : metáfora e metonímia / Elisa Mara do Nascimento. – Campinas, SP : [s.n.], 2023.

Orientador: Lauro José Siqueira Baldini.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Lacan, Jacques, 1901-1981. 2. Psicanálise e linguística. 3. Linguística. 4. Desejo. 5. Significação (Psicologia). I. Baldini, Lauro José Siqueira, 1972-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações Complementares

Título em outro idioma: Desire in the thread of signifiers : metaphor and metonymy
Palavras-chave em inglês:
Lacan, Jacques, 1901-1981
Psychoanalysis and linguistics
Linguistics
Desire
Meaning (Psychology)
Área de concentração: Linguística
Titulação: Mestra em Linguística
Banca examinadora:
Lauro José Siqueira Baldini [Orientador]
Marcos Aurélio Barbai
Paulo Sérgio de Souza Junior
Data de defesa: 29-06-2023
Programa de Pós-Graduação: Linguística

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)
- ORCID do autor: https://orcid.org/0000-0003-4036-3546
- Currículo Lattes do autor: http://lattes.cnpq.br/4591158951882642

BANCA EXAMINADORA:

Lauro José Siqueira Baldini

Marcos Aurélio Barbai

Paulo Sergio de Souza Junior

IEL/UNICAMP
2023

Ata da defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria de Pós Graduação do IEL.

Rebento, substantivo abstrato
O ato, a criação, o seu momento
Como uma estrela nova e o seu barato
Que só Deus sabe lá no firmamento

Rebento, tudo que nasce é rebento
Tudo que brota, que vinga, que medra
Rebento raro como flor na pedra
Rebento farto como trigo ao vento

Outras vezes rebento simplesmente
No presente do indicativo
Como a corrente de um cão furioso
Como as mãos de um lavrador ativo

Às vezes, mesmo perigosamente
Como acidente em forno radioativo
Às vezes, só porque fico nervoso
Às vezes, somente porque eu estou vivo

Rebento, a reação imediata
A cada sensação de abatimento
Rebento, o coração dizendo: "Bata"
- Gilberto Gil

Para Mariana e Mérian, que me ensinaram o desejo à flor da pele e escutam diariamente as palavras que beiram o seu quase.

AGRADECIMENTOS

Após uma pandemia e um desgoverno, não é nada trivial agradecer quem compartilhou de nossa vulnerabilidade. Encontros presenciais ganharam o estatuto de acontecimento da semana ou do mês. Os olhos não olhavam mais os olhos. Mas falar disso se tornou obsceno. O mundo novo se instalou. Seguimos quebrados e nos reparando e reconstruindo aos poucos com quem descobrimos estar perto, mesmo longe. Com quem quis se aproximar e estar ao lado reforçando laço.

Em primeiro lugar, ao Lauro, que ficou ao lado desde antes da aposta pelo desejo, metáfora e metonímia. Por saber ouvir e me devolver que aquilo que tenho a dizer tem sim uma forma e relevância, que a bagunça pensante precisa ser encarada de frente. Por sempre deixar a liberdade guiar. Pela parceria, que promete.

Ao Marcos e ao Paulo que leram ao mesmo tempo com tanta gentileza, generosidade e rigor, abrindo caminhos nos quais me perdi, no melhor sentido do termo, após a qualificação. Pela aposta redobrada no evento de defesa. À Karine e ao Bruno, membros suplentes que fizeram questão de me comunicar também suas impressões de leitura.

Ao Coletivo Estação Psicanálise, na figura dos vários rostos dos que passaram, que ficaram e ainda virão. Pela invenção que me ensina tanto e me abre lugar. Pelo público, que nos transmite. Pela porta que abriu e mantém aberta junto a alguns outros com afeto. Por fazer marco em minha história.

Ao Fórum do Campo Lacaniano da Região Metropolitana de Campinas (em formação), na figura de alguns rostos coincidentes e outros novos, por se mostrar para mim mais um espaço de acolhida da palavra e da invenção em Psicanálise. Pelo trabalho árduo que somente pode se fazer em conjunto.

Ao PsiPoliS, por fazer a palavra circular dentro e fora do grupo, dentro e fora de nós. Por instigar mesmo nos momentos mais improváveis para qualquer tipo de produção acadêmica. Pela leveza dos seus verdadeiros encontros apaziguadores.

A Mariana e Roger, por escutarem e fazerem mesmo sem saber.

A meus pais, Paulo e Rita, incansáveis em tentar garantir o impossível que somente o amor é capaz de sustentar. À minha família basilar, vó Rosa, tio Rui, tia Magda, André e Filipe, por circunscrever um dos círculos fundamentais ao qual pertenço.

A Ana Cláudia, Ana Elisa, Dener, Daiane, Iara, pela amizade que se estreitou nesse meio-tempo. À Marie-Lou, pelas inquietações. A Thales, Leo Paiva e Karine, pelo companheirismo de que não me esqueço. A Leo Coutinho, por topar loucuras teóricas e percorrer junto o que elas nos abrem. À Mynara, pela descoberta da voz. A tantos e tantas que não cito aqui, mas que fizeram parte e ecoam.

Ao Lucas, pelo encontro mais doce e ardente, pela melodia, pela duração. Pelo amor e companheirismo que cultivamos todos os dias. Pela curiosidade do futuro.

Aos persas, terters e jabuticabeiros, pelo cotidiano.

A David Bernard, pela recepção em Rennes.

Aos funcionários do IEL, pela dedicação que mantém conosco, da dúvida mais singela por email aos repasses. Ao Cris, pela conversa boa nos corredores da biblioteca.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pela outorga dos processos nº 2019/26989-5 e 2021/07176-3, concedendo o apoio financeiro integral de dezembro de 2020 até dezembro de 2022, tão necessário para que esta dissertação pudesse ser desenvolvida. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela outorga do processo nº 130670/2020, concedendo o apoio financeiro integral de março a novembro de 2020, também crucial para o desenvolvimento desta pesquisa.

RESUMO

O principal objetivo deste trabalho é explorar a noção central de desejo em Lacan pelo viés das operações da metáfora e da metonímia, escritas dos dois modos de articulação entre significantes e seus efeitos de significação. Esses dois modos de arranjo dos elementos significantes em cadeia abrem caminho para uma reflexão sobre o desejo em suas relações com a linguagem, tema que já se encontra presente sob outros termos no livro inaugural de *A interpretação dos sonhos* (Freud, [1900] 2001) com os mecanismos do trabalho do sonho. Em nosso percurso, valemo-nos predominantemente de alguns textos do período da década de 1950 presentes na coletânea *Escritos* (Lacan, [1966] 1998) e suas adjacências, focando precisamente nas especificidades da leitura que Lacan realiza da linguística estrutural de base saussuriana. Atravessam essa pesquisa, de ponta a ponta, três impasses fundamentais: 1) há uma relação não harmônica entre linguística e Psicanálise baseada num "contato constante" (Milner, 2010) entre ambas e numa irredutibilidade de interesses teóricos sobre o que se manifesta na fala; 2) a coletânea *Escritos* e, em geral, a teorização em Psicanálise, preserva um movimento constante de reformulação baseado na impossibilidade de dizer tudo sobre a verdade inconsciente; 3) o desejo é articulado, porém não articulável (Lacan, [1961-1962]). Por outro lado, uma reflexão sobre desejo, metáfora e metonímia também nos abre caminho para pensar diferentemente o papel dos mecanismos próprios da língua em Psicanálise, na maneira como eles necessariamente erram a verdade inconsciente e nos efeitos que possam daí derivar.

Palavras-chave: Linguagem e Psicanálise; Lacan; Linguística; desejo; significante

ABSTRACT

The main aim of this study is to explore the central notion of desire in Lacan through operations of metaphor and metonymy, writings of the two modes of articulation between signifiers and their effects of signification. These two ways of arranging signifiers in a chain paved the way for a reflection on desire and its relationship with language, theme already present under other terms in the inaugural book The *Interpretation of Dreams* (Freud, [1900] 2001) and with the dream-work mechanisms. In our theoretical path, we make use predominantly of some texts from the period of the 1950's published in the collection *Écrits* (Lacan, (1966) and its surroundings, focusing precisely on the specificities of Lacan's reading of the Saussurian-based structural linguistics. Throughout this research, from end to end, there are three fundamental impasses: 1) there is a non-harmonic relationship between linguistics and psychoanalysis based on a "constant contact" (Milner, 2010) between both of them and also on an irreducible theoretical interest on what is manifested in speech; 2) the collection *Écrits* and, in general, the theorization in Psychoanalysis preserves a constant movement of reformulation based on the impossibility of saying everything about the unconscious truth; 3) desire is articulated, but not articulable (Lacan, [1961-1962]). On the other hand, a reflection on desire, metaphor, and metonymy also paves the way for a different way of thinking about the role of own mechanisms of language in Psychoanalysis, in the manner they necessarily miss the unconscious truth and the effects that may derive from it.

Key-words: Language and Psychoanalysis; Lacan; Linguistics; desire; signifier

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 12

PARTE I: DESEJO 13

INTRODUÇÃO 13

Primeiro impasse: Linguística e Psicanálise 16

Segundo impasse: ler os Escritos 21

Terceiro impasse: dizer o desejo 24

DESEJO DE FREUD A LACAN 28

Desejo em Freud 29
A via régia para o inconsciente 37
Incômoda estranheza, infamiliar inquietação 51

Desejo em Lacan 56
Um retorno a Freud 60
De um sujeito do inconsciente falante e desejante 62

PARTE II: LINGUÍSTICA E PSICANÁLISE NAS TRAMAS DO SIGNIFICANTE .. 72

LINGUÍSTICA E PSICANÁLISE 72

Metáfora e Metonímia I 74

De um aparelhamento com a Linguística 86

Freud e a Linguística? 102

Do trabalho do sonho à cadeia significante 105

Metáfora e Metonímia II 114

Conversa de comadres 120

SUSPENSÃO: NEM ONTOLOGIA, NEM ANTOLOGIA DO DESEJO 124

REFERÊNCIAS 128

APRESENTAÇÃO

Por mais que reivindiquemos o nome de Freud e Lacan, esse trabalho não tem a pretensão de dar conta de tudo o que foi dito por eles a respeito do desejo, esta noção que se tornou tão central na Psicanálise que segue suas orientações. Tampouco, ao reivindicarmos a Linguística, pretendemos dar conta da leitura feita por Lacan de um de seus paradigmas científicos, nem muito menos o que nesta leitura foi conforme o estabelecido nos quadros desta ciência. Não é questão aqui de promover um ajuste de contas com isso que, de uma Linguística transfigurada, foi deixado de lado posteriormente por Lacan, que não deixa de reconhecer a importância imprescindível deste mergulho para tratar da noção tão opaca que é a linguagem. Tanto de um lado quanto de outro, não há respostas definitivas sobre este termo tão presente quanto enigmático e o debate permanece em aberto.

Revisitar nos dias de hoje algo trabalhado ao longo dos anos 1950 na França não pode vir sem ao menos uma olhadela sobre o que veio depois na obra de Lacan, mas também, e sobretudo, não pode vir sem uma afetação pelo que nos concerne também hoje no próprio território em que nos propomos a fazer qualquer pesquisa. Assim, esse percurso não valeria de nada se não pudesse suscitar também questionamentos não esperados quando do início do trabalho e que dizem respeito a um outro papel para a língua que não o de somente um modelo teórico. Mais do que conclusões fechadas a respeito do que já foi extensamente discutido por pessoas muito mais qualificadas, é questão de tentar dar uma forma – nada definitiva – ao que se abre como brecha no contato com o que nos cerca.

PARTE I: DESEJO

INTRODUÇÃO

> *Unde exoriar*? – É essa a questão pouco pretensiosa e, até mesmo, terrivelmente positiva e modesta que se pode colocar antes de se tentar abordar, por algum ponto, a substância deslizante da língua. Se o que pretendo dizer a respeito disso é verdade, não há um único ponto que seja o ponto de partida evidente. (Saussure, [2002] 2004, p.241).
>
> A gente só sabe bem aquilo que não entende. (Rosa, 1983, p. 268).
>
> Elementos que na verdade são simultâneos nesse todo complexo só podem ser representados sucessivamente em minha descrição deles, ao mesmo tempo que, ao expor cada argumento, tenho de evitar precipitar as razões em que ele se fundamenta: dominar essas dificuldades está além de minhas forças. (Freud, [1900] 2001, p. 563)

Por eu começo a me enveredar? Questão ao mesmo tempo modesta e terrivelmente difícil quando se trata de uma pesquisa em qualquer campo, ainda mais onde se é preciso todo um trabalho de construção do objeto a ser investigado. A inquietação de Saussure a respeito de por onde começar uma abordagem cientificamente relevante da substância deslizante da língua não é estranha a uma angústia de por onde começar a falar do desejo segundo Lacan em um contexto que nos remete à Linguística e à linguagem, e não à sua tradição filosófica. Um percurso cronológico constituiria talvez uma solução fácil demais, uma vez que o desejo, em seu jogo de antecipações e retomadas e em sua "volta do mesmo sob as diferenças" (Henry, [1977] 2013, p. 155), nos prega peças sobre o que viria antes ou depois.

A escolha de tomar o desejo enquanto objeto a partir de um viés que leve em conta a cadeia significante e suas funções essenciais, a metáfora e a metonímia, foi fruto certamente de um percurso pela Linguística antes de se adentrar a Psicanálise. Qualquer outro ponto de partida seria igualmente válido. Fruto deste percurso, ainda, mostra-se o afinco por não deixar a Linguística completamente de lado ao fazer uma leitura de alguns textos de Lacan escritos ao longo da década de 1950, período em que esta ciência era considerada como uma aliada e instrumento importante de seu retorno a Freud, sobretudo na figura de três nomes particulares: Ferdinand de Saussure, Roman Jakobson e Émile Benveniste (Roudinesco, 1994, p. 311). Período, aliás, em que muitos outros olhos do vasto campo das ciências humanas também estavam voltados para o método desta Linguística então chamada de estruturalista, influência que também não deixa de ser relevante. Assim, a escolha por um percurso que privilegiasse

inicialmente a coletânea *Escritos* se dá justamente pelo fato de vermos ali textualizada uma leitura do que também se denominava nesse outro lugar como significante, metáfora e metonímia. Repetimos: qualquer outro ponto de partida seria igualmente válido.

Numa história que veremos envolver tanto uma aproximação (um tanto tímida) na forma de uma referência ou de um aparelhamento (Lacan, [1953] 1998) quanto um distanciamento entre Lacan e a Linguística (Lemos, 2011), optamos por um foco sobre este primeiro momento de contato, que certamente é resignificado pelo segundo momento de diferenciação explicitamente demarcada: "Meu dizer que o inconsciente é estruturado como uma linguagem não é do campo da linguística" (Lacan, [19 dez. 1972] 1985, p. 25). Certamente, essa aproximação precisa ser problematizada, uma vez que, quando Lacan está falando de significante e do que dele deriva, não se trata da mesma coisa que seus homônimos empregados por certos linguistas. Alguma diferença se marca desde o início.

De maneira inevitável, começamos mesmo por alguns impasses que não poderiam ser ignorados nesta pesquisa, uma vez que a atravessam de uma ponta à outra e que foi através deles, em sua impossível resolução, que ela pôde avançar. São eles: **1)** a relação entre Linguística e Psicanálise está longe de ser harmônica, uma vez que aquilo que interessa uma em questão de língua não coincide com o que interessa à outra em termos de linguagem; **2)** há uma especificidade importante na leitura e no trabalho com os textos da coletânea *Escritos* (Lacan, [1966] 1998), particularmente seu movimento constante de reformulação e não fechamento pelo autor, elemento muito mais importante do que a síntese de um saber exigida em uma escrita universitária; **3)** e, por fim, há um paradoxo quando se trata do desejo em suas relações com a linguagem, principalmente quando a tomamos a partir de determinados mecanismos de seu funcionamento: ainda que o desejo não seja da ordem do inefável (id. [1955] 1998) ou do pré-verbal (id., [16 abr. 1958] 1999), trata-se nele de algo incompatível com a fala, mesmo quando se proporciona ao sujeito toda a liberdade para tentar formulá-lo (id. [1958] 1998, p. 647). Em outros termos, ele remete a um "para-além do verbo" (id. [16 abr. 1958] 1999).

Em linhas gerais, através desses impasses, pretendemos antes de tudo começar com a indagação geral a respeito do que significa investigar em Psicanálise, quando se trata de uma pesquisa teórica e não de um caso clínico, e do que, nesse verdadeiro trabalho, não pode

deixar de ser levado na mais alta conta. Qual seria a especificidade em jogo nessa leitura? O que quer dizer avançar verdadeiramente em uma problemática de forma a não somente repetir e elencar os dizeres de vários outros autores, ou seja, o que significaria produzir uma diferença mesmo quando se trata supostamente de um mesmo material já tão extensamente estudado: o legado escrito de Freud e Lacan?

Encontramo-nos sob o risco de recair em dois extremos descritos por Renato Mezan (1993, p. 117) ao retomar os escritos de Jean Laplanche sobre a relação tensa entre a Psicanálise e a universidade[1]: de um lado, o que o autor chama de dissertação filosófica, texto exigido aos estudantes franceses em seus exames finais que se restringe a contrapor ideias de diferentes autores e remontar às origens e inter-relações de determinada noção teórica, por vezes à exaustão, de forma a apagar qualquer tipo de afetação do sujeito pela questão norteadora; e, de outro, o denominado testemunho, que traz o relato de uma experiência desatrelado da teia conceitual que dá consistência a um determinado campo do conhecimento.

Certamente esses dois formatos não deixam de ser importantes. E certamente há também inúmeras possibilidades singulares entre cada um deles. Recorremos muitas vezes às sínteses produzidas sobre determinada noção em um determinado campo, até mesmo porque precisamos saber, em meio a uma vasta bibliografia, por onde começar a procurar e a se aventurar. Além disso, a leitura de outras experiências nos empresta meios para começar a ler o nosso próprio percurso de início tão opaco, ainda mais quando se trata de algo tão central em qualquer experiência analítica como é o reconhecimento do desejo.

O grande desafio de uma pesquisa em Psicanálise (e em qualquer outro campo) é, portanto, o de não escrever somente para si, como pode ser o caso do testemunho, e não somente para seus pares, em sua linguagem hermética própria, como é frequentemente o caso

[1] Esta relação foi fruto de uma polêmica recente no Brasil com a aprovação pelo MEC, em 2021, de um curso de graduação da UNINTER na modalidade EaD que visa a oferecer aos alunos um diploma de bacharel em psicanálise após 4 anos de estudos. Houve uma movimentação massiva de psicanalistas contra este oferecimento (cf. o dossiê da revista Cult "Como se forma um psicanalista" [Kuperman et. al., 2022], dentre outros), uma vez que a formação se dá de forma contínua nas chamadas Escolas de Psicanálise e seus variados dispositivos clínicos, cartéis, grupos de estudo e pesquisa. Não é concedido um certificado ou uma garantia de qualquer tipo que autorize o exercício profissional, uma vez que esta autorização parte do próprio sujeito que escolhe ser analista e que se familiariza com a ética da psicanálise. Esta ética, em linhas gerais, poderia ser definida como um reconhecimento e uma não atribuição de um sentido imediato e hermético ao desejo do sujeito, como veremos ao longo desta dissertação. A clínica psicanalítica também não é uma profissão regularizada, o que permite que outros profissionais, para além de psicólogos e psiquiatras, possam exercê-la a partir de uma formação nas escolas e associações. Ao mesmo tempo, a inserção da psicanálise nas universidades e, em particular, em outros cursos, como é o caso do departamento de linguística do IEL, não deixa de ser importante para que ela possa ser conhecida por alunos que não teriam inclusive a chance ouvir falar dela em outros espaços, como foi o meu caso. Nesta relação, é preciso ter em mente, sobretudo, que a pós-graduação não substitui a formação, e vice-versa (Dunker, 2010).

na dissertação filosófica. Até onde pudemos perceber olhando de trás para frente, a pesquisa deve partir de um ponto singular do sujeito afetado por uma questão e que se põe a escrever para um público específico. Esse movimento não pode excluir uma certa responsabilização e implicação daquele que escreve e das outras vozes que participam de seu texto, como o orientador, os teóricos que frequenta, o analista, os colegas de pós-graduação, dentre muitos outros (cf. Dunker, 2010). Em outras palavras, uma pesquisa deve nascer de uma insatisfação particular com o já-sabido (Mezan, 1993, p. 116), a qual ganhará forma, não sem diálogo, com um determinado percurso pela teoria até que se possa extrair dela, se não uma dimensão universal, como nos afirma Mezan, talvez uma dimensão palpável para uma comunidade aberta de leitores. Forma que não deveria apagar, nessa estrada, o ponto subjetivo que demarca seu início. Afinal, visa-se produzir uma contribuição, mas não sem rigor para com a experiência (cf. Mezan, 1993; Dunker, 2010).

Como, em Psicanálise, o mais importante não é uma temporalidade linear, comecemos então com os impasses encontrados ao longo do caminho, mas que situamos nesta introdução, quase a título de aviso aos leitores desavisados que possam buscar soluções definitivas neste trabalho.

Primeiro impasse: Linguística e Psicanálise

Este primeiro ponto que trata das relações não harmônicas entre Linguística e Psicanálise é bastante vasto e será trabalhado durante a segunda parte desta dissertação. Contentamo-nos, por ora, em apresentar algumas breves considerações que gostaríamos que o leitor guardasse em mente.

Em primeiro lugar, podemos dizer que a relação entre Linguística e Psicanálise é a de um encontro proporcionado pela leitura de Lacan. Em seu movimento de retorno a Freud, ele dialoga com noções provenientes deste campo – como as de significante, metáfora, metonímia, sincronia, diacronia, fala e linguagem – transformando-as de acordo com seus interesses teóricos. O fato é que, em um determinado momento, o aparelhamento com a Linguística se mostrou aparentemente incontornável para tratar do que estava em jogo no inconsciente: “Um dia percebi que era difícil não entrar na linguística a partir do momento em que o inconsciente estava descoberto” (Lacan, [19 dez. 1972] 1985, p. 24). Isso se deve a

vários fatores, inclusive a uma grande visibilidade da Linguística nos anos 1950 com o que foi denominado nas ciências humanas como estruturalismo.

Entretanto, não é possível afirmar que houve uma relação explícita com a Linguística já em Freud, mesmo este sendo contemporâneo do lançamento do Curso de Linguística Geral[2] em 1916, a não ser de forma bastante marginal. Ainda que Lacan argumente que a publicação de *A interpretação dos sonhos* ([1900] 2001) teria se antecipado (em muito, na sua ênfase) às primeiras formalizações que conhecemos com o CLG (Lacan, [1957b] 1998, p. 516), abrindo-lhes caminho mesmo que sob a forma de um diálogo não explicitado, não encontramos nenhuma alusão de Freud a qualquer noção do que se denominou, a partir de Saussure, como a Linguística moderna.

Sem dúvida Freud apresentava uma sensibilidade para o funcionamento da linguagem, como podemos ver também em *Psicopatologia da vida cotidiana*, *O chiste em suas relações com o inconsciente* e em seus vários relatos de casos. Entretanto, essa preocupação com o que escapa no dizer cotidiano ou dentro da clínica não convoca a sistematização de regularidades na língua, que é o cerne da ciência Linguística. Poderíamos dizer, aliás, que se trata da escuta de uma quebra nestas mesmas regularidades, uma escuta daquilo que foge ao convencional: uma palavra empregada em um contexto não usual, uma mistura entre palavras, uma mistura entre sons que origina outra palavra, uma mudança no registro de formalidade, um esquecimento da palavra que teria que ser empregada naquele momento. Além, claro, de uma escuta dos efeitos dessas trocas naquele que diz.

Isso nos faz pensar que é um saber de outra ordem em relação à linguagem que é convocado na escuta psicanalítica, aspecto reconhecido por Benveniste, um linguista leitor de *A interpretação dos sonhos* de Freud.

> Estamos pois, na presença de uma "linguagem" tão particular que há o maior interesse em distingui-la daquilo que assim designamos. É sublinhando essas discordâncias que se pode melhor situá-la no registro das expressões linguísticas. (...) Voltamos assim ao "discurso". A continuarmos essa comparação, tomaríamos o caminho de fecundas comparações entre a simbólica do inconsciente e certos processos típicos da subjetividade manifesta no discurso. Pode-se, ao nível da linguagem, precisar: trata-se dos processos *estilísticos* do discurso. De fato é no estilo, mais que na língua, que veríamos um termo de comparação com as propriedades que Freud desvendou como signaléticas da "linguagem" onírica. (Benveniste, [1956] 1995, p. 93, itálico do autor).

[2] Doravante CLG. Mesmo que conste o nome de Ferdinand de Saussure no espaço de autoria, esta é uma obra póstuma publicada 3 anos após seu falecimento em fevereiro de 1913. Ela é fruto da compilação de 3 cursos de linguística geral ministrados por Saussure entre 1907 e 1911, a qual foi feita por Charles Bally, Albert Sechehaye e Albert Riedlinger.

Isso nos convoca aos estudos de Retórica, de Dialética aristotélica, de Gramática e Poética (Lacan, [1953] 1998, p. 289), todos olhares sobre o funcionamento da linguagem muito anteriores ao da ciência Linguística e que remontam à antiguidade clássica. Além disso, há outra diferença substancial que concerne à forma como Linguística e Psicanálise tratam o fato de que "tudo pode ser dito" (cf. Gadet, 1983). Para a Linguística, as diferentes línguas são sempre suficientes para exprimir aspectos da experiência de seus falantes e o que varia entre elas são os diferentes recursos gramaticais para tanto. Caso seja uma questão de vocabulário, empréstimos interlinguísticos resolvem facilmente o problema de nomear aquilo que seria inicialmente estranho a uma determinada comunidade Linguística, até que o movimento natural de mudança incorpore essas novas palavras no conjunto da língua. O vocabulário da internet, para citar um exemplo, é prova disso. Já para a Psicanálise, trata-se justamente do contrário. A riqueza de recursos que temos em nossa própria língua e nas demais com as quais entramos em contato importa somente até certo ponto. Existe algo em relação ao inconsciente que não pode ser dito porque justamente remete ao um anterior e exterior da própria linguagem, algo que remete a um elemento desconhecido que garante a sua própria existência e a insistência do inconsciente. Essa explicação nos falta não importa o quão avidamente procuremos. Neste contexto, para MD Magno (2016), a língua não dá conta de tudo. Ela certamente "diz uma porção de coisas, mas é um fracasso" (p. 10) quando se trata de dizer tudo sobre o desejo.

A relação entre Linguística e Psicanálise parece não ser necessária, então por que recorrer aqui, mesmo assim, a esse campo paradoxalmente tão próximo – porque lida ainda que indiretamente também com o sujeito falante[3] – e tão diferente na maneira de tratar o que está em jogo no dizer?

No momento que privilegiamos aqui do ensino de Lacan, a Linguística entra para esclarecer algo a respeito da combinatória que Freud já encontrara no inconsciente quando observa e sistematiza o trabalho do sonho. O objetivo é então fazer uma referência ao seu modelo, que lida com um "jogo combinatório operando em sua espontaneidade, sozinho, de maneira pré-subjetiva" (Lacan, [22 jan. 1964] 1998, p. 26). Esta combinatória tem seu valor

[3] Em uma lição do Seminário 14 ([1967] 2008, p. 187), Lacan dirige a palavra para Jakobson, que ali estava presente: "O senhor é aquele que transmite essa espécie de disciplina que é a mais próxima da nossa" (*apud* Lemos, 2014a, p. 955).

porque convoca dois eixos, um que nos apresenta uma sequência linear de elementos presentes no discurso e outro que oferece toda uma gama de possibilidades de elementos ausentes, que, vez ou outra, mostram suas cartas.

Entretanto, se observamos um entusiasmo inicial com a Linguística, vemos progressivamente sinais de adeus a uma relação possível com este campo a partir dos anos 1960 (Milner, [2000] 2016, p. 35) até o distanciamento explícito pelos neologismos *lalíngua* e *linguisteria*, proferidos pela primeira vez, respectivamente no Seminário XIX, em 1971, e no Seminário XX, em 1972 (Lemos, 2011). Esse afastamento coincide com uma mudança de paradigma teórico dentro do campo da Linguística, que deixa de ser saussuriana e passa a ter como maior expoente a teoria gerativo-transformacional de Chomsky (Milner, 2010). Com o significante deixado de lado, a Linguística perde um interesse maior para Lacan[4].

Lalíngua e *linguisteria* constituem, portanto, uma declaração de uma não-relação entre esses dois campos, uma vez que a dimensão da linguagem que importa à Psicanálise está para além do objeto estabelecido por esta ciência: "a referência pela qual situo o inconsciente é justamente aquela que escapa à linguística" (Lacan, [1972] 2003, p. 491).

O neologismo *lalíngua*, escrito a partir da junção entre o artigo definido [*la*] e o substantivo língua em francês [*langue*], coloca em relevo a dimensão do gozo do ser falante ao lado da dimensão da língua: "aquilo por meio do qual, num só golpe, há língua (ou seres qualificáveis como falantes, o que dá na mesma) e há inconsciente" (Milner, [1978] 2012, p. 26). Em outros termos, ela traz de maneira bastante marcada o próprio corpo deste ser falante atravessado pela linguagem, desde sua lalação (cf. de Campos, 1989) até os inúmeros equívocos que ele produz ao longo da vida, dentro e fora de uma situação analítica. Ela nos traz algo que demonstra que a comunicação não é bem sucedida. Por isso mesmo, ela é um elemento que insiste na fala, na escrita e na poesia (Lemos, 2014b). Nas palavras de MD Magno (2016), *lalíngua* "*é* e *não é* língua, pois não diz tudo" (p. 9, itálicos do autor).

A *linguisteria* [*linguisterie*], por sua vez, é formada, segundo Milner ([2000] 2016, p. 42), a partir do nome "linguista" (e não "Linguística"!) misturado a um sufixo que designa "grupos cujos membros são dispersos, desprezados, rivais uns dos outros e condenados a uma velhice deplorável: escroqueria, galanteio [*galanterie*], pedantismo [*pédantisme*, mas também

[4] Lacan chega a comentar a famosa frase de Chomsky "Ideias verdes incolores dormem furiosamente" [*colorless green ideas sleep furiously*] na abertura de seu seminário de 1964-1965 intitulado "Problemas cruciais para a psicanálise" (cf. Henry, 2012, p. 100).

pédanterie], plágios [em francês, também sinônimo de *piraterie*]". Ela aponta para uma "proximidade e heterogeneidade absoluta" entre Linguística e Psicanálise (id., 2010, s/p). Essa heterogeneidade consiste justamente na distinção ressaltada por *lalíngua* em sua consideração da dimensão do inconsciente presente no dizer dos seres falantes. Assim, os próprios linguistas são também lidos, sobretudo, enquanto sujeitos falantes submetidos aos equívocos do inconsciente e às errâncias do desejo. O que alguns deles produzem, um pouco de Linguística, continua contando, mas somente a partir de seu viés de aventura. A leitura é guiada muito mais pelo seu fracasso de sistematização do que pelos seus êxitos (id., [2000] 2016, p. 42): "são os sujeitos linguistas, como testemunhas, não de uma ciência bem-sucedida, mas sim das falhas que a cortam – as suas próprias falhas"[5] (Milner, [2002] 2008, p. 206).

Após esse corte definitivo dado na década de 1970, aproximar Linguística e Psicanálise só pode ser à maneira de deixar visível uma sutura[6]. Em outros termos, somente se levamos em conta uma irredutibilidade entre ambas em seus interesses teóricos e analíticos. Propomos então perguntas que uma poderia lançar para a outra, mantendo assim um limite e ao mesmo tempo um lugar para um entremeio, que seria também um lugar de afetação[7]. Dessa forma, julgamos não esbarrar numa tentativa de esclarecimento das falhas de uma pelas respostas aparentemente completas da outra. Muito pelo contrário, interessam as formas possíveis de se tocar os limites uma da outra e do que pode ser formulado a partir dos fracassos (produtivos) de uma (re)aproximação.

O linguista fica intrigado com a seguinte afirmação: "não se pode dizer de qualquer maneira, e este é o problema de quem habita a linguagem, quer dizer, todos nós" (Lacan, [10 abr. 1973] 1985, p. 136). O fato da fala ser direcionada para alguém que a responda, mesmo na forma de um silêncio, implica que não se circunscreve de qualquer maneira a falta essencial que estrutura a linguagem, o objeto *a* causa de desejo. Os ouvidos dos psicanalistas, destinados a não compreender no sentido usual do termo, escutam um sujeito falante de uma língua (ou línguas) específica(s) e isso não é irrelevante na forma como esse sujeito irá construir as bordas de contato com o desejo. Além disso, transmitir algo da Psicanálise, seja

[5] Tradução a partir do original: « (...) ce sont des sujets linguistes, comme témoins, non d'une science réussie, mais des failles qui la refendent – leurs propres failles. »

[6] MD Magno, em uma aula sobre a topologia em Lacan e seu conceito de Revirão, realiza diversas operações, como cortes, dobras, etc., de forma a deixar visível aos espectadores as diversas propriedades da banda de Moebius e da banda Euclidiana. Em diversos momentos, após cortes com tesoura, ele diz que, se tivermos paciência, podemos juntar novamente as partes e observar a sutura. (Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=_DkGI7frZLQ>, acesso em 2 nov. 2021).

[7] Baseamo-nos no movimento de Didier-Weil (1997), que propõe um diálogo entre o artista (na materialização do dançarino, do pintor, do poeta e do músico) e o psicanalista.

na forma de teorização ou de testemunho a respeito de uma experiência analítica, é empregar os meios disponíveis de uma língua particular, nem que seja para subvertê-los na poesia. Assim, a escuta de um ponto de subversão pode pressupor as regularidades que a Linguística trabalha arduamente para explicitar. O linguista lança, assim, a seguinte pergunta: *Se a cadeia significante é o ponto de partida para algo que se situa para além dela e cuja ausência se marca no discurso, qual o papel da ordem dos elementos combinatórios que a compõem?*

Em contrapartida, o psicanalista alerta o linguista para sua ânsia de apreender a estrutura rígida do que se repete naquilo que se diz a outros falantes. Alerta-o de que a repetição por vezes nos prega peças e que o retorno do idêntico pode vir por formas que não estávamos esperando, inclusive na possibilidade do equívoco e na impossibilidade de dizer tudo, as quais chegam impreterivelmente. Nesse diálogo estabelecido, o psicanalista retruca-lhe da seguinte forma: *O que podemos reconhecer ali onde a língua falha e que outra função ela teria uma vez despojada de um mecanismo imune aos equívocos?*

Segundo impasse: ler os Escritos

Dissemos que a especificidade dos *Escritos* de Lacan consiste em seu movimento constante de reformulação e não fechamento de noções teóricas, quase como se o famigerado "retorno a Freud" se desse muito mais à semelhança de uma espiral acidentada do que sob a forma de uma trilha em linha reta. Sobre seus *Escritos*, coletânea publicada em 1966 que reuniu textos desde o final da década de 1940, Lacan diz em 9 de janeiro de 1973: "Eu pensava, e talvez chegue mesmo a isso, eu pensava que eles não eram para ser lidos" (1985, p. 38).

Ora, isso nos coloca um problema sério para uma pesquisa que se propõe justamente a lê-los. Qual seria a leitura exigida para aquilo que se dá a ver dos mecanismos inconscientes e o que é possível escrever a partir dessa experiência de escuta? No prefácio escrito para incorporar a tese de Anika Rifflet-Lemaire (1971), um dos primeiros trabalhos acadêmicos sobre seus *Escritos*, podemos ler sobre as segundas intenções dos universitários: "Eles estarão interessados em transmitir literalmente o que eu disse: como o âmbar que aprisiona a mosca, para não saber nada de seu voo." (Lacan, [1969] 2003, p. 399).

A síntese, portanto, não parece ser o caminho. Um a mais se impõe nesta leitura de algo que parece um imbróglio rico e rigoroso de vários campos e tradições distintas, algo que faz incessantes retornos ao que parece ser "a mesma coisa" dita de várias formas, como veremos ser o caso do desejo. Algo que convoca também, sobretudo, para uma experiência. Lemos ainda neste mesmo prefácio algo que não podemos ignorar: "Meus *Escritos* são impróprios para a tese, especialmente universitária: antitéticos por natureza, já que, no que formulam, só há como se deixar envolver ou largá-los de lado" (id., p. 389).

Uma justificativa do tipo "deixar-se envolver" não basta e mostra-se preciso uma explicitação de nosso método de leitura não evidente. Como o discurso inconsciente, a teoria psicanalítica também nos expõe a seus deslocamentos, condensações, homofonias, ambiguidades e umbigos de sonho capazes de nos barrar de continuar alguma interpretação, mas somente se os levarmos a sério. Entretanto, não se mostra tão automática a passagem de um método de tratamento a um método de investigação (cf. Dunker, 2010). Se na clínica o que importa é a atenção flutuante do analista para aquilo que quebra a linearidade de uma história – aquela palavra que escapa e que é justificada como sendo somente um erro de atenção, isso para dizer o mínimo –, na escuta do texto entram em jogo também outros elementos, que não podem dispensar certo rigor com o que o próprio escrito propõe, onde ele se situa e com o que ele dialoga.

Retomando Laplanche, Renato Mezan (1993) defende o emprego do método analítico para a pesquisa envolvendo textos de Psicanálise, com algumas ressalvas. A leitura não poderá dispensar que todo fenômeno psíquico é sobredeterminado por processos inconscientes, inclusive a própria formalização em jogo na Psicanálise. Isso é questão de coerência. Assim, poderíamos até mesmo dizer que, como regra metodológica, a atenção do leitor precisa se voltar para alguns detalhes que poderiam facilmente passar despercebidos: uma reformulação, um detalhe que destoa do conjunto do texto ou da obra, a palavra empregada para exprimir ou justificar um movimento teórico a partir do que se observa na prática. Isso significa que os constantes rodeios linguageiros feitos por Lacan em seus seminários e as constantes reformulações de Freud, cujos traços ele faz questão de não apagar, são, por exemplo, muito mais do que o modo como a coisa se exprime. Eles são o próprio ponto privilegiado de observação. E, nessa leitura que exige uma circulação constante pelos mesmos pontos de parada para que também possam ser apreendidos os efeitos de uma temporalidade do só-depois, quase tudo vale na tentativa de destacar outras redes de significação destes mesmos textos supostamente tão trabalhados e retrabalhados. Inclusive, e

por que não, um passeio pelas diferentes línguas e traduções e pelo que poderia ressoar daquilo que se ouve em língua estrangeira em nossa língua materna, esquecendo-se, por um momento, de que há fronteiras.

Saindo um pouco dos *Escritos,* temos ainda a questão da passagem da noção de desejo em Freud para aquela que será explorada por Lacan. Isso poderia nos dizer a respeito de um possível saber acumulativo em Psicanálise? Estamos falando de coisas distintas tanto em um quanto em outro, como veremos, mas, ao mesmo tempo, o que Lacan pôde formular a respeito do desejo e de sua centralidade na experiência analítica não teria sido possível sem Freud. Além disso, partimos também da hipótese de um terceiro elemento que corroboraria nesta transformação: algumas noções linguísticas.

Como nos aponta Mezan, esta cumulatividade é um problema epistemológico, e não um problema propriamente psicanalítico. Por isso mesmo ela pode ser tão privilegiada em trabalhos acadêmicos. Entretanto, entra aqui em jogo ainda outra especificidade importante em relação às ciências empíricas. Se tomamos, por exemplo, a sucessão da primeira e segunda tópicas em Freud (respectivamente inconsciente, pré-consciente e consciente; e eu, supereu e isso) e a tríade posteriormente proposta por Lacan (os registros do imaginário, simbólico e real), mesmo que se trate de um avanço temporal na formalização de algumas noções importantes para se ler o aparelho psíquico, não podemos dizer que elas invalidem ou complementem uma a outra. Todas persistem na teoria de tal forma que é sempre possível retomá-las quando se lida com determinado fenômeno e algumas delas resistem ao tempo e permanecem centrais. Assim, entendemos essa cumulatividade, que permite inclusive que a Psicanálise seja elevada ao estatuto de um campo e que também se encaixe de alguma forma na universidade,

> não no sentido de um progresso linear, que não existe em forma pura nem mesmo nas ciências exatas, mas no sentido de que estas entidades se pressupõem umas às outras, que a descoberta de uma delas – ou a sua construção – não seria possível sem que os predecessores tivessem realizado seu trabalho. E por ‘predecessor’ não entendo apenas que as ideias de Melanie Klein seriam impossíveis sem as de Freud, ou as de Lacan impossíveis sem as de Freud e de Klein, posto que suas obras percorrem trajetórias próprias que os conduzem a passar muitas vezes pelo mesmo problema, embora em níveis de verticalidade diferentes. (Mezan, 1993, p. 96)

Os predecessores são também os próprios autores em relação a si mesmos, em seus movimentos de continuidade, ruptura e de novos diálogos. A Psicanálise nos mostra que é

perfeitamente possível estranhar a nós mesmos. Como conhecimento, ela se mostra ser principalmente um saber inacabado, permeável sempre para uma afetação com novos entornos.

Terceiro impasse: dizer o desejo

Por fim, citamos um terceiro ponto de impasse para esta pesquisa, que concerne mais especificamente às tentativas de se dizer o desejo. Depreendemos o seguinte paradoxo de nossas leituras de alguns textos dos *Escritos*, principalmente *A direção do tratamento e princípios de seu poder* e *Função e campo da fala e da linguagem em Psicanálise*: ao mesmo tempo em que o desejo se encontra presente naquilo que o sujeito diz, inclusive de forma bastante enfática – "plantado bem no meio d[a cena]", Lacan escreve sobre o sonho da Bela Açougueira ([1958c] 1998, p. 633) – ele é incompatível com a fala. Entretanto, apesar de o desejo não poder ser representado ou dito por nenhum dos elementos da cadeia significante tomados separadamente, não se trata de algo que possa ser caracterizado como inefável. Ou seja, trata-se de algo articulado na estrutura de linguagem que rege também o inconsciente, mas ao mesmo tempo inarticulável em termos linguageiros. Ou então, de maneira sintética: "o *desejo*, mesmo não sendo *articulável*, não podemos igualmente dizer que ele não seja *articulado*"[8] (Lacan, 1962, p. 157).

A diferença entre o que seria articulado e articulável é um dos pontos de tensão que animam toda esta pesquisa, ou seja, do que, no fim das contas, é incompatível com a fala mesmo tentando incessantemente fazer nela irrupção. Se o sufixo "-ável" nos remete a um quê de possibilidade – o "pronunciável" como aquilo que pode, facilmente ou não, ser pronunciado, o "representável" como aquilo que pode, de uma forma ou de outra, se fazer representar –, temos aqui em jogo um certo impossível inconveniente. Encontramo-nos embaraçados nesta pesquisa acadêmica, em um duplo sentido do termo: quando se trata das peças pregadas pelo desejo, há um verdadeiro nó a ser desatado em meio a uma tremenda falta de jeito quando não estamos mais munidos das palavras certas. Restou-nos apelar para um jogo de cintura (cf. Gonzalez, [1984] 2020). Dada a impossibilidade de articulá-lo em uma

[8] Tradução a partir do original : "Le *désir*, de n'être pas *articulable*, nous ne pouvons dire pour autant qu'il ne soit pas *articulé*".

forma precisa, o desejo exige, a nossos olhos, que nos ancoremos justamente em suas ressonâncias. Uma advertência de Lacan se mostra relevante neste ponto:

> Não nos detenhamos nas etiquetas das gavetas, embora muitos os confundam com o fruto da ciência. Leiamos os textos; sigamos o pensamento de Freud nos meandros que ele nos impõe e aos quais, não nos esqueçamos, deplorando-os ele próprio frente a um ideal do discurso científico, Freud afirma ter sido forçado por seu objeto. **Vemos então que tal objeto é idêntico a esses meandros** [*détours*] (...) (Lacan, [1958c] 1998, p. 626, grifos nossos).

Nessa acepção, *détour* pode tanto significar meandros quanto desvios. Talvez a maior dificuldade de todas resida no fato de que há uma indeterminação própria tanto do objeto do desejo quanto do desejo enquanto objeto de investigação, fazendo com que seja necessário um desvio para tratar dessa questão. Por isso, a escolha pelos mecanismos da cadeia significante e a inquietação com o papel da Linguística.

O desejo não é algo que possa se confundir com o objeto concreto de uma demanda e nem com a satisfação momentânea atingida ao se comprar um bem de consumo, que logo precisa ser substituído por outro e por outro sucessivamente (Bernard, 2015; Bernard, Dumoulin, 2019). Ele também não pode ser fisgado por nenhuma palavra específica. No máximo, faz suas aparições no fio desse discurso do inconsciente, que evocamos acima e que toma, com Lacan, a forma de uma cadeia significante cujos restos são retomados retroativamente pelas orelhas parcialmente atentas do analista em busca de pontos que dão "matéria à interpretação" (Miller, 2013). O objeto de desejo, quando surge, se marca, do lado do sujeito, principalmente por um *fading* [desaparecendo], movimento que não nos permite voltar ao seu ponto de partida, nem apreender seu ponto de chegada definitivo.

Tomando emprestada uma belíssima formulação de Luiz Américo Valadão[9] – que, por sua vez, toma-a emprestada de Clarice Lispector, transmitindo assim seu recado –, o desejo, não desmistificado nem desvelado, vem na forma de uma pergunta: *Como se chama*[10]. O fragmento de Clarice nos desperta para respostas impossíveis, que ecoam novas perguntas:

> Se recebo um presente dado com carinho por pessoa de quem não gosto – como se chama o que sinto? Uma pessoa de quem não se gosta mais e que não gosta mais da gente – como se chama essa mágoa e esse rancor? Estar ocupada, e de repente parar por ter sido tomada por uma desocupação beata, milagrosa, sorridente e idiota –

[9] Texto *O sonho da mulher e a mulher do açougueiro* (inédito), apresentado em um dos encontros de nosso Cartel do Seminário 9, iniciado em março de 2021 e levado a cabo também junto a Leonardo Coutinho, Valéria Motta e Thales de Medeiros Ribeiro a partir dos espaços virtuais oferecidos pela Tykhé Associação de Psicanálise. Infelizmente ele foi interrompido no final de 2021.

[10] Disponível em: <https://claricelispector.blogspot.com/2008/03/como-se-chama.html> (acesso em 12 jun. 2023).

> como se chama o que se sentiu? O único modo de chamar é perguntar: como se chama? Até hoje só consegui nomear com a própria pergunta. Qual é o nome? E este é o nome.

"O que me constitui como sujeito é minha pergunta" (Lacan, [1953] 1998, p. 301). Se não pode ser apanhado, o desejo, em contrapartida, captura o sujeito, por um momento que seja, em "suas aberrações, suas extravagâncias, suas errâncias" (Miller, 2013, p. 1). Se o inconsciente, desde Freud, é a própria insistência com que o desejo se manifesta (Lacan, [1973] 2003, p. 513), ele constitui um tema central e delicado em Psicanálise.

Tentar dizer o desejo exige, no mínimo, uma aposta arriscada. Uma determinada Linguística intervém neste trabalho, portanto, como uma solução encontrada para nos ajudar a compor as bordas desse contorno ao redor da falta, as bordas de um impossível de articular claramente quando se trata do desejo em Psicanálise.

* * *

Dito isso, mãos à obra.

Na primeira parte deste trabalho parte intitulada **Desejo de Freud a Lacan**, exploramos algumas especificidades da noção de desejo em ambos os autores. No quadro de uma ficção teórica do aparelho psíquico cunhada por Freud, encontramos uma definição explícita do desejo como um impulso para reestabelecer uma experiência originária de satisfação. Já com Lacan, ele passa a estar relacionado tanto com uma entrada quanto com uma circulação nos confins da linguagem. Temos a instauração de uma posição subjetiva, a de sujeito desejante, e também de um para-além daquilo que, na fala, se produz como necessidade transfigurada em demanda, não se confundindo com nenhum de seus termos nem tampouco com uma resposta absoluta. Desde Freud, parece haver uma abertura para se pensar a questão do deslizamento significante do desejo, mesmo que esta noção somente tenha sido forjada a partir de uma leitura feita por Lacan. Além disso, há uma abertura para a impossibilidade de dizer toda a verdade a seu respeito, incluindo-se aí a própria questão de sua origem inapreensível e que somente pode ser elucubrada.

Na segunda parte intitulada **Linguística e Psicanálise nas tramas do significante**, focamos mais precisamente nos conceitos de metáfora e metonímia pelo viés de suas origens como figuras de linguagem até a forma como elas foram derivadas e trabalhadas no quadro de uma Linguística estrutural e, por fim, como foram tratadas, por Lacan, como escritas das relações particulares que o significante necessariamente mantém com o significado. Assim, para tratar de uma elaboração necessária daquilo que se mostra como repetição de um momento originário, entram em cena os dois polos do funcionamento da linguagem (Jakobson, [1956] 1975), a metáfora e a metonímia, subvertidos (Ferreira, 2002) em funções essenciais que podemos apreender na organização regida da cadeia significante (Lacan, [1957b] 1998). O que se manifesta no trabalho do sonho pode ser lido então a partir das "leis do significante" (ibid.) que regem a ordem simbólica.

DESEJO DE FREUD A LACAN

Como saber, se há tanta coisa
de que falar ou não falar?
E se o evitá-lo, o não falar,
é forma de falar da coisa?
- *Dúvidas apócrifas de Marianne Moore* (Neto, [1985] 2009)

Gente diz tudo que pensa
Bicho nem pensa e nem diz
E eu ainda vou virar bicho
Que é tudo que eu sempre quis
Só é gente quem se diz
- *Só é gente quem se diz* (Siba, 2019)

Muito se disse e diz sobre o desejo em Psicanálise, principalmente a partir do ensino de Lacan. O desejo torna-se uma questão clínica fundamental incontornável e coloca ainda outras questões a respeito dos rumos de uma análise, particularmente seu fim e/ou seus fins. Dizem por aí, inclusive, que "o propósito de uma terapia é levar alguém a descobrir e respeitar seu desejo (respeitá-lo no sentido que é melhor respeitar um animal selvagem)" e que essa "tarefa de levar o paciente a reconhecer seu desejo (...) é a condição necessária tanto para praticá-lo como para contê-lo e descartá-lo" (Calligaris, 2021, p. 40-41). O desejo, portanto, coloca o sujeito diante de uma escolha que nem o terapeuta poderá fornecer-lhe um salvo-conduto.

Mas como descobrir algo a respeito desse desejo cujo núcleo duro, como constatamos, não se diz? Como então reconhecê-lo, respeitá-lo e tomar uma posição sobre ele em meio a tantas coisas que são ditas e desditas ao longo de uma análise? Isso não se mostra ser nenhuma tarefa evidente, assim como também não é nada evidente esboçar um caminho de pesquisa que leve em conta suas relações com a linguagem, entendida, sobretudo, como algo para além das palavras ditas que podemos compreender. Nossa pretensão aqui não é dar conta de tudo que diz respeito a este "*Kern unseres Wesens*" [cerne de nosso ser], ainda mais que esse tudo, no sentido de um esgotamento da questão, não existe. Ao invés disso, utilizamos o terceiro impasse do capítulo anterior como uma lanterna na palma da mão que ilumina um pouco dos caminhos da noite, deixando também penumbras e espaços completamente ausentes de luz.

Sigamos, portanto, um pouco do pensamento de Freud antes de adentrar propriamente em algumas considerações de Lacan a respeito do desejo, já que, antes de qualquer coisa, foram esses desvios que ele mesmo percorreu.

Desejo em Freud

Não podemos dizer que o desejo seja explicitamente algo central em Freud, como o é a partir da leitura e ensino de Lacan. Para este último, o desejo poderia muito bem ser descrito como o trêmulo ponteiro de uma bússola que aponta em direção ao norte da própria ética da Psicanálise. Ética que fora roçada por Freud em uma pergunta feita ao relento e à qual ele não soube ou não se sentiu autorizado a responder: "Será que se deve fazer pouco da importância ética dos desejos suprimidos – desejo que, assim como levam aos sonhos, podem um dia levar a outras coisas?" (Freud, [1900] 2001, p. 591). A partir do ensino de Lacan, esta ética consiste, grosso modo, em nunca se esquecer do fato de que, enquanto analistas, lidamos sempre com um sujeito que ele denomina como desejante. De preferência, não somente dentro do espaço limitado do consultório[11]. Este sujeito carrega inevitavelmente um passado, mas pode apesar disso carregar em si também uma promessa de futuro, nem que ela signifique uma mudança na forma como ele conta esse passado que não se pode apagar[12]. Considerá-lo como desejante implica também, dentre outras várias coisas (pois a variabilidade lhe é inerente), em não confundir na escuta necessidades, demandas e vontades como coisas a serem imediatamente compreendidas e sanadas quase a qualquer custo, para que sejam então extirpadas. Esta não é a função de um analista porque o desejo de que tentaremos falar aqui não é isso.

Lidar com o desejo não é à maneira do mal que se possa cortar pela raiz, para que então o sujeito enfim se cale. Muito pelo contrário, existe ali uma pegadinha: o desejo nunca pode ser completamente eliminado de nossas vidas, pois aponta para uma verdade que, apesar de roçar na força motriz do que temos como expectativa, não se esgota na questão sobre qual seria o sentido de nossa existência no mundo. O desejo não é funcionalista e, muito frequentemente, não é também nem um pouco prático. Mesmo que se tente ignorá-lo, ele dará seu jeito de dar a volta por cima na forma de sonhos, atos falhos, chistes, fantasias e, com um tempero de sofrimento, também na forma de sintomas. É por isso que Lacan afirma que o desejo, tal como ele o recupera, é "o vetor manifestamente constitutivo do campo freudiano da experiência" ([1960a] 1998, p. 662) e que o inconsciente é a própria insistência com que o

[11] Faço aqui referência aos inúmeros grupos de psicanálise de rua que vêm surgindo no Brasil e que propõem atendimentos psicanalíticos gratuitos em espaços abertos da cidade.
[12] "Nenhuma terapia dinâmica pode alterar os fatos de uma vida, mas pode, isso sim, alterar a narrativa dos fatos – e isso talvez seja decisivo" (Calligaris, 2021, p. 47).

desejo se manifesta (id., [1973] 2003, p. 513)[13]. No final, nunca deixamos de falar e de não falar sobre ele ao mesmo tempo.

É preciso que o leitor tenha em mente, desde já, que desejo é principalmente, levando-se em consideração essas dimensões clínicas com as quais se pode estar mais ou menos familiarizado, conflito. Em termos estruturais freudianos do início do século XX, conflito entre forças provenientes de diferentes instâncias do aparelho psíquico, dentre as quais uma o origina e a outra se defende arduamente contra ele. Por vezes, produz-se um alinhamento entre elas denominado "formação de compromisso", na qual elas convergem, por um momento, em uma compatibilidade improvável. Curiosamente é dessa forma que Freud define tanto o sonho, lugar onde vemos claramente um trabalho teórico sobre o que ele chama de desejo, quanto o sintoma[14]. Ou ainda, agora em termos mais corriqueiros, conflito entre o que gostaríamos de dizer claramente, mas não encontra as palavras certas ou a resposta esperada do outro, mas também conflito entre a dose de adaptação a que somos forçados para viver minimamente em sociedade e a parcela inigualável de singularidade de cada um.

Desejo não se confunde com o comumente desejável, o que não implica que a distância ou proximidade entre ambos não possa ser amplamente interrogada ao longo de uma análise[15]. Ele implica sua parcela de perda, mas não de perdição. Tudo é válido, conquanto que esteja alinhado com uma interrogação legítima, aquela que questiona a coerência de tudo o que nos é contado por terceiros e incorporamos sem perceber, a respeito de nosso papel em nossa própria história.

Muito do que acabamos de apontar acima, entretanto, não está escrito tal qual nos textos freudianos. Em sua obra, vemos claramente que o desejo se encontra enquadrado em uma discussão mais propriamente metapsicológica, diretamente relacionada com a energia pulsional (libido) ou investimento psíquico [*Besetzung*][16] e seu trânsito entre as instâncias do

---

[13] Nesse sentido, Dominique Fingermann (2014) afirma que o desejo não deixa de ser uma referência fundamental para se ler outras noções mais detidamente desenvolvidas ao longo da obra freudiana, como a transferência, a resistência, a interpretação, o recalque, o inconsciente, o Édipo, a pulsão, a histeria, a angústia, a sexualidade infantil. Tentaremos demonstrar essa relação intrínseca a seguir com a metapsicologia.

[14] Cf. *A interpretação dos sonhos* (Freud, [1900] 2001) e a conferência introdutória *Caminhos da formação de sintomas* (id., [1917] 2014).

[15] "Mesmo na análise, a distância entre o que é desejado e o que é desejável está plenamente aberta. É a partir daí que a experiência analítica se instaura e se articula. O desejo não está simplesmente exilado, repelido para o nível da ação e do princípio de nossa servidão, como fora até então. Ele é interrogado como sendo a chave, ou a mola em nós, de toda uma série de ações e comportamentos compreendidos como aquilo que representa o mais profundo de nossa verdade." (Lacan, [1 jul. 1959] 2016, p. 506).

[16] Outra tradução possível para este termo empregado na Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud é "catexia".

inconsciente, pré-consciente e consciente, as quais compõem o aparelho psíquico. Utilizando termos mais técnicos, trata-se de um elemento que interliga os aspectos econômico, tópico e dinâmico usados para descrever o que ele estava denominando como inconsciente naquele momento[17]. Trata-se de uma noção, portanto, que, apesar de não ocupar o papel principal junto às pulsões, o recalque, o próprio inconsciente, o narcisismo, dentre outras, não deixa de organizar a consistência e coerência de seu conjunto teórico.

Enumeremos rapidamente dois exemplos que nos mostram o papel coadjuvante, porém essencial, do desejo na organização e disposição da metapsicologia freudiana: 1) sua definição no quadro de uma teoria dos sonhos e 2) sua remissão no quadro de uma primeira teoria das pulsões mais formalizada nos textos metapsicológicos.

Antes disso, destacamos que a palavra usada por Freud em alemão para nomear o que ele está chamando de desejo é *Wunsch*. Se é de significante em significante que tecemos a trama desta pesquisa, por que não se deter também naqueles fornecidos por línguas estrangeiras, desde que isso nos permita dar alguns passos para frente ou para trás, quando necessário, em nossa leitura? Este termo em particular nos remete ao desejo ou vontade de possuir ou usufruir de algo que pode ou não se situar em um ideal, desde um pedido numa padaria – (*Haben Sie*) *sonst noch einen Wunsch?* [nosso conhecido "mais alguma coisa"?] – até os sonhos mais íntimos. Ou seja, refere-se principalmente a um objeto, seja ele qual for. A sutileza de sentido deste termo é que *Wunsch* normalmente apresenta uma conotação amena, sem referências diretas ao desejo sexual ou à cobiça ou anseio ardente de um objeto qualquer. Estes outros sentidos são contemplados por outros termos em alemão. Por exemplo, *Lust*, encontrado na denominação do princípio de prazer [*das Lustprinzip*], nos remete à vontade, prazer ou mesmo disposição para fazer uma determinada ação, sem necessariamente recorrer a um objeto específico. Ele também se encontra presente na maneira corriqueira de caracterizar algo engraçado e que provoca riso [*lustig*]. Para além de *Lust*, temos o termo *Begierde*, empregado também por Hegel em sua *Fenomenologia do espírito*, que remete na língua corrente a algo bem mais visceral e que, em sua intensidade ou ardência, pode até mesmo se expressar com sofreguidão[18].

[17] Cf. *O inconsciente* (Freud, [1915e] 2006). O aspecto econômico se refere à quantidade de energia psíquica em trânsito entre as diferentes instâncias que compõem o aspecto tópico: como vimos, a primeira tópica, que se divide em consciente, pré-consciente e inconsciente. O aspecto dinâmico concerne a esse próprio movimento realizado no interior do aparelho psíquico.

[18] Cf. os vocábulos "Desejo" e "Desejo, Prazer" do Dicionário Comentado do alemão de Freud (Hanns, 1996, p. 136-160). Agradeço a Simon Titze pelos maiores esclarecimentos sobre o alemão cotidiano.

Esta discussão pode ser relevante no plano de fundo de nossa pesquisa devido a uma série de fatores. Em primeiro lugar, porque há uma escolha e uniformidade claras de uso por Freud, mesmo que seu motivo não seja textualmente explicitado, e essa coerência pode ser observada tanto quando ele fala da realização do desejo nos sonhos quanto nos impulsos inconscientes em sua primeira sistematização da teoria das pulsões. Em segundo lugar, porque a escrita freudiana, como vem sendo amplamente comentada nas discussões a respeito de novas traduções, é preocupada com a linguagem cotidiana e um estilo acessível e prazeroso para o leitor na sua divulgação da Psicanálise, os quais não excluem, de forma alguma, um rigor teórico[19]. Isso implica diretamente que o texto freudiano visava, sobretudo, uma "naturalidade da terminologia psicanalítica" (Hanns, 2004, p. 12), e não um engessamento. Em outros termos, rigor, mas não rigidez. Por fim, é preciso que façamos algo a respeito deste último ponto na língua de chegada quando nos colocamos a traduzir ou a comentar textos fundamentais de Psicanálise, ou seja, fazer proposições que vão de encontro com o nosso modo cotidiano de falar do mundo e que, se quisermos, possam ser também acessíveis a um público geral.

Seguimos para o primeiro exemplo. Em *A interpretação dos sonhos*, cuja primeira publicação data de cerca de quinze anos antes da sistematização proposta nos textos metapsicológicos, após um longo percurso textual o desejo finalmente ganha uma definição estritamente teórica e abstrata ligada a uma descarga de investimento psíquico através de uma via facilitadora, um trilho que permite determinadas direções de escoamento, ao invés de outras[20]. Trata-se sempre, portanto, do impulso à repetição de uma suposta primeira experiência de satisfação, ligada ao prazer que a descarga de energia provocara outrora no aparelho, que faz com que, no final das contas, a realização de desejo que essa descarga visa seja sempre uma realização *alucinatória* de desejo[21]. Veremos isto de maneira mais detida um pouco mais adiante, após uma contextualização de pontos importantes de *A interpretação dos sonhos*.

Por ora, apontamos que essa via facilitadora [*Bahnung*][22] não é algo tratado pela primeira vez neste livro, mas vem de um escrito guardado por Freud que data de 1895 e que

[19] Ele mesmo afirma em *A questão da análise leiga: diálogo com um interlocutor imparcial* ([1926b] 2014): "Acontece que gostamos, na psicanálise, de permanecer em contato com o modo de pensar popular, e preferimos aproveitar seus conceitos para a ciência, em vez de rejeitá-los." (p. 112)
[20] Cf. a seção C "Realização de desejos" do Capítulo VII "A psicologia dos processos oníricos".
[21] Cf. *Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos* ([1917a] 2006).
[22] Se trazemos uma alegoria ao trilho no parágrafo acima é porque a palavra *Bahn*, em alemão, para além de significar "trem", também está presente na denominação de diversos outros meios de transporte que se utilizam

foi publicado somente após sua morte, chamado *Projeto de uma psicologia* ([1895/1950] 1995). Este texto traz um primeiro modelo do aparelho psíquico composto por diferentes registros (sistemas ou instâncias) e partículas materiais denominadas neurônios, as quais seriam responsáveis por descarregar ou oferecer barreira ao escoamento entre as diferentes instâncias de uma quantidade Q de investimentos psíquicos [*Besetzungen*]. Não há pretensão de Freud em estar de acordo com a histologia de sua época e nem de conceber uma realidade ontológica para este aparelho. Em o que parece ser uma retomada deste aparelho em *A interpretação dos sonhos*[23], ele sugere que o visualizemos como algo semelhante a um microscópio, um aparelho fotográfico ou algo do tipo, sem qualquer pretensão de uma comparação plena. Ao contrário, com a arquitetura que esboça, trata-se somente de oferecer um modelo funcional baseado principalmente em termos econômicos, mas também não separado dos aspectos tópico e dinâmico.

Em suma, trata-se de um modelo constituído como um "aparelho reflexo" (Freud, [1900] 2001, p. 518), que vai possibilitar o trânsito de energia a partir de princípios fortemente influenciados pela termodinâmica. Destacamos deste manuscrito que a cunhagem dos trilhamentos é feita primeiramente a partir de estimulação sensorial externa ou interna (Pcpt), percebida inicialmente por neurônios da consciência, que passam então a serem investidos por uma determinada quantidade de energia psíquica[24]. Por se tratarem de neurônios permeáveis, não há retenção de nenhum traço. Em seguida, pode haver a indicação desta percepção num ponto que já se encontra inacessível ao consciente (Mnem e Mnem'), e só então ocorre sua passagem para o inconsciente (Ics). Nesta altura, ocorre algo completamente arbitrário, pois nunca se sabe de antemão qual estímulo ao certo provocará uma marca no aparelho. Quando se dá um acúmulo excessivo de energia, isto se torna fonte de desprazer e se mostra necessário escoá-la através dos outros registros do pré-consciente e consciente (Pcs), para que então o aparelho possa ter uma experiência de satisfação[25] ou, em outros termos, de prazer. É este escoamento que produzirá uma via de facilitação a ser

---

de trilhos, como *U-Bahn* (metrô), *S-Bahn* (uma espécie de trem rápido geralmente de superfície) e *Straßenbahn* (bonde).

[23] Cf. Seção B "Regressão" do capítulo VII "A psicologia dos processos oníricos".

[24] A explicação do modo como se dão os trilhamentos propriamente ditos é feita em uma carta enviada a Wilhelm Fliess em 6 de dezembro de 1896. Cf. Masson, 1986.

[25] O termo em alemão empregado por Freud para satisfação é "*Befriedigung*", que, segundo o dicionário comentado de Luiz Hanns (1996), apresenta algumas conotações diferentes de seu correspondente em português. Se, para nossa intuição, o termo "satisfação" traz uma ideia de alegria e contentamento, em alemão, temos um sentido muito mais próximo de um "apaziguamento de um estado de inquietude" (p. 405). Inclusive, *Befridigung* remete à palavra *Frieden*, que significa "paz". Assim, vemos que Freud emprega esta palavra em referência a um apaziguamento relativamente tranquilo de necessidades vitais e também em conexão com um apaziguamento das reivindicações pulsionais (ibid.).

percorrida por futuros investimentos que venham a se acumular no aparelho. Dessa forma, pode-se produzir a repetição da experiência de satisfação provocada na criação do trilhamento. Este traço é, portanto, uma marcação permanente por onde uma mesma quantidade de energia poderá escoar sem barreiras. Entretanto, essa experiência de satisfação nunca é completa, uma vez que o escoamento total produziria a morte do indivíduo e se mostra necessário, portanto, preservar uma quantidade mínima para garantir o prolongamento de sua existência.

Esse movimento pode ser visualizado no esquema a seguir, disponível em *A interpretação dos sonhos* (p. 521):

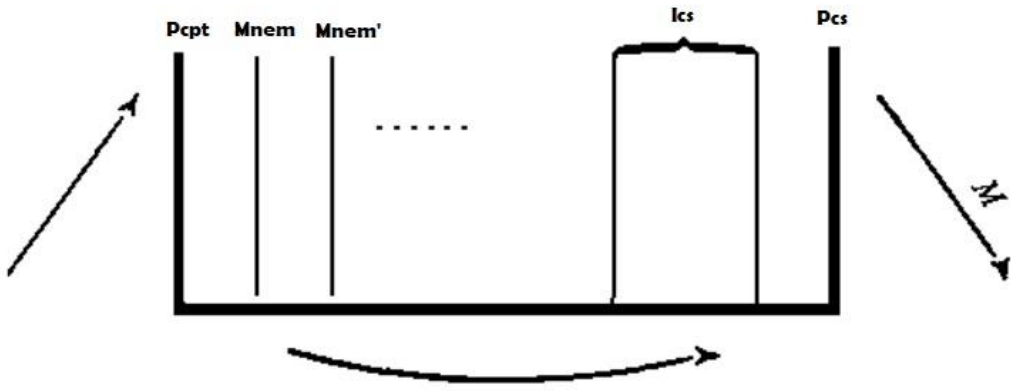


Fig. 3

Em resumo, as vias facilitadoras descrevem o que Freud está chamando nesse momento de memória (M), uma vez que esta consiste numa maior ou menor facilitação de caminhos percorridos por uma determinada quantidade Q no aparelho psíquico. Outro nome para esse trilhamento pode ser justamente o de traço mnêmico.

Isso é relevante porque, se a definição do desejo se encontra associada explicitamente a um impulso de restabelecer a situação da satisfação original quando uma determinada necessidade volta a perturbar o aparelho psíquico com estímulos excessivos, isso significa que o desejo é impulso para uma repetição. Ele apela para uma determinada memória. Entretanto, esta repetição só se torna possível em partes se tomamos como parâmetro puramente que uma determinada quantidade de energia irá percorrer um mesmo caminho de escoamento.

Vimos acima que o termo empregado por Freud para denominar o desejo, quando tomado em seu sentido corriqueiro, implica necessariamente um objeto específico. Mas aqui, em sua definição de cunho mais cientificista do desejo, não estamos falando de uma mesma

vivência em termos comportamentais, situacionais ou qualquer outra mensuração mais ou menos objetivável. Estamos falando de uma mesma vivência em termos puramente quantitativos, o que desubstancializa, ou pelo menos problematiza bastante, o que se compreende no senso comum como uma transitividade em relação ao desejo. Não é a coisa específica que conta mais aqui, mas sim um movimento. Além disso, já com Freud, estamos falando do desejo enquanto alguma coisa que vem somente em um segundo tempo, o qual resignifica a satisfação original/originária e, inclusive, atribui-lhe este estatuto. Desejo, portanto, é algo sempre ligado à (re)modelagem de uma memória e que, justamente por isso, persiste de certa forma.

A noção de impulso [*Regung*][26] nos remete ao nosso segundo exemplo, que concerne mais especificamente à metapsicologia freudiana. No texto *O inconsciente* ([1915e] 2006), vemos que Freud denomina os impulsos inconscientes – aquilo que estaria no próprio núcleo do inconsciente – frequentemente como *Wunschregungen*¸ literalmente impulsos (ou moções) de desejo; mas também não raro como *Triebregungen*, literalmente impulsos (ou moções) pulsionais; ou ainda *Triebrepräsetanz*, o representante pulsional. Estes termos são sinônimos, uma vez que parecem se referir todos ao mesmo elemento descritivo, com a sutileza da pressuposição de um movimento ou estagnação entre os diferentes registros do aparelho psíquico.

O fato mais marcante é que o desejo aparece aqui quinze anos depois de forma muito semelhante ao final de *A interpretação dos sonhos*, onde vemos o início de uma explicação de cunho mais cientificista. Ora, o passo dado em seus ensaios metapsicológicos coloca o desejo em estreita ligação com o conceito chave de pulsão – até mesmo quando consideramos as nomeações citadas acima – plenamente utilizado neste momento para descrever uma força constante e irremovível que exerce pressão a partir do interior e que sofre alguns escoamentos específicos[27]. Em termos freudianos, esta noção é tão central e enigmática justamente pelo fato de poder ser definida "como uma medida de exigência de trabalho imposta ao psíquico em consequência de sua relação com o corpo" (Freud, [1915c] 2004, p. 148).

---

[26] A escolha tradutória do termo *Regung* para "impulso" encontra-se presente na coletânea de textos metapsicológicos cuja tradução foi coordenada por Luiz Alberto Hanns (Freud, 2004). Renato Zwick, por sua vez, opta uma tradução do termo *Trieb* – correntemente traduzido como "pulsão" ou "instinto" – por "impulso", alegando que isso confere maior naturalidade ao termo freudiano em português (cf. Tavares, 2012).

[27] São numerados quatro destinos das pulsões em direção ao exterior: a transformação da pulsão em seu contrário (da atividade para a passividade ou então a inversão de conteúdo, por exemplo, a transformação do amor em ódio e vice-versa), o redirecionamento contra a própria pessoa, o recalque e a sublimação. Cf. *Pulsão e os destinos da pulsão* (Freud [1915c] 2004).

Como consequência disto, o desejo se encontra também ainda mais em íntima relação com o conceito chave de recalque, um dos destinos da pulsão mais observados na clínica, uma vez que concerne diretamente aos sintomas, alguns esquecimentos, atos falhos, chistes e sonhos. Trata-se de algo descrito na recapitulação histórica feita pelo próprio Freud de seu percurso como "o pilar em que repousa o edifício da Psicanálise, a parte mais essencial dela" ([1914] 2012, p. 186).

Essa é uma noção vasta, mas remetemos somente à alegação, segundo o próprio Freud, que a grande descoberta – e não o pressuposto – de suas extensas pesquisas consiste justamente no fato de que todos esses elementos observados na clínica e na vida cotidiana – porque o inconsciente não escolhe hora – são formas de um retorno desfigurado do que antes fora afastado da consciência a fim de evitar um acúmulo desprazeroso em termos de energia psíquica. Um retorno bastante particular que traz uma repetição daquilo que não é mais o mesmo e se torna quase irreconhecível para a própria pessoa, a ponto de passar frequentemente batido fora de uma situação analítica.

Nos ensaios metapsicológicos, é o recalque que encabeça de maneira mais marcada o conflito entre forças contrárias, que veremos estar também no cerne do desejo nos sonhos, e o engodo necessário para vencer a censura que mantém um determinado impulso inconsciente afastado, à maneira de uma preservação. O ponto essencial é que temos acesso a esse conflito pelas falhas no mecanismo do recalque. Elas inevitavelmente acontecem, mesmo que ele seja logo em seguida reestabelecido, negado ou ignorado. O grande mérito de Freud foi o de dar atenção especial a isso que fracassa na fala aparentemente coerente de seus pacientes quando eles não estão mais sob o efeito da hipnose, mas se põem a associar livremente. É a partir disso que ele teoriza, mas também com isso e contra isso. O que a escuta analítica nos mostra, portanto, é que isso que retorna não é nada inocente.

Passemos agora a um desvio por *A interpretação dos sonhos* e o que ela nos diz sobre o desejo em Freud, já que é principalmente desta fonte que Lacan nos afirma que bebeu para teorizar sobre o que ele chama de campo da linguagem em Psicanálise[28].

[28] Cf. em particular *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (Lacan, [1953] 1998) e *A direção do tratamento e princípios de seu poder* (id., [1958] 1998).

A via régia para o inconsciente

A interpretação dos sonhos é um belíssimo exemplo do que poderia consistir uma pesquisa em Psicanálise ao estilo do que problematizamos na introdução deste texto: ao mesmo tempo, um não recuar perante uma vasta bibliografia e uma manutenção de uma pulga atrás da orelha em relação ao já-sabido (Cf. Mezan, 1993, p. 116). Há sempre espaço para o novo, ainda que seja o olhar para – supostamente – o mesmo objeto sob outro prisma.

No primeiro capítulo do livro, vemos que as leituras e sínteses apresentadas por Freud parecem ser guiadas, para além de questões gerais do trabalho com os sonhos, também pelas próprias indagações provenientes da experiência do autor: os estímulos do ambiente que influenciam o desenrolar dos sonhos, nossa memória fraca se demoramos muito tempo para registrá-los, uma predominância aparentemente de um material que não está tão em foco para o sonhador, dentre outros elementos mais ou menos datados. Não podemos deixar de mencionar ainda a impressionante generosidade e ousadia de um homem de ciência tal como Freud em nos expor diversos de seus próprios sonhos, e não somente o de seus pacientes e algumas pessoas conhecidas, para o bem de sua teorização. Não raro, contudo, ele confessa não apresentar a interpretação completa dos inúmeros exemplos ao longo do livro.

Marca-se um ponto de partida bem definido e ao menos um objetivo inicial, elementos cruciais em qualquer atividade de pesquisa:

> Foi no decorrer desses estudos psicanalíticos[29] que me deparei com a interpretação dos sonhos. Meus pacientes assumiam o compromisso de me comunicar todas as ideias ou pensamentos que lhe ocorressem em relação a um assunto específico; entre outras coisas, narravam-se seus sonhos, e assim me ensinaram que o sonho pode ser inserido na cadeia psíquica a ser retrospectivamente rastreada na memória a partir de uma ideia patológica. Faltava então apenas um pequeno passo para se tratar o próprio sonho como um sintoma e aplicar aos sonhos o método de interpretação que fora elaborado para os sintomas. (Freud, [1900] 2001, p. 116).
>
> (...) é minha intenção utilizar minha atual elucidação dos sonhos como um passo preliminar no sentido de resolver os problemas mais difíceis da psicologia das neuroses. (id., p. 119)

Assim, Freud se deparou quase que por acaso com a importância dos sonhos para esclarecer outros fenômenos observados na clínica, dentre eles principalmente os sintomas. Supostamente, o método de interpretação do primeiro poderia influenciar a forma como se lê

[29] Ele se refere aqui aos *Estudos sobre a histeria* (Freud; Breuer, [1895] 2016).

também o segundo, uma vez que seus mecanismos não seriam assim tão distantes um do outro. Contudo, há todo o cuidado de não misturar as coisas quando o foco é o sonho, elemento presente na vida de todas as pessoas e não somente naqueles que procuram uma análise.

Mesmo que a Psicanálise tenha prosseguido com a metapsicologia, o desenvolvimento da segunda tópica e mais, um traço marcante de *A interpretação dos sonhos*, quando olhamos para os prefácios feitos para cada uma das edições, é que, justamente, Freud parece não apagar os traços de suas hipóteses iniciais, as quais foram cruciais para se chegar a outras questões teóricas. Talvez este também seja um de seus ensinamentos importantes. Vemos no breve prefácio à quinta edição: "Não me animei a levar adiante nenhuma revisão fundamental deste livro, que talvez o trouxesse ao nível de nossos atuais pontos de vista psicanalíticos, mas que, por outro lado, destruiria seu caráter histórico. Penso, contudo, que após uma existência de quase vinte anos, ele cumpriu sua tarefa." (p. 18). Ao final do percurso, temos a conhecida frase que nos mostra a reviravolta produzida pelo trilhamento desta extensa pesquisa: "*A interpretação dos sonhos é a via real para o conhecimento das atividades inconscientes da mente*" (p. 581, grifos do autor).

E, de fato, este livro tem um papel crucial para quem quer se aventurar na obra de Freud até os dias de hoje, ainda mais que Lacan parte da concepção de desejo ali presente para então tratar sobre o que ele mesmo está chamando de desejo[30], com modificações importantes que trataremos a seguir. Assim, vemos que não se trata propriamente em Psicanálise de uma superação de ideias no sentido comum do termo. A não ser que tomemos a ideia de superação em um sentido ainda mais cotidiano, quando dizemos com muita convicção, por exemplo, que superamos completamente um episódio, mas os traços dessa experiência se dão a ver em estranhas repetições.

Ao acompanhar o desenvolvimento da argumentação de Freud, fica claro que foi preciso todo um mergulho por entre os mais diversos relatos de sonhos e por autores contemporâneos, modernos e clássicos para que ele pudesse chegar à ideia de que os sonhos são: **1)** passíveis de ser interpretados a partir de um método científico, ou seja, que a eles podemos atribuir um ou mais sentidos ocultos, **2)** e de que, uma vez terminado o trabalho de

[30] Cf. *A direção do tratamento e princípios de seu poder* (Lacan, [1958] 1998) e *O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação* (id., [1958-1959] 2016).

interpretação – aliás, sempre incompleto, já que existe o "umbigo do sonho" – "percebemos que o sonho é uma realização de desejo" (p. 135).

Ao longo do livro, vemos também um movimento ainda mais importante daqueles autores que não se resguardam de se colocarem, eles mesmos, em uma posição difícil. Freud não deixa de ser crítico e de manter aquela pulga inicial atrás da orelha também em relação às próprias conclusões que vai encontrando no meio do caminho. Tudo o que veio antes pode ser contestado em suas premissas, se o rumo da pesquisa assim mostrou ser inevitável. O que mais importa é o compromisso em estipular um saber coerente com a própria ordem do inconsciente que começa a ser aqui explorada. Assim, pouco a pouco, a realização de desejo vai sendo problematizada em seu papel central para uma teoria dos sonhos e a própria noção de desejo, antes tão clara e evidente, começa a se mostrar não ser tão simples assim.

Voltemos um pouco. Claro que a ideia de que é possível interpretar os sonhos já existe há milhares de anos, mas Freud irá se diferenciar radicalmente da ideia de uma profecia oculta sobre o destino dos homens ou de uma nação, ou ainda, da ideia de que há em jogo uma decifração na qual cada elemento do sonho encontraria um correspondente exato de sentido em um extenso manual guia. Além disso, para Freud, os sonhos estão longe de serem considerados meramente de um ponto de vista somático, ou seja, como uma função de escoamento de pensamentos, impressões e estímulos sensoriais sofridos pelo organismo que precisam ser elaborados em outro lugar. Não se trata tampouco de uma capacidade extraordinária da mente. Em meio aos autores que defendem uma função psíquica para os sonhos, Freud se distancia da ideia de que eles seriam muito incongruentes para se tornarem um objeto de análise privilegiado ou que se restringiriam então a um simples fragmento da atividade psíquica, sem nenhuma problematização sobre seus mecanismos. Ao contrário, os sonhos diriam algo a respeito de uma coisa para além de qualquer consciência, coisa, inclusive, à qual a própria consciência estaria subordinada, e que também seria possível fazer deles uma leitura, apesar de todas as suas aparentes incongruências.

Para Freud, todos os sonhos, no fim das contas, "são inteiramente egoístas" (p. 267) e, mesmo que tragam outras pessoas e elementos altruístas, dizem respeito somente ao eu do sonhador[31]. Entretanto, a partida da interpretação é jogada a pelo menos dois, sendo que o

[31] Não podemos deixar de citar um estudo recente a respeito do tratamento dos sonhos pelo povo indígena Yanomami, que nos aponta para uma diferença radical. Trata-se do livro resultante da tese de doutoramento de

sonhador detém o papel de maior destaque. Isso não é novo e o próprio Freud reconhece que outras culturas já praticaram algo do tipo. O que diferencia o método de Freud dos demais que levam em consideração o relato do sonhador é a associação livre ou, de maneira mais próxima de suas palavras, a suspensão da faculdade crítica do sonhador que relata seu sonho e diz livremente os ”pensamentos de fundo” (p. 119) que seus elementos, tomados separadamente ou em conjunto, lhe despertam. Assim, interessa muito mais a passagem do conteúdo manifesto para os pensamentos latentes do sonho. São estes últimos que receberão um foco especial, uma vez que são eles que dirão alguma coisa a respeito dos sentidos de um sonho em particular. Este princípio, na verdade, transposto para a clínica, constitui a única regra de método da Psicanálise.

O objetivo é de preferência, em primeiro lugar, dar atenção aos detalhes, uma vez que são esses que passam mais facilmente despercebidos ou tidos como irrelevantes. O sonho é sempre relacionado com eventos da véspera e também com qualquer lembrança ou impressão provocada livremente no sonhador, muitas vezes inclusive de forma a deixar o próprio conteúdo manifesto em último plano. Um exemplo marcante é a análise do sonho da monografia botânica (p. 178-184). Freud o relata nos seguintes termos: “*Eu escrevera uma monografia sobre certa planta. O livro estava diante de mim e, no momento, eu virava uma página dobrada que continha uma ilustração colorida. Encadernado com cada exemplar havia um espécime seco da planta, como se tivesse sido retirado de um herbário.*” (p. 178, itálicos do autor).

Durante a autoanálise de seu sonho, Freud se dá conta de que, logo de cara, ele retoma um episódio da véspera aparentemente sem importância, quando viu uma monografia sobre uma planta do gênero Ciclâmen na vitrine de uma livraria. A botânica não é uma temática que o atraia enormemente e, por isso mesmo, mostrou-se no mínimo curioso que ele possa ter sonhado ser o autor de um extenso trabalho nesta área. Ao se deter um pouco mais nas associações que tanto este sonho como um todo quanto seus detalhes lhe provocavam, Freud nos transporta por um determinado caminho não previsto de antemão, que passa pelos seguintes pontos: os ciclamens são as flores preferidas de sua mulher; ele mesmo redigira uma

---

Hanna Limulja intitulado *O desejo dos outros: uma etnografia dos sonhos yanomami*. Em reportagem vemos seu teor crítico e inovador: “’Enquanto Freud sustentava que os sonhos representam desejos recalcados, Limulja defende que os sonhos yanomamis são acontecimentos que manifestam o desejo dos outros. Ou seja, quando se sonha, uma parte da pessoa, seu ‘duplo’, sai e encontra-se com seres que povoam outros mundos, que até então permaneciam invisíveis. Isso representa uma inversão das concepções psicanalíticas’, avalia Sztutman, da USP. Segundo ele, o trabalho de Limulja faz parte de um campo florescente de estudos recentes sobre os sonhos que não se restringe à antropologia.” (Queiroz, 2023, s/p).

monografia uns anos antes sobre a planta da coca com pretensões terapêuticas; ele tivera uma extensa conversa com um amigo oftalmologista voltando para casa, segundo episódio da véspera do qual o sonho retoma discretamente diversos elementos; recordou-se do tempo em que foram confiados a ele e a alguns colegas os cuidados com o herbário da escola secundária; pensou em crucíferas, compostas e sua predileção pelas alcachofras; recebera também na véspera uma carta de um amigo de Berlim que ansiava por folhear seu livro sobre os sonhos e o via diante de si; lembrou que tinha o hábito de aprender coisas por monografias em seu tempo de estudante de medicina e era fascinado com as ilustrações coloridas que ali encontrava; teve outra lembrança de seu tempo de infância, na qual ele e a irmã destruíam com prazer um livro ilustrado sobre a Pérsia; se deu conta que a absorção pelos livros era e continua sendo seu passatempo preferido.

Estes diversos elementos, denominados como "elos intermediários" entre o conteúdo do sonho e seu(s) sentido(s), valem menção a título de exemplificação do fato de que os pensamentos latentes do sonhador podem (e devem) partir em qualquer direção, mesmo que a conexão entre eles não esteja clara à primeira vista. Sua ordem somente pode ser depreendida em um segundo momento e não deve ser foco de preocupação durante a associação livre.

O ponto crucial na leitura de Freud é que os sonhos apresentam um "caráter múltiplo" (p. 119) e, na interpretação, não interessa o que já está pré-estabelecido, mas sim os sentidos individuais que serão dados pelo sonhador ao se ver livre das amarras da autocrítica. Não se trata de uma operação fácil e podemos ver que não raro é necessário certo esforço do analista em colocar questões mais ou menos específicas para o sonhador. Inclusive, até nos dias de hoje, frequentemente não é nada evidente para um analisando que ele possa trazer seus sonhos para a análise e que isso pode conduzi-lo a lugares inesperados em seu percurso analítico. Isso aponta para uma necessidade de perguntas diretas por partes dos analistas.

O método da interpretação visa a reconstruir *a posteriori* as condições do trabalho do sonho. Este último consiste na transformação das relações lógicas observadas no desenrolar linguageiro dos pensamentos latentes em sua forma imagética observada no conteúdo manifesto do sonho. Se nem o conteúdo do sonho e nem os pensamentos latentes constituem o sentido oculto visado na interpretação, vemos no decorrer dela que ambos nos são apresentados como "duas versões do mesmo assunto em duas linguagens [*Sprachen*] diferentes" (p. 276). Assim, ambos nos são apresentados como duas formas distintas (linguagens, mas também línguas, se nos atentamos para a ambiguidade do termo *Sprachen*,

em alemão) da suposta causa desencadeadora do sonho, porque distorcidas cada uma à sua maneira.

Isso não impede, contudo, que possamos estabelecer uma relação de correspondência direta entre conteúdo e pensamentos latentes. Freud escreve:

> (...) o conteúdo do sonho é como uma transcrição dos pensamentos oníricos em outro modo de expressão cujos caracteres e leis sintáticas é nossa tarefa descobrir, comparando o original e a tradução. Os pensamentos do sonho tornam-se imediatamente compreensíveis tão logo tomemos conhecimento deles. O conteúdo do sonho, por outro lado, é expresso, por assim dizer, numa escrita pictográfica cujos caracteres têm de ser individualmente transpostos para a linguagem dos pensamentos do sonho. Se tentássemos ler esses caracteres segundo seu valor pictórico, e não de acordo com sua relação simbólica, seríamos claramente induzidos ao erro. (p. 276)

Este ponto é fundamental porque implica que o sonho e seus elementos, no final das contas, valem muito mais pelos mecanismos de língua – seja ela qual for – que convocam na interpretação do que pelas imagens tomadas como símbolos de alguma coisa. Pelo menos, é assim que formulamos este ponto de vista de onde partimos que não deixa de ser fortemente afetado pela Linguística, como visto na introdução. Vemos logo em seguida que o que Freud está chamando de relações simbólicas são formas encontradas na língua para expressar relações de simultaneidade ou sequencialidade no tempo, relações causais, alternativas, relação entre contrários, relações comparativas, dentre outras. Estamos falando aqui de conectivos tais como “e”, “porque”, “ou...ou”, “assim como”, “embora”, entre muitos outros permitidos em uma língua específica. Mesmo não fazendo parte diretamente do sonho, com a exceção talvez de frases proferidas, eles aparecem quando o sonhador começa a associar livremente a partir de seu relato, ou até mesmo no próprio momento de contar o que viu em imagens. Além disso, os tempos verbais empregados ao se relatar o sonho também não passam despercebidos na escuta de Freud. Lacan vai deitar e rolar precisamente neste ponto, munido do que uma determinada Linguística teria a dizer sobre a língua e a linguagem, como veremos na segunda parte deste trabalho.

Na transformação observada retrospectivamente no trabalho do sonho, não há cálculos racionais. Ela somente se restringe a dar àqueles pensamentos, que puderam ser descobertos em meio a divagações, uma nova forma que satisfaça uma ampla gama de condições importantes ligadas à própria preservação do sono, mesmo que isso toque o absurdo. Freud

enumera quatro meios empregados nesse trabalho para que ele chegue a seus resultados imagéticos: a condensação, o deslocamento, a figurabilidade[32] e a elaboração secundária.

A condensação e o deslocamento são os principais meios observados no trabalho do sonho, uma vez que a figurabilidade e a elaboração secundária podem ser compreendidas como meios de reforçá-las quando já adentramos os pensamentos latentes. Trata-se de nomes alçados ao estatuto de conceitos cuja elucidação pode ser dada facilmente neste momento a partir de exemplos concretos. Voltando ao nosso sonho modelo da monografia botânica, vemos que a condensação acontece pela combinação em somente uma unidade de duas situações diurnas diferentes tidas como fontes, o episódio banal do vislumbre de uma publicação qualquer na vitrine de uma livraria e a conversa com o dr. Königstein. Freud verifica no seu trabalho de interpretação que esta conversa, por sua vez, concentrou vários elementos despertados nos pensamentos latentes, desde pessoas mencionadas a trabalhos científicos conjuntos de um tempo remoto, que se valeram da apresentação aparentemente inocente da imagem da monografia botânica diante de seus olhos. O deslocamento, por sua vez, se dá justamente pelo fato de que a fonte menos relevante do sonho passa a concentrar toda a atenção, com uma carga de afeto estranhamente intensa, afinal, este sonho levou Freud a uma extensa interpretação. Geralmente são os elementos da vida de vigília mais recentes e triviais que recebem os investimentos mais importantes, mesmo tendo muito pouco a ver com os elementos desencadeadores do sonho propriamente ditos. Isso acontece, segundo Freud, porque é necessário haver escoamento de energia psíquica e também porque elementos que não têm associações com outros, como é o caso de elementos desimportantes e frescos, são os mais favoráveis para proporcionar um caminho desimpedido para esta vazão.

Ainda sobre este mesmo sonho, vale a menção de alguns detalhes da dita conversa: em algum momento, chegam o Prof. *Gärtner* [*jardineiro*, em uma tradução literal] e sua mulher e ambos foram felicitados por aparentarem *desabrochar* [*blühend*]; em outro momento, a Sra. L. é evocada sobre outro assunto que não a lembrança de Freud durante seu momento de associação livre, a saber, de que seu marido se esquecera de lhe levar suas *flores favoritas* [*Lieblingsblume*] em uma ocasião especial e que isso significava que não a amava mais do mesmo jeito; uma paciente chamada *Flora* foi um assunto importante da discussão entre os

[32] Trata-se de uma proposta de tradução nossa. Na tradução consultada para realização desta pesquisa, traduziu-se a *Darstellbarkeit* por "representabilidade". Lacan, por sua vez, propõe "consideração para os meios da encenação" [*égard aux moyens de la mise en scène*] ([1957b] 1998). O termo em alemão *Darstellung* pode ser traduzido por representação, mas há uma sutileza de sentido. Geralmente remete a uma apresentação concreta de ideias no mundo, e não somente à sua existência no âmbito do pensamento. É bastante usado em contextos teatrais, nos quais o corpo é tomado em cena.

amigos. Lembramos também que o gênero da planta da monografia real vista por Freud era o Ciclâmen, as *flores favoritas* de sua mulher. Isso vai bem mais longe, mas nos restringimos a salientar que esse movimento guiado por certas palavras ligadas entre si exemplifica o que Freud denomina como figurabilidade. Trata-se de uma outra forma de deslocamento que convoca de maneira mais marcada elementos mais estritamente linguísticos. Não à toa, o sonho se valeu da imagem da "*monografia sobre certa planta*" em seu conteúdo.

Não raro, expressões verbais inteiras consagradas pelo uso popular podem ser tomadas ao pé-da-letra quando transformadas em imagens bastante concretas do sonho e palavras ambíguas também podem ser simbolizas tomando como base um de seus sentidos, querendo dizer o outro nos pensamentos latentes. Por exemplo, podemos ter literalmente, no sonho, um carro colocado na frente dos bois e, na sequência dos pensamentos latentes, o sonhador pode remeter a antecipações. As possibilidades, no caso de diversidade de sentidos, também estão abertas para servir à condensação.

Entramos aqui, portanto, no vasto campo dos chistes, "principalmente porque um sonho nunca nos diz se seus elementos devem ser interpretados literalmente ou num sentido figurado, ou se devem ser ligados ao material dos pensamentos oníricos diretamente ou por intermédio de alguma locução intermediária" (p. 337). Nesse sentido, Freud também compara as imagens dos sonhos, que "*não são feitas com a intenção de serem entendidas*" (p. 337, itálicos do autor), às antigas inscrições hieroglíficas, ambas incrivelmente difíceis de lidar e cujo único trabalho possível parece se dar a partir de escassos vestígios.

Por fim, temos a elaboração secundária como o quarto mecanismo observado atuando no trabalho do sonho. Ela está intimamente relacionada com essa ausência de uma elucidação completa dos sonhos, já que lidamos sempre com vestígios, e com a nossa consequente e corriqueira necessidade de construção de um todo coerente isento de contradições, não somente quando se trata de um saber formal. Há uma dificuldade tremenda em se lidar com os fragmentos dispersos do sonho enquanto estruturas deficitárias e frequentemente preenchemos lacunas ao relatá-lo e procuramos quase a todo custo uma concatenação entre seus elementos que faça sentido e disfarce ou releve seu caráter de absurdo. Inclusive, Freud também não parece estar imune a isso ao fazer seus relatos e se enveredar pelas suas extensas interpretações, mesmo traçando todas as placas para contornar essa armadilha em direção a uma outra verdade sobre o inconsciente: "Para fins de *nossa* interpretação, persiste como regra essencial desconsiderar invariavelmente a aparente continuidade de um sonho como

sendo de origem suspeita, e percorrer o mesmo caminho de volta ao material dos pensamentos oníricos, quer o sonho em si seja claro, quer confuso" (p. 484, itálico do autor)

Um contraste em relação à constatação de uma elaboração secundária se mostra surpreendente quando vemos intensos esforços do próprio Freud em chegar a um todo coerente quando se trata dos sentidos ocultos de um sonho. Fazemos uma referência mais explícita aqui ao momento de suas reflexões em que ele acredita chegar, depois de uma série de malabarismos interpretativos, a uma realização inequívoca de desejo, o qual pode ser formulado em uma só frase, mesmo que tomando a cautela de afirmar que uma interpretação pode sempre recomeçar e chegar a outros lugares inesperados. Por exemplo, no sonho de Freud referido comumente como "sonho da injeção de Irma", vemos que sua paciente começa a ter estranhas reações na garganta durante um evento em um grande salão depois de uma injeção aplicada por Otto. Após uma extensa análise deste sonho que possui ainda muito mais detalhes do que citamos, Freud chega a uma realização clara de desejo: "a conclusão do sonho foi que eu não era responsável pela persistência das dores de Irma, mas sim Otto. De fato, Otto me aborrecera com suas observações sobre a cura incompleta de Irma, e o sonho me proporcionou minha vingança, devolvendo a reprimenda a ele" (p. 132).

Essas conclusões de acordo com os princípios da concisão e coerência acontecem também em outras interpretações. Em alguns casos, como no exemplo notável dos sonhos infantis, é possível perceber uma realização sem disfarces e até mesmo harmônica em relação à vontade comunicada pela criança durante o dia. Se a ela foram negados morangos na véspera, sonha que os têm ao alcance das mãos. Se ela foi tapeada durante uma viagem e não lhe foi concedida uma visita ao lugar que mais ansiava ver de perto, sonha no dia seguinte que toda a família estava ali reunida e feliz.

Essa realização de desejo, até certa altura das pesquisas de Freud, é o próprio fim da interpretação. Assim, em resumo, podemos dizer que se parte do conteúdo imagético e seu relato feito pelo sonhador, para que ele possa em seguida associar livremente diversos pensamentos latentes e só então formular, junto ao analista, algo sobre o desejo que supostamente estaria ali em jogo de maneira mais ou menos nítida. Esta ideia da realização de desejo é ferrenhamente defendida por Freud em todos os casos, desde aqueles sonhos onde temos o exato oposto do que queríamos – como a mulher do açougueiro[33] que queria muito

[33] Cf. p. 157-161 de *A Interpretação dos sonhos* e a lição XX de *O seminário, livro 5* intitulada "O sonho da bela açougueira", onde Lacan comenta largamente esse sonho de uma das pacientes de Freud.

dar um jantar e, devido a diversas circunstâncias, não lhe foi possível –, até em casos nos quais claramente vemos se tratar de sonhos de angústia, nossos tão incômodos pesadelos extremamente desagradáveis para quem os sonha. Como é possível que esses exemplos sejam também realizações de desejo?

Ele justifica este engodo a partir dos seguintes termos: “Estaremos levando em conta tudo o que foi trazido à luz por nossa análise dos sonhos desprazerosos se fizermos a seguinte modificação na fórmula com que procuramos expressar a natureza dos sonhos: *o sonho é uma realização (disfarçada) de um desejo (suprimido ou recalcado)*” (p. 170, itálicos do autor).

Isso nos convoca a uma nova discussão a respeito do aparelho psíquico, cujo funcionamento começa a ser explorado por Freud com mais detalhes em *A interpretação dos sonhos*. Vimos acima que, em textualizações anteriores, Freud estabelece que este aparelho é formado pelas instâncias do inconsciente, pré-consciente e consciente. Além do mais, ele funciona à maneira de um aparelho reflexo, o que implica que as diferentes quantidades de energia psíquica circulam entre essas instâncias ou tópicas de maneira a não manter um acúmulo excessivo de investimentos, que produz desprazer, mas sim de maneira a descarregar uma quantidade máxima deles a fim de promover prazer e, ao mesmo tempo, manter o aparelho em suas plenas condições de funcionamento. Vimos que é esta movimentação que é responsável por produzir determinadas marcas permanentes no aparelho, os chamados “trilhamentos” [*Bahnungen*] ou “traços mnêmicos”, que facilitarão futuramente o fluxo de novos acúmulos de investimentos em direção a seu exterior.

No caso particular dos sonhos e demais formações do inconsciente, como os sintomas, o aspecto principal a ser levado em conta é igualmente o trânsito de energia psíquica entre essas diferentes instâncias, que não se dá de maneira tão simples ou previsível. Mais especificamente, é do inconsciente que parte a força criadora e constante dos desejos no sonho e às outras instâncias reserva-se o papel de se defender contra elas. Isso provoca inevitavelmente um conflito e um engodo se mostra necessário para que esses impulsos inconscientes possam escoar, principalmente quando levamos em conta o fato de que há uma censura que separa o sistema inconsciente dos sistemas pré-consciente e consciente. Os impulsos inconscientes (ou “moções de desejo”) conseguem realizar esta proeza de se fazerem reconhecer, apesar de uma distorção necessária que impossibilita que tenhamos contato com eles tais quais. Inclusive, por se tratarem de energia psíquica ou investimentos, é bastante difícil estabelecer-lhes qualquer forma concreta. Este detalhe é o ponto crucial que

destacamos, e não os maiores detalhes sobre a dinamicidade dos fluxos de energia no interior do aparelho.

Os diversos mecanismos do trabalho do sonho, que verificamos na passagem dos pensamentos latentes para o conteúdo imagético do sonho, são um importante meio de se contornar esta censura. Até aí temos uma boa explicação. Mas há ainda um passo anterior a ser considerado, que traz de maneira mais forte as hipóteses em torno de um modelo funcional do aparelho psíquico. Freud percebe em seu próprio percurso através de diversos sonhos que "basta tentarmos penetrar mais a fundo nos processos mentais envolvidos no ato de sonhar, para todos os caminhos terminarem na escuridão" (p. 493)[34].

No final das contas, quando se trata de impulsos inconscientes, os elementos da vida de vigília retomados de uma forma ou de outra, incluindo-se aí os próprios anseios desmistificados do sonhador, são meramente secundários quando se trata do desejo, apesar de essenciais para se avançar na interpretação. Todos os elementos roçados pelos pensamentos latentes, incluindo-se o salto da famigerada realização de desejo, não passam de empréstimos que os impulsos inconscientes tomam para poderem chegar à consciência sem levantar (muitas) suspeitas. Com um pouco de desprendimento, alguns elementos alcançam a luz da consciência através dos descaminhos da associação livre, que nos fazem esbarrar com eles.

As moções de desejo permanecem sempre ativas e são indestrutíveis (p. 554), uma vez que, valendo-se dos caminhos de facilitação já estabelecidos no fluxo de energia psíquica no aparelho, podem sempre tomar emprestados outros elementos mais recentes e discretos que encontram no seu percurso de escoamento em direção ao exterior. Freud diz que "no inconsciente, nada pode ser encerrado, nada é passado ou está esquecido" (ibid.). Com ele, acrescentaríamos ainda que a repetição disso que não se fecha se dá de maneira bastante variada. Inclusive, os próprios sonhos não podem ser sua única via.

Voltemos aos exemplos dos sonhos infantis, dos sonhos de angústia e também aqueles claramente contrários a uma vontade que se manifesta no sonho, agora com a luz do que acabamos de ver sobre os movimentos dos impulsos de desejo no aparelho psíquico. Em

[34] Não podemos deixar de citar que um sonho importante na virada teórica de Freud foi o do pai que viu seu filho morto ao pé de sua cama tomando-lhe pelo braço e lhe dizendo: "*Pai, não vês que estou queimando?*". Na vida de vigília, o cadáver de seu filho estava sendo velado no quarto ao lado sob a vigilância de um senhor para que ele pudesse enfim descansar um pouco. Quando o pai acordou, percebeu uma forte luz vindo de lá. Acontece que uma vela acesa provocou um princípio de incêndio e a mortalha começou a queimar por falta de vigilância do senhor, que também caiu no sono. A clara realização de desejo ali presente, a saber, de que o filho morto se comportasse como vivo por um momento, provoca Freud a pensar que haveria algo mais em jogo em sua interpretação e, quiçá, na interpretação dos demais sonhos de sua coletânea.

termos puramente dinâmicos, que são os que parecem importar quando se trata do desejo inconsciente, no caso das crianças a censura entre as diferentes instâncias ainda não estaria completamente desenvolvida. Isso implica que haveria menos barreiras para o livre escoamento dos impulsos inconscientes, ao ponto de Freud afirmar que "*o desejo que é representado num sonho tem de ser um desejo infantil*" (p. 532, itálicos do autor). No fundo, são as experiências infantis que começam a produzir as marcas ou trilhamentos que mencionamos. No caso dos sonhos de angústia, se pensarmos, de maneira bastante resumida, que a realização de desejo inconsciente obedece à sensação de prazer obtida pelo escoamento dos investimentos, vemos que há sim uma satisfação em jogo, mesmo que não reconhecida pela consciência enquanto tal. As noções de prazer e desprazer para cada instância do aparelho não necessariamente coincidem. Além disso, na angústia há ainda outra observação que convoca mais propriamente um outro tipo de censura, afinal, "todos têm desejos que prefeririam não revelar a outras pessoas, e desejos que não admitem nem sequer perante si mesmos" (p. 170), e vê-los realizados não vem sem um forte rechaço. Esse último argumento vale certamente também para muitos casos em que temos a realização do oposto do que supostamente queríamos.

A esta altura, podemos nos perguntar: de onde provém então esse desejo inconsciente constante, indestrutível e sempre pronto a entrar feito um posseiro dentro dos sonhos e demais formações de compromisso? Sabemos que ele provém de uma determinada parte do aparelho, mas, o que o teria originado? Sabemos que é sempre complicado perguntar sobre a origem das coisas, ainda mais no campo científico. Mas o ponto principal é que a questão da origem torna-se um fato incontornável para Freud tentar elucubrar o que teria provocado o impulso dessa força criadora que não estaria presente desde sempre. Contudo, ela não parece ser uma questão necessária para o estudo do aparelho psíquico tomado em ação.

Tudo o que vimos acima, relacionado ao fato dos impulsos inconscientes tomarem de empréstimo determinados pensamentos latentes para que haja uma expressão mínima de realização de desejo perceptível, não passa de uma atividade do processo secundário, por sua vez, já efeito de alguma outra coisa. Haveria ainda, segundo Freud, um passo anterior ao qual não temos acesso pleno e que não passa, seguindo seus próprios termos, de "uma ficção teórica" (p. 576).

Assim, ele estipula uma etapa anterior do desenvolvimento do aparelho psíquico, da qual só podemos vislumbrar alguns escombros. Trata-se de algo que ele denomina como

processo primário e que pode ser resumido pelo livre escoamento dos investimentos psíquicos, sem a barreira da censura que separa inconsciente e pré-consciente. Em um tempo remoto da constituição psíquica, o aparelho se comportava de forma ainda mais análoga a um aparelho reflexo, ou seja, havia uma pronta resposta para o acúmulo de investimentos, que poderiam ser escoados livremente de forma a obter prazer. Não havia desvio algum ou necessidade alguma de produzir um malogro a fim de passarem despercebidos. Isso se dava, como vimos, através de trilhamentos ou traços mnêmicos.

O aspecto verdadeiramente interessante nesta história de um ponto de vista da linguagem é que há elucubrações também a respeito da forma como esses traços seriam demarcados, o que alimenta ainda mais o seu caráter ficcional. Freud aponta que um bebê assolado por uma forte necessidade somática – a fome, por exemplo – tem uma vivência de satisfação que coloca enfim término a esse calvário. Isto gera uma percepção específica, a de nutrição, que se marcará no aparelho psíquico como um caminho de facilitação. Assim, quando sentir fome novamente, haverá um impulso para restabelecer esta vivência que ganha só então o caráter de uma "situação de satisfação original" (p. 543). Quando for mais uma vez satisfeito em seu anseio, o bebê poderá de certa forma reativar este traço, uma vez que os investimentos, tanto de acúmulo desprazeroso quanto de escoamento prazeroso, percorrerão o mesmo caminho já demarcado.

Temos aqui um detalhe importante: o desejo, tal como Freud o define, é mais propriamente o impulso para repetir essa situação em termos dinâmicos, ou seja, o próprio fluxo que parte do desprazer no interior do aparelho em direção ao prazer do apaziguamento. Em outras palavras, puro movimento. Sua realização é simplesmente o trilhamento refeito pela energia psíquica e a nova vivência de satisfação obtida a partir disso. A primeira vivência de satisfação, nesse contexto, pode ser entendida também, de certa forma, como originária, o que implica que não havia desejo antes da marcação deste traço mnêmico no aparelho. De certa forma também algo dessa mesma vivência resta irrepetível, uma vez que o traço não se marca novamente.

Os sonhos são uma espécie de retomada deste momento anterior de constituição do aparelho psíquico por justamente oferecerem uma vazão para os impulsos inconscientes, que tiveram que dar seu jeito para se fixarem em outros elementos intermediários e poderem então abrir caminho em direção à consciência. Nesse sentido, eles são realizações de desejo propriamente dito, porém com o acréscimo de que esses impulsos agora podem ter alguma

forma mais bem definida do que uma mera necessidade somática, chegando ao ponto por vezes de se confundirem com objetos e intenções concretas do mundo externo.

Não podemos esquecer que o aparelho se complexificou desde este momento primário, sobretudo com a introdução da censura. Isso implica que esse escoamento é dificultado por uma espécie de barra que impede o antigo livre fluxo de investimentos e uma distorção se torna primordial para contorná-la. Para isso, esses impulsos se servem dos pensamentos pré-conscientes disponíveis que encontram pela frente, os ditos restos diurnos ou lembranças reativadas que oferecem então uma via indireta em direção à consciência. Entram em cena então os mecanismos do trabalho do sonho, que serão responsáveis por realizar ainda outra transformação, a saber, uma outra tradução desses mesmos impulsos dessa vez na forma de imagens, como vimos com a condensação, o deslocamento, a figurabilidade e a elaboração secundária.

Não podemos, entretanto, achar que esse desvio necessário se dá sem perdas. Aliás, é de perda em perda que esses investimentos de desejo vão conseguir vir à luz.

> Em consequência do aparecimento tardio dos processos secundários, o âmago de nosso ser, que consiste em impulsos desejosos inconscientes, permanece inacessível à compreensão e à inibição pelo pré-consciente; o papel desempenhado por este restringe-se para sempre a direcionar pelas vias mais convenientes impulsos desejosos vindos do inconsciente. Esses desejos inconscientes exercem uma força compulsiva sobre todas as tendências mentais posteriores, uma força com que essas tendências são obrigadas a concordar, ou que talvez possam esforçar-se por desviar e dirigir para objetivos mais elevados. (p. 576-577).

Todo o trabalho de interpretação só pode avançar em relação aos pensamentos pré-conscientes e até mesmo toda a experiência analítica somente pode vislumbrar erguer seu acampamento neste terreno. Uma parte dos impulsos inconscientes, esses que não logram atravessar a barreira da censura, resta inevitavelmente inacessível às nossas tentativas de desmistificar seus enigmas[35]. Restam inacessíveis também às nossas tentativas vãs de lhe fazermos perguntas. É isso que Freud chamará de "umbigo do sonho", o ponto limite de qualquer interpretação e que a coloca diante de um dilema tal, que não resta nenhuma outra

[35] Por isso, uma análise é muito mais uma experiência de desconhecimento do que de auto-conhecimento, por mais que ela nos leve a prever um pouco mais dos caminhos tomados pelos nossos sintomas. Cf. Pimentel, 2018.

opção a não ser largar as armas e desistir ou então recomeçar tudo outra vez, para ver que outras veredas incompletas podem ser percorridas[36].

Ir até o final absoluto de uma interpretação é, de certa forma, trair o que Freud formula sobre as complicações em torno do desejo inconsciente nos sonhos. Ele mesmo parece se dar conta disso. O mais essencial de uma interpretação, portanto, parece ser muito mais o que não dizemos dela, ou ainda, a direção que ela aponta em seu processo, sem prosseguir. Em outras palavras, as próprias relações simbólicas que encontramos no meio do caminho e que nos lembram dos mecanismos de língua, seja ela uma língua qualquer. É este propriamente o material de nossa escuta e de nosso trabalho.

Incômoda estranheza, infamiliar inquietação

No trabalho com os sonhos, somos transportados pelas diversas formas que os impulsos desejosos adquirem com fins de vencer a censura que impede o seu livre escoamento. O passeio pelas relações simbólicas e os descaminhos que elas podem nos conduzir, meios propriamente materiais da experiência analítica, entretanto, não se mostrou suficiente. Se o desejo é entendido como impulso, moção ou movimento de uma parte a outra ligada à nossa percepção, impulsionou também a Freud elucubrar a respeito do ponto de sua suposta origem enigmática, esta, por sua vez, ligada à própria constituição de nosso aparelho psíquico. Este também constitui um movimento de linguagem importante, uma vez que se trata de algo tão primitivo quanto promovedor de efeitos no nosso presente e em nossas expectativas futuras: "(...) a antiga crença de que os sonhos preveem o futuro não é inteiramente desprovida de verdade. Afinal, ao retratarem nossos desejos como realizados, os

[36] Gostaria de exemplificar este ponto com um de meus próprios sonhos. Após outras cenas, há um corte que me transporta para uma sala de cirurgia bem precária com um lustre baixo pendente, dos tipos que vemos em filmes de terror. Há um médico legista e dois corpos dispostos em duas mesas de metal. Um deles está completamente coberto por uma grande prensa, que me faz pensar que só poderia haver algo esmagado por baixo dela. O outro corpo está perfeitamente visível. Trata-se do corpo nu e imóvel de uma jovem mulher. No sonho, sou somente a pessoa que transporta uma bandeja com instrumentos para a operação médica. Deixo-a do lado do corpo exposto para que o médico possa seguir com o seu trabalho. Minha tarefa acaba ali e posso ir embora. Saio por uma porta lateral que dá para um beco. Vejo que a atmosfera está tranquila do lado de fora e que o clima está ameno e ensolarado. Sinto-me bem, pois sou livre, ao contrário dos corpos que permaneceram na sala sinistra. Ao mesmo tempo, não deixo de pensar que nunca saberei nada a respeito daquele corpo idêntico ao meu que foi submetido a uma cirurgia, se ele se encontra ainda com vida, se está sentindo dor ou em vias de uma recuperação. Um desconhecimento absoluto. Acordo extremamente angustiada.

sonhos estão decerto nos conduzindo para o futuro. Mas esse futuro, que o sonhador representa como presente, foi moldado por seu desejo indestrutível à imagem e semelhança do passado." (Freud, [1900] 2001, p. 592). Aliás, o arcaico somente estaria parcialmente acessível por meio de suas desfiguradas repetições.

Se esta origem, segundo os termos do próprio Freud, se dá na forma de uma "ficção teórica", gostaríamos de ressaltar que faz parte desse caráter ficcional não ser uno[37]. Por isso mesmo, gostaríamos ainda de ler algo sobre este ponto constitutivo do desejo inconsciente a partir de outro texto que nos descreve aspectos de uma experiência de (re)encontro estranho com esse núcleo que, paradoxalmente, nos é tão familiar e nos ressalta, por incrível que pareça, uma percepção de perigo para a coerência da unidade que forjamos para nós mesmos.

Nossa despedida de Freud antes de uma leitura de Lacan, que retomará diversos pontos aqui elencados, se dá pelo texto *Das Unheimliche*. Vemos uma série de traduções deste título para nosso idioma: "o estranho" (Imago), "o infamiliar" (Autêntica), "o inquietante" (Companhia das Letras) e, mais recentemente, "o incômodo" (Blucher). Todas essas são tentativas de abranger em nossa língua uma experiência cotidiana e fundamentalmente desconcertante da qual ninguém está ileso, algo fortemente associado ao terrível, ao horror e ao medo ou angústia, mas não necessariamente somente a isso.

Cada uma dessas propostas de tradução toca de alguma maneira o sentimento à flor da pele que Freud tenta descrever com os meios à sua disposição, sem circunscrevê-lo. Mais uma vez, ele recorre a uma palavra presente na fala popular para tratar de uma questão psicanalítica e isso certamente serviu como provocação para cada uma das traduções citadas acima. Ressaltamos, contudo, um detalhe importante: temos aqui uma questão de língua que não se restringe a uma tradução de termos alemães para o português brasileiro. Também está em jogo, sobretudo, uma tradução, nos termos de uma língua qualquer, de algo que essencialmente foge às palavras. Em outros termos, temos uma experiência que, justamente por ser múltipla, pois passível de acontecer em situações bem diferentes umas da outras, encontra-se alheia a uma nomeação que a defina com precisão.

Se seguimos o rastro desta palavra no idioma alemão, à semelhança de Freud, temos já uma primeira indicação. Trata-se de um deslizamento que parte de *heimlich* ou então *heimisch* (familiar ou o "ser de casa"), passa por *geheim* (secreto), até que, por fim, chega ao antônimo do primeiro termo, que carrega em si um prefixo de negação *unheimlich* (não somente o não

[37] Cf. também a seção "Desejo em Lacan" a seguir sobre a constituição subjetiva.

familiar, mas todas as sutilezas apontadas pelos termos acima mencionados). O termo intermediário, que remete ao oculto ou secreto, é a chave que permite passar do primeiro termo ao seu contrário, não sem ambiguidade, uma vez que, na história do idioma – e podemos acompanhar isso pelas definições detalhadas dos termos que Freud nos transcreve – há um momento em que *geheim* passa a substituir *heimlich/heimisch* em algumas ocasiões. É pela definição específica de Schelling, entretanto, que os extremos finalmente se cruzam: o incômodo-estranho-infamiliar-inquietante é "tudo o que deveria permanecer em segredo, oculto, mas apareceu" (Freud, [1919] 2010, p. 254). Nisso resulta seu caráter beirando o angustiante e assustador.

Este movimento de palavras, quase à maneira de uma associação livre elevada ao estatuto de conceito, parece contribuir de forma decisiva para a própria definição do que está aqui em jogo, a qual aliaremos posteriormente à rede de outras noções mais propriamente metapsicológicas, principalmente o retorno colocado em cena pelo recalque. Podemos reconhecer nesse deslocamento pedaços de palavras, sobretudo o termo *Heim*, que significa lar e incorpora outros termos derivados da noção de familiaridade, como a *Heimat*, lugar onde se pode sentir em casa e que não necessariamente remete à pátria onde se nasce, mas também lugar que não necessariamente acolhe a todos que nela encontrem pertencimento[38]. Este último exemplo pode ser transportado para bem perto de nós quando pensamos no caso dos indígenas, estrangeiros em sua própria terra, e também nos escravizados africanos, os quais incorporaram tantos elementos que fazem parte do que comumente se denomina como nossa brasilidade[39]. Quem é o estrangeiro? (cf. Hassoum, 1998).

É notável, além disso, que Freud não tenha deixado de buscar palavras em outras línguas, sem encontrar nada além de outras associações possíveis, outros deslocamentos que nos colocam ainda mais em dúvida quanto a um sentido esclarecedor desta experiência. No fim, o uso da linguagem – ou melhor, os usos de uma língua em particular, a mesma que guia sua escrita na maior parte do tempo – lhe traz uma confirmação dos casos individuais que analisa (Freud, [1919] 2010, p. 249). Assim, no plano de fundo, temos também os mistérios da evolução das línguas naturais, que fazem com que certos elementos coincidam ou remetam uns aos outros. Cada uma delas carrega sua caixinha de surpresas para o pensamento teórico.

[38] Para o início de uma discussão política do termo *Heimat* em alemão, que possui uma riqueza de sentidos ao longo da história do idioma, cf. Scholz, 2018.
[39] Cf. Magno, 1980 e Gonzalez, 1984.

Como exemplos desse (re)encontro com o que deveria permanecer escondido e salta aos olhos quando menos se espera, temos as experiências mais triviais de repetições não deliberadas, aquelas que fazem pensar que o que aconteceu não pode ter sido meramente fruto do acaso e que nos convocam por vezes às mais antigas supertições para justificá-las. Algo que estava no plano de fundo, à espreita, e, de repente, ganha o centro das atenções de maneira completamente inesperada. Ressonância. Podemos citar a repetição de um número em lugares diferentes num curto espaço de tempo e a conclusão de que isso só poderia ser um presságio; a sensação de ver um rosto muito parecido com uma pessoa próxima falecida; a escuta de uma canção de ninar numa língua que não dominamos, mas cuja melodia e algumas palavras estranhamente conseguimos cantarolar[40]. Além disso, também temos bizarras coincidências entre pensamentos desejosos e sua consolidação no mundo real, que nos fazem voltar ao tempo em que as palavras pareciam ter a força de poderes mágicos. Até hoje temos vestígios disso com as expressões "vira essa boca para lá" e com as três batidas na madeira, essenciais para se evitar uma catástrofe desencadeada pela nossa imaginação. Tratam-se, portanto, frequentemente de experiências nada prazerosas para a percepção consciente, uma vez que quebram com a unidade que construímos para o nosso Eu. Elas remetem a um ponto de não reconhecimento de que aquilo também nos pertence, um ponto estrangeiro a nós mesmos. Neusa Santos Souza (1998) nos traz a seguinte definição:

> Esse estrangeiro que, desde sempre, vive em nossa casa, é o que há de mais exterior e íntimo, de mais estranho e familiar. Sendo o mais opaco, o mais escondido, é, ao mesmo tempo, o mais estranho e o mais interior. O mais íntimo não se conjuga com a transparência – ao contrário, ele se diz no mesmo sentido que a opacidade. É capaz de suscitar angústia e horror justamente porque nos concerne, convive conosco, e por estar tão em nós, tão escondido em nós, se perde aí – tal qual um bem precioso que, de tão bem guardado se perde. Perdido, o estrangeiro retorna, e retornando como fato bruto destituído de forma, nos confronta com a distância, com o longínquo, com o informe, nos fazendo experimentar a estranha presença daquilo que antes nos fora familiar. (p. 156)

O retorno desse "fato bruto destituído de forma", após a surpresa, constrange o sujeito, nos termos da autora, a organizar esta experiência em uma ordem a qual estaríamos um pouco mais habituados. Em outros termos, há apelo, em um momento posterior, a palavras, formas, personagens, mas também qualquer outro elemento que conheçamos de nossa história, em seu antes ou depois, que possa oferecer algum tipo de linearidade para isso que chegou para corromper. Nosso eterno anseio de consistência, "essa ilusão tão necessária para viver" (ibid., p. 157).

[40] Cf. filme *O dia em que eu não nasci* (2011)

Ora, é justamente esse jogo entre impossível de dizer de uma forma clara – pois se trata de algo anterior mesmo ao próprio dizer – e a coerção para uma tentativa sempre falha que nos interessa aqui, ponto que elegemos como norte desta pesquisa e dilema que nos remete ao cerne da experiência analítica com o inconsciente. Parece só haver saída disso a partir de uma criação, gambiarra de amarração de sentidos que não fecha a questão, mas abre para a possibilidade de formulação de outras perguntas.

Em termos freudianos, a experiência do incômodo-estranho tem que ver com a tomada da realidade material pela realidade psíquica[41]. Retomando as formulações a respeito da psicologia dos sonhos, é como se os processos primários típicos de um momento originário do aparelho psíquico não retornassem somente de forma desfigurada durante os sonhos ou outras formações do inconsciente, mas também, mesmo que por um curto espaço de tempo, na nossa vida de vigília. Pane na matrix. Por isso mesmo que o estrangeiro-inquietante é algo na verdade bastante familiar, pois nos remete a um momento bastante arcaico de nossa constituição psíquica no qual o princípio de prazer reinava sem objeções e sem desvios. A partir de um segundo momento, quando há a diferenciação entre as diferentes instâncias e uma censura necessária entre elas, a coisa muda de figura, literalmente[42]. Esses impulsos que antes escoavam livres precisam investir outras formas e, elas sim, irão irromper na consciência.

A condição necessária para que algo retorne é que ela tenha sido, em primeira instância, afastada. Como vimos, o termo metapsicológico central que presta contas desse retorno de uma representação ao consciente é o recalque, pedra angular da Psicanálise, nos termos de seu próprio criador-experienciador. Quando vemos uma dificuldade em Freud ([1915d] 2004) de uma diferenciação clara entre o "recalque propriamente dito" e o "retorno do recalcado", isso quer dizer que é somente neste segundo momento que podemos desconfiar de que algo fora rechaçado, mesmo sem saber exatamente o quê. É só depois que podemos apreender qualquer traço de um sumiço (não tão) bem-sucedido. Não à toa, a coincidência de significados entre os opostos *heimlich* e *unheimlich* vem acompanhada de um prefixo de

[41] Cf. *Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico* (Freud, [1911] 2004).

[42] Essa diferenciação entre as instâncias pcs/cs e ics ganha complexidade com o passar dos desenvolvimentos teóricos de Freud. Temos a introdução de uma segunda tópica, na qual o supereu faz um papel de censura diferente daquele observado no estudo dos sonhos. Temos também uma ampliação da discussão com a introdução da noção de "ideal do Eu" em *Psicologia das massas* (Freud, [1921] 2011). Não é nosso interesse nos aprofundar nessas minúcias, mas somente apontar que há cisão entre algo inconsciente e que permanece essencialmente inacessível e nossa percepção consciente. Isso nos interessa na medida em que diz respeito também a nomeações e outros deslizamentos linguísticos.

negação, segundo Freud em um texto posterior, a própria marca do recalque ([1919] 2010, p. 272)[43].

Em linhas gerais, podemos dizer que este (re)encontro é uma experiência de caráter fortemente subjetivo, capaz de assumir inúmeras formas, justificativas e intensidades de afeto. Em nossa visão, isso diz também do encontro com algo da ordem do desejo, tanto nos termos freudianos vistos acima quanto em termos lacanianos, que começaremos a elencar a seguir. Ele nos convoca a preenchimentos. Não necessariamente será o caso de um choque desnorteador, mas, isso sim, um tropeço sempre provocador de questões a respeito do que estava antes organizado diante de nossos olhos. Nem todas as repetições deliberadas chamam a nossa atenção, afinal, vemos e escutamos coisas o tempo todo e muito pode passar facilmente despercebido. A questão intrigante neste retorno está também, portanto, na aparente aleatoriedade em relação à intensidade com que algo nos atinge em um dado momento de nossas vidas. Nem todos os enigmas podem ser explicados[44].

Desejo em Lacan

Após *A interpretação dos sonhos*, uma definição teórica explícita do desejo em Freud vai perdendo espaço para outras noções metapsicológicas. Mesmo assim ele não deixa de permanecer intrincado a outros conceitos fundamentais como a pulsão, o recalque, o inconsciente. Afinal, trata-se, em última análise, da renovação de um trânsito de energia psíquica entre as diferentes partes de um aparelho psíquico moldado por Freud, e isso engloba bastante coisa. O desejo, inclusive, faria presença nos processos primários, compreendidos

[43] Somente duas das traduções brasileiras conseguiram preservar a oposição entre os termos a partir de um sufixo de negação: o neologismo "infamiliar" e a palavra "incômodo". Cf também o texto *A negação* (Freud, [1925] 2011).

[44] Deixamos de fora aqui uma questão secundária em relação ao que nos propomos, mas ao mesmo tempo central quando se trata de um exame mais detalhado do *unheimlich*. Freud tenta esboçar uma diferença entre o encontro com esta experiência nas vivências cotidianas e na Literatura. Supostamente neste segundo espaço há menos estranhamento, uma vez que mergulhamos em outro universo onde facilmente coisas bizarras para o cotidiano podem ganhar um caráter muito natural. A Literatura abre todo um universo de mundos possíveis e somos convidados a aceitar o que o autor nos apresenta. Entretanto, não deixa de causar estranhamento a forma como Freud parece nos apresentar suas conclusões a partir de suas próprias leituras e experiências estéticas como generalizações. Além disso, coloca-se um limite bastante tênue entre o que pertenceria ao campo da Estética e o da Psicanálise. Hoje em dia, com o desenvolvimento do cinema e dos efeitos especiais em outros espaços, abre-se todo um novo leque de discussão a respeito desta experiência estética proporcionada pelo encontro com o inquietante-infamiliar-estranho-incômodo.

como um momento mítico anterior e base essencial para as movimentações que observamos ao ouvido nu. Marca-se também somente depois a partir de estranhos retornos. Em qualquer direção, ele parece convocar nossas justificativas e explicações, ainda mais quando se distancia por demais do que julgamos querer, esse terreno tão movediço.

Com Lacan, o desejo passa da função de contrarregra para o papel de protagonista, e isso não vem sem uma densa abordagem teórica, da qual privilegiaremos somente o ponto preciso que concerne mais diretamente à cadeia significante e suas leis. O segundo impasse mencionado na introdução deste trabalho a respeito da textualização que observamos nos *Escritos*, mas também na oralidade dos seminários, se marca justamente no movimento de Lacan em modificar de tempos em tempos suas formulações a respeito desta noção teórica central em seu ensino. De uma forma ou de outra, cada uma delas deixou algo a desejar. Podemos citar o reconhecimento do desejo a partir da leitura de Kojève da dialética do senhor e do escravo em Hegel (Lacan, [1946] 1998), a Lei que o desejo representa como uma espécie de limite para o gozo (id., [1960] 1998), a fantasia como o próprio lugar onde o desejo se apoia (id. [1962] 1998, p. 785), o objeto *a* causa de desejo (id., [1962-1963] 2005) e o lugar do sinthoma no nó borromeano ([1975-1976] 2007). O desejo aqui também convida a um debate com outros conceitos. Não entraremos em detalhes a respeito desses pontos elencados a título de exemplo e nos restringimos a afirmar que o próprio desejo, também em Lacan, tem o seu movimento muito mais explícito de reformulação.

Essa é uma diferença fundamental, que traz consequências na própria forma como serão tratados os impasses inerentes à noção de desejo, que começamos a explorar mais acima com Freud. Claro, essa passagem não se dá sem visíveis esforços para deslocar para um primeiro plano sua dimensão de conflito, desfiguração e vazio que somente preenchemos através de uma ficção que se sabe não abocanhar toda a sua verdade. Esse parece ser um ponto importante de simultânea continuidade e distanciamento de Lacan com relação a Freud, que resumimos da seguinte forma: a radicalização da dimensão de inexplicável exposta por este último através do "umbigo do sonho", o ponto limite ao qual qualquer interpretação inevitavelmente chega. Ponto que diz respeito, ao mesmo tempo, a algo anterior à própria possibilidade de interpretação e nos remete a seu "centro incógnito" (Lacan, [22 jan. 1964] 1998, p. 28)[45].

[45] Ana Laura Prates, no primeiro encontro de seu seminário "A heresia lacaniana: o campo dos gozos", fala também em uma radicalização, em Lacan, do que Freud coloca como da ordem inconsciente. Trata-se de uma ampliação, e não de uma substituição em relação ao que é posto por Freud. Tal abordagem condiz com o que

Em linhas gerais, para Lacan, o desejo está muito longe de se confundir com uma relação com o que achamos ou nem desconfiamos que queremos, mesmo que ele possa muito bem partir daí, como veremos com a dialética entre desejo e demanda. Até aí poderíamos seguir perfeitamente também com os termos de Freud vistos anteriormente. No entanto, a coisa muda de figura quando vemos, com Lacan, que não há espaço para coincidências de qualquer tipo: "não há desejo que não se mostre como um elemento problemático, disperso, polimorfo, contraditório e, para resumir, bem longe de qualquer coaptação orientada" ([1 jul. 1959] 2016, p. 507). Como orientar então o paciente em direção a um reconhecimento de seu desejo, passo importante na clínica, visto essa condição prévia? Como isso poderia dizer de um fim ou dos fins de uma análise?

Um ponto de diferença fundamental é a própria instauração do chamado objeto *a* causa de desejo, objeto desde sempre perdido e que somente podemos não reencontrar ao longo do movimento pulsional que nos agita e das fantasias que nos guiam[46]. O desejo passa a ser compreendido, portanto, muito mais em função de uma causa fundamentalmente ausente, negativa e ambígua – que apesar disso promove efeitos – do que em função de um princípio dinâmico das forças pulsionais que circulam no aparelho psíquico[47]. Trata-se aqui de um modo de se posicionar em relação a um objeto do qual a própria ideia de essência não está posta. Gingado difícil ainda mais porque não se sabe dessa causa se ela vem antes, como motivo, ou depois, como consequência, ou ainda, os dois ao mesmo tempo.

Uma discussão sobre qualquer tipo de realização ou substancialização do desejo, mesmo que problemáticas e incompletas, fica, portanto, fora de questão. Se, apesar disso, ele se encontra no centro da experiência analítica – orientando certas manifestações inconscientes que vemos na clínica e os posicionamentos enigmáticos do sujeito – podemos dizer ainda, com Lacan, que é justamente por se tratar de uma experiência "absolutamente original" e "irredutível" (ibid.) para cada um – ou mesmo para cada momento específico dentro de uma só vida – que não podemos estabelecer nenhum manual de etapas ou condutas a serem

---

propomos como percurso nesta dissertação. Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=d3_Q3YRRqU0>, transmitido ao vivo em 20 mar. 2023 e acessado em 28 mar. 2023.

[46] Cf. a dissertação de mestrado de Luiz Fernando Botto Garcia intitulada *Despertar do real: a invenção do objeto a* (2015). Neste texto, vemos uma leitura atenta do vasto percurso de Lacan no desenvolvimento do objeto a, elemento teórico fundamental para se lidar com a pura negatividade própria do desejo. Cf. também capítulo 7 *Objeto (a): causa do desejo* (Fink, [1995] 1998).

[47] "Certamente não basta dizer que o inconsciente é um conceito dinâmico, pois isto é substituir a ordem do mistério mais corrente por um mistério particular – a força, isto serve em geral para designar um lugar de opacidade. É a função da causa que me referirei hoje" (Lacan, [22 jan. 1964] 1998, p. 26). Aqui podemos ver que, mesmo se diferenciando da concepção freudiana, o salto dado por Lacan não deixa de partir dos mistérios deixados irresolúveis pelo primeiro.

seguidas. Ao contrário, ele exige uma escuta aberta, rigorosa em relação à ética que evocamos anteriormente e que diz respeito ao fato de sempre se pressupor um sujeito ali onde não se desconfia que isso fala.

Percorreremos um determinado caminho em relação ao que Lacan expôs sobre o desejo – uma vez que é impossível apreendê-lo todo no cerne de somente um trabalho – que convoca de maneira mais marcada as noções de sujeito e de significante**.** Este último entra em cena pelo viés do que suas funções essenciais, a metáfora e a metonímia, apontam em relação ao primeiro. Veremos que elas são homônimas aos eixos de linguagem propostos pelo linguista Roman Jakobson ([1956] 1975). Mais precisamente, interessa-nos apreender minimamente a noção de sujeito, intrinsecamente ligada ao desejo, na medida em que ele se articula no funcionamento e numa lógica significantes. Esse parece ser um caminho possível para um vislumbre da leitura que Lacan faz de termos de uma determinada Linguística. Por que ele recorre a ela precisamente quando se trata da combinatória de elementos de uma ordem inconsciente? Vimos que, desde Freud, temos mecanismos de língua em jogo quando lidamos com suas manifestações. Seria esse recurso de Lacan fruto somente de um momento histórico ou poderíamos ler algo dessa relação nada simples ainda nos dias de hoje? Em que medida uma combinatória linguística sistematizável do ponto de vista científico pode auxiliar na leitura disto que se situa em uma outra cena e que nos apresenta um resto resistente à simbolização? Essas perguntas serão respondidas na segunda parte deste trabalho. Interessa-nos também em igual medida delimitar algo desta causa salientada por Lacan que escapa a qualquer lei determinante para a sequência formada pelos elementos significantes.

Por se tratarem ainda de noções muito vastas, escolhemos um determinado recorte que remete ao primeiro passo dado com Freud e ao dilema para o qual chamamos a atenção no terceiro impasse de nossa introdução. Não é o objetivo último dos psicanalistas confirmarem os meandros, os tempos e a localização do aparelho forjado por Freud. Isso é absolutamente secundário, ele mesmo nos adverte. O que interessa mais é aquilo que fica como resto de uma busca, o discurso ardiloso no interior do qual o desejo irá se articular (Lacan [1958b] 1998, p. 626), sem, contudo, confundir-se com nenhum de seus elementos tomados isoladamente. Em outros termos, interessa muito mais, por exemplo, o que nos volta sob a forma de imagens nos sonhos e os malogros que podemos apreender minimamente quando nos debruçamos sobre elas. São justamente suas bordas que o desejo informe tem de mais central, e essas não deixam de ser bordas de linguagem, em seu sentido mais amplo, o qual excede qualquer língua tomada isoladamente.

Em outras palavras, resta algo de informulável nos termos linguageiros aos quais estamos mais habituados em nosso dia-a-dia, como palavras e frases, e não se é possível dar nome a todos os bois quando se trata do desejo. Além disso, há algo de enganador na verdade inconsciente, que talvez nos faça pensar que sim. De qualquer maneira, podemos inventar-lhes histórias de cercas e porteiras.

Nosso percurso por Lacan, que seguirá até o final deste trabalho, tentará principalmente dar consequência para o aforismo que nos apresenta uma outra ordem sobredeterminando a própria ordem da linguagem verbal (cf. Silveira, 1997): "o desejo, mesmo não sendo articulável, não podemos dizer igualmente que ele não seja articulado" (Lacan, 1962, p. 157). De maneira um pouco mais radical, vemos também em outro lugar: "que o desejo seja articulado é justamente por isso que ele não é articulável. Entenda-se: no discurso que lhe convém, ético, e não psicológico" (id., [1960b] 1998, p. 819).

Um retorno a Freud

Há toda uma história que antecede este dizer e ela engloba a própria forma como Freud, nos termos de Lacan, soube ouvir algo diferente nas histéricas, as quais, lembramos, conduziram-no também aos sonhos. Foi precisamente esta a entrada nas relações entre o desejo e a linguagem (Lacan, [15 jan. 1964] 1998, p. 19). Lacan afirma ainda: "Que essa relação do desejo com a linguagem como tal não lhe tenha permanecido velada, é um traço de seu gênio, mas isto não é dizer que ela tenha sido plenamente elucidada" (ibid.).

Ao longo dos anos 1950, Lacan denuncia de diversas maneiras numa série de textos que este ponto fundamental teria sido negligenciado por uma Psicanálise que se denominava como freudiana. Mais particularmente, o que fora negligenciado era o fato de que o cerne da experiência analítica de cada um e cada uma não poderia ser reduzido a uma (re)adaptação social, a uma busca de padrões de comportamento, a nomenclaturas que restringem de alguma forma uma nomeação livre do paciente a respeito de seu próprio sofrimento ou ainda a uma identificação com o analista. Em outras palavras, uma experiência analítica não pode vislumbrar em seu(s) fim(ns) nenhum resultado pré-concebido. Segundo Lacan, privilegiava-se sobremaneira nesta corrente uma função imaginária do *ego*, unidade coerente consigo

mesma, e um determinado modo de produção dominante tipicamente norte-americano, os primórdios – poderíamos dizer – de uma dinâmica neoliberal de existência e modo de ocupar o mundo que vem mostrando efeitos cada vez mais danosos e preocupantes nos dias de hoje também no Brasil (cf. Safatle et. al, 2020).

Lacan se esforça para demonstrar que, mesmo portando o nome de noções freudianas ou ainda outras delas derivadas, isso não poderia ser a Psicanálise extensamente trabalhada por seu fundador. Nesse modo de tratamento que parece ignorar a inacessibilidade e desfiguração do inconsciente, os dizeres que não correspondessem à transmissão de informações claras poderiam muito facilmente ser interpretados como resistências do paciente ao tratamento. Sua fala dirigida ao analista, além disso, poderia ser traduzida para uma linguagem técnica, que a desmistificaria e repararia a descontinuidade própria do discurso inconsciente. Nada de espaço para o estranhamento do sujeito em relação aos achados encontrados em sua própria fala ecoada pelo analista. Nada de espaço para as ambiguidades e para a "língua vulgar" tão explorada por Freud em sua escuta e teorização, tão distantes do reducionismo visado pela linguagem técnica. E nada da liberdade de tentar procurar aquilo que não consegue, naquele momento preciso, ser expresso por palavras em outro lugar: no corpo, nas lembranças impenetráveis, no deslizamento dos sentidos, nas histórias sobre si transmitidas por terceiros e nos vestígios mais diversos (Lacan, [1953] 1998, p. 260-1).

Sua contestação será orientada por um vasto movimento que ele denomina como o de um retorno a Freud. Alguns fundamentos haviam se tornado tão irreconhecíveis que tal empreitada poderia muito bem significar uma verdadeira reviravolta (id., [1955c] 1998, p. 403). O objetivo de Lacan era claro: reler a obra de Freud profundamente, não para devolver uma interpretação correta de seus escritos, mas sim para abri-los novamente do encerramento em que estavam enjaulados, não sem bastante rigor em relação ao que se deixa passar de seus textos. Rigor, porém, acompanhado de liberdade para formular diversos conceitos que não estavam na letra de Freud tais quais, como o de sujeito, gozo, significante, letra, dentre muitos outros. Liberdade também de se munir de alguns outros instrumentos à sua disposição, que não se encontravam presentes à época de Freud, por mais que, segundo Lacan, lhe digam respeito. Para além de uma certa Linguística, ele se serve também de grafos diversos, da Filosofia, da Antropologia Estrutural, dentre outros domínios.

Esse movimento de retorno que leva também em consideração a efervescência própria de sua época se mostra ser, sobretudo, um retorno ao sentido de Freud (ibid., p. 406), que é

essencialmente uma questão em aberto. Esse sentido diz muito menos de uma explicação do que mais diretamente da verdade que concerne a cada um e cada uma que se propõe a uma experiência com o inconsciente e que Freud tentou elucidar ao longo de sua obra. Roçamos nela quando falamos dos sonhos e da reviravolta lida no próprio movimento de pesquisa de Freud. Leia-se essa verdade mais precisamente no sentido de uma experiência verdadeira com o inconsciente, aquela que vai promover um encontro com uma parte de nós estranha a nós mesmos e que causa problemas de reconhecimento. Qualquer um está sujeito a este encontro, dentro e fora da clínica, como vimos também com o estranho-infamiliar-incômodo-inquietante.

"Essa verdade, sem a qual já não há meio de discernir o rosto da máscara, e fora da qual parece não haver outro monstro senão o próprio labirinto, que é ela?" (ibid., p. 407). Pois bem, essa é justamente a questão premiada. Já dizia Clarice Lispector[48]: "O único modo de chamar é perguntar: como se chama?". A verdade nos coloca face a face com um limite, o qual, este sim, pode ser dito. Se Freud fez esforços até mesmo em relação aos termos que escolhia para lidar com a ordem inconsciente, a fim de deixar sua teorização o mais clara possível e bem mais próxima do modo de falar do cotidiano, Lacan, pelo contrário, aposta, neste mesmo lugar, em uma entrada difícil ([1957b] 1998) já nos termos e circunlóquios que propõe em seu retorno.

De um sujeito do inconsciente falante e desejante

Para Lacan, o fundador da Psicanálise abre as comportas para o que ele irá denominar como sujeito, elemento que corre "pelas bordas do que Freud reserva à verdade" ([1955c] 1998, p. 437). É a partir deste sujeito adjetivado como inconsciente, falante e desejante – sua relevância consiste justamente em ser tudo isso ao mesmo tempo – que lidamos minimamente com ela. Para se lidar com este sujeito, distinguimos dois momentos, sendo que o segundo pressupõe o primeiro para que possa ter lugar: trata-se tanto do ponto de vista de uma constituição quanto de uma irrupção em meio a outros elementos de linguagem[49]. O sujeito será um elemento fundamental para se pensar a dimensão do desejo em Lacan, uma vez que

[48] Cf. *Terceiro impasse: dizer o desejo*, presente na introdução deste trabalho.
[49] Cf. capítulo 4, *O sujeito lacaniano* (Fink, [1995] 1998).

não se confunde nem com o indivíduo nem com a individualidade. Trata-se antes de singularidade que não é baseada na delimitação de traços característicos e que foge a uma identificação com um grupo. Tanto de um ponto de vista quanto de outro, lidamos com uma dimensão de falha ou resto, a qual, na constituição, toma o nome de divisão e, na irrupção, o nome de hiância ou vazio. Não por acaso, ele é escrito por Lacan como um S barrado ($). Além disso, tanto de um lado quanto de outro está presente a ideia de causa, em sua ambiguidade fundamental: por causa de algo que veio antes e a causa de outra coisa ainda por vir. Inapreensível, o sujeito se encontra no espaço de um entre.

Por ora, trataremos desta constituição a partir da dialética entre desejo e demanda, que entrará também como uma espécie de leitura do Édipo[50] feita por Lacan. Em um segundo momento, que nos restringiremos a apresentar brevemente nesta seção para então dar continuidade na segunda parte deste trabalho, trataremos propriamente desta irrupção do sujeito que se dá em meio a uma sequência de significantes. Segundo Bruce Fink ([1995] 1998), esse sujeito como um furo que "desponta" (p. 63) seria o mais próximo ao que Freud nos mostra como algum retorno na consciência de algo desfigurado em relação ao material inconsciente, mesmo que ele não faça uso de tal termo. Trata-se de algo que não necessariamente reconhecemos como sendo da gente, um intruso.

À semelhança do que vimos com a formulação de Freud a respeito dos processos primários que regiam o aparelho psíquico em uma época remota, à qual não temos mais acesso, o momento da constituição somente pode ser concebido de maneira retrospectiva tomando-se como partida o segundo momento das diversas irrupções que podemos reconhecer após um certo trabalho: "*A divisão é, em certo sentido, a condição da possibilidade da existência de um sujeito e o deslocamento intermitente parece ser sua realização*" (FINK, [1995] 1998, p. 70, itálicos do autor). Mais uma vez, somente podemos elucubrar a respeito de uma suposta e necessária origem para o sujeito do inconsciente falante e desejante.

[50] Em linhas gerais, o complexo de Édipo teorizado por Freud para explicar sobre a sexualidade infantil pode ser entendido como um "romance familiar da psicanálise" (SOLER *apud* FINGERMANN, 2014, p. 134), ou seja, uma história que envolve a criança, o pai e a mãe, assim como o trânsito de investimentos libidinais de um a outro em diferentes etapas do desenvolvimento infantil. Esse trânsito envolve tanto impulsos de agressividade quanto de amor e é uma das formas da criança lidar com a castração. Em Lacan, essa tríade será lida a partir de posições, e não a partir de pessoas empíricas, ou seja, há uma função paterna e uma função materna para além do *infans*/sujeito (cf. Lacan, [1957-1958] 1999). Além disso, o interesse repousa em algo bem mais amplo do que o desenvolvimento da criança, ou seja, repousa também em "saber o que, para os falantes, funciona como princípio de orientação da libido e, portanto, de seus possíveis laços sociais" (SOLER *apud* FINGERMANN, 2014, p. 134).

Ao tentar responder à pergunta central que também nos concerne neste trabalho – a saber, "uma vez reconhecida a estrutura da linguagem no inconsciente, que tipo de sujeito podemos conceber-lhe?" (Lacan, [1960b] 1998, p. 814) – Lacan tenta definir este sujeito que interessa à vertente da Psicanálise resgatada diretamente do texto freudiano a partir de uma oposição entre sujeito do enunciado e sujeito da enunciação. Ora, isso é dizer também de uma sequência significante e da maneira como o sujeito do inconsciente não se confunde com nenhum de seus termos. Isso vale para qualquer elemento linguístico que traga à tona uma subjetividade na linguagem, como os pronomes pessoais "Eu" e "Tu/Você" que são reatualizados a cada nova cena enunciativa e os modos verbais imperativo e subjuntivo, que trazem expressos no verbo um direcionamento explícito (*Levanta-te!*) ou então uma expectativa bem marcada (*Espero que tudo dê certo*)[51]. Não é nesse lugar linguisticamente marcado que o sujeito da enunciação se encontra. A subjetividade em Psicanálise se distingue radicalmente desta "capacidade do locutor de se propor como 'sujeito'" do próprio enunciado que profere (Benveniste, [1958] 1998, p. 286).

O sujeito da enunciação pode, no melhor dos casos, ser designado, mas não significado nem muito menos referido (Lacan, [1960b] 1998, p. 814). Sua existência não é demonstrável empiricamente, a não ser por um artifício bem elaborado. Situamo-nos no campo de um articulado que não se confunde com um articulável, o que significa supor que há algo ausente e necessário atuando na sequência do que escutamos ou não escutamos diretamente. Isso se mostra muito mais na forma de uma descontinuidade, que nos toma de surpresa. Um corte com o qual não podemos fazer nada além de uma costura artesanal, daquelas que marcam muito bem o lugar do rasgo e não o disfarçam adicionando uma série de retalhos que transformariam esse tecido bruto em algo completamente diferente do que ele uma vez foi.

É possível, portanto, reconhecer esse sujeito naquilo que, por exemplo, não é dito em uma frase específica, mas que – não seja por isso – deixa um traço. O mais interessante é que,

[51] Lacan faz referência principalmente aos *shifters*, definidos por Jakobson ([1956b] 1971) a partir de Otto Jespersen como elementos linguísticos que somente podem ser significados em relação a cada mensagem. Assim, o pronome "Eu" só pode fazer referência à pessoa que profere o enunciado naquele momento e o "Tu/Você" somente pode fazer referência a quem se profere tal enunciado. Sua peculiaridade consiste, portanto, na invariabilidade da forma, mas na variabilidade de significados e referências. O foco do artigo de Jakobson reside claramente no funcionamento dos verbos russos. Uma abordagem de mais fôlego do problema da subjetividade na linguagem assim como das formas linguísticas em que ela pode ser apreendida pode ser lida nos textos *A natureza dos pronomes* ([1956a] 1995) e *Da subjetividade na linguagem* ([1958] 1998), de Émile Benveniste. Neles o autor inclui também indicadores da dêixis, como demonstrativos, advérbios e adjetivos que organizam toda uma situação enunciativa (*este, aqui* e *agora*). Desde então, o problema da subjetividade na linguagem não deixou de orientar um ponto de possível relação entre Linguística e Psicanálise.

neste ponto, Lacan recorre a um recurso próprio da língua francesa para explicá-lo, o *ne expletif*. Trata-se de uma partícula empregada em contextos específicos e seus derivados semânticos, podendo ser considerados hoje em dia um tanto quanto literários ou formais e raramente presente na linguagem cotidiana dos franceses. O *ne expletif* atualmente pode ser encontrado em alguns exemplos de orações subordinadas afirmativas que exprimem temor, dúvida, negação, comparação ou tempo e sua particularidade reside justamente no fato de não ter uma significação negativa, mesmo a partícula *ne* constituindo uma das partes da negação em francês.

Citamos alguns exemplos retirados da *Grammaire progressive du français niveau avancé* (Boulares & Frérot, 1997, p.32): "*Je crains qu'il* ***ne*** *tombe malade"* [Eu temo que ele fique doente], "*Je ne doute pas que vous* ***n'****ayez raison"* [Eu não duvido que você tenha razão], "*On ne peut pas nier qu'il* ***ne*** *soit intelligent"* [Não se pode negar que ele seja inteligente], "*Elle est plus aimable qu'elle* ***ne*** *paraît"* [Ela é mais amigável do que aparenta] e "*Il est sorti avant qu'elle* ***ne*** *puisse répondre"* [Ele saiu antes que ela possa responder]. Todas essas frases teriam a mesma tradução em português se não fossem escritas com a partícula "ne".

Na gramática de Jacques Damourette e Édouard Pichon ([1911-1927] 1930-1956), na qual Lacan se baseou para falar sobre o sujeito da enunciação, esta partícula é nomeada como um "*discordantiel*" ["discondancial", em uma tradução livre] (p. 131-137), uma vez que exprime uma discordância entre a subordinada e o fato da frase principal. No temor, há discordância entre o que os autores denominam como a vontade do sujeito da oração principal e a possibilidade que ele vê como a mais certa de se concretizar na realidade: certamente ele vai ficar doente. Com o verbo "duvidar", a discordância se dá entre a dúvida real do sujeito e a frase principal negativa que a disfarça: na verdade, eu duvido que você tenha razão. Na negação, podemos dizer que ocorre algo parecido: pretendia-se negar que ele é inteligente. Na comparação de casos de desigualdade, há discordância entre a qualidade visada e o padrão com o qual a comparamos: ela parecia ser menos amável. No seu sentido temporal, a expressão "*avant que*" [antes que] implica frequentemente que o fato que se segue marca o fim de outro anterior: acabou-se a possibilidade de qualquer resposta por parte dessa mulher.

Todas essas são distinções bastante sutis para os falantes de francês. Podemos reconhecer aí uma forma linguística que indica duas frases absolutamente contrastantes ao

mesmo tempo, mesmo que a significação convencionada na língua seja a de uma afirmação. Bruce Fink nos traz uma definição certeira:

> A palavra faz claramente parte do código e à medida que aparece na mensagem, parece dizer algo a respeito desta e, mais precisamente, a respeito do falante. Mas, em vez de simplesmente designar *quem* está falando, parece nos dizer algo a respeito do falante, em outras palavras, que ele não está completamente de acordo com o que está dizendo. Parece apontar para um falante ambivalente que diz sim e não ao mesmo tempo, que enquanto diz uma coisa, insinua outra. ([1995] 1998, p. 61, itálico do autor).

Por isso mesmo, o sujeito da enunciação é um sujeito dividido. Lembramos também nossa breve passagem pelo *unheimlich* freudiano, cujo deslizamento de sentidos promovia uma coincidência fortuita com seu contrário afirmativo. Não nos parece acidental que essa divisão resida no que gira em torno de uma marca de negação, que é justamente uma das marcas do recalque. Em outros termos, a marca de um conflito entre um discurso consciente e outro que passaria (quase) despercebido, a não ser, talvez, por ouvidos estrangeiros que estranhem até mesmo alguns mecanismos da própria língua em que foram cultivados.

No caso do nosso português brasileiro, vemos um funcionamento análogo ao *ne expletif* que se encontra em contextos muito mais frequentes e presentes em nosso cotidiano. Essa diferença de uso é, aliás, notável e talvez contribua para sua naturalidade aos nossos ouvidos. Trata-se igualmente de um "não" (dito frequentemente como um "num"), porém presente em contextos de algumas frases interrogativas e exclamativas que podemos escutar ao menos algumas vezes por dia: "Você **não** quer entrar?"[52], "Mas a gente **não** tinha combinado?", "Eu **não** te disse?", "O escândalo que eu **não** ia fazer por um pedaço de bolo!", dentre muitas mais. Aqui igualmente temos uma interpretação dessas frases como uma afirmação, apesar da forma negativa "não" que poderia, arriscaríamos dizer, acrescentar um valor retórico a essas perguntas.

Não é disso que estamos falando aqui desde o início? Este vestígio de um sujeito que já desapareceu não é exclusividade de somente um tipo de construção sintática, afinal, é sempre a um fora da frase que remetemos. Mais adiante no ensino de Lacan, podemos ver uma radicalização disto com a noção de *lalíngua*, a qual excede qualquer classificação de

[52] Este exemplo em particular foi citado por meu amigo Thales de Medeiros Ribeiro, que, por sua vez, o ouviu de Gláucia Nagem durante uma banca de qualificação que participaram juntos. O recado foi passado. Agradeço também a Lucas Hernández Pureza por me fazer perceber em uma conversa que esse "não" retórico se encontra em muito mais exemplos do nosso cotidiano brasileiro.

caráter científico de uma língua sem deixar de levar em consideração também seus diversos elementos em relação uns com os outros. Por exemplo, não seria puro acaso[53] que a palavra "cuidado", empregada quando quer se dizer de uma determinada dedicação afetiva depositada em alguém, possa em nossa língua significar ao mesmo tempo uma cautela, ainda mais quando estamos falando de um contexto de associação livre. Além disso, não é tampouco mera coincidência que alguém, ao dizer "numa tamanha inutilidade", faça o analista ouvir "não mata a mãe, inutilidade"[54]. Aqui é o som que nos guia.

Nesse ponto em particular, no qual damos de cara com uma dimensão poética da língua, vemos também um borramento daquilo que se convenciona chamar de fronteiras entre uma língua e outra. O exemplo de uma intervenção analítica relativamente conhecida de Lacan a uma paciente alemã, Suzanne Hommel, nos mostra um deslizamento bastante improvável se nos restringíssemos às convenções de somente um dos idiomas:

> Sou da Alemanha e nasci em 1938. Portanto, vivi os anos da guerra com todos os horrores, as angústias, o pós-guerra, a fome, as mentiras...
>
> Sempre quis deixar a Alemanha por causa disso. E, desde o início das primeiras sessões, eu perguntei a Lacan: 'posso me curar desse sofrimento?' e, dizendo isso, entendi que não. Eu havia pensado que podia arrancar essa dor de mim com a análise. Não, havia uma maneira de me olhar que me fez perceber: 'Não. Será preciso fazer isso a vida toda.'
>
> Um dia, numa sessão, contei a Lacan um sonho que tive. Eu disse: 'acordo todo dia às 5h' e acrescentei: 'era às 5h que a Gestapo vinha procurar os judeus em suas casas'. Nesse momento Lacan se levantou como uma flecha de sua poltrona, veio na minha direção e me fez um carinho muito doce no rosto. Eu entendi: *geste à peau*, o gesto... Ele transformou a *Gestapo* em um *geste à peau* [gesto na pele]. Em um gesto carinhoso. Um gesto extremamente carinhoso. E essa surpresa não diminuiu a dor, mas fez outra coisa. A prova, agora, 40 anos depois, é que eu ainda conto esse gesto, eu ainda o tenho no rosto. É um gesto que também é um apelo à humanidade, qualquer coisa assim. (Miller; Grunberg, 2011, 16min-53-18min44 *apud* Ramos, 2016b)

[53] Em contraste com a arbitrariedade que verificamos quando se trata de uma associação entre significante e significado no *Curso de Linguística Geral* (Saussure, [1916] 2012).

[54] Exemplo tirado de Ramos (2016a): "Um sujeito passou suas entrevistas iniciais se queixando de não conseguir fazer nada. Deu como principal exemplo desta posição de inércia o fato de nunca ter se preocupado em levar a mãe doente a um médico. Obviamente, ela havia morrido e ele sentiu-se ainda mais culpado e inútil. Num dado momento, disse indignado: 'vivo numa tamanha inutilidade'. O analista ouviu e repetiu: 'não mata a mãe, inutilidade'. O efeito foi a lembrança súbita de um sonho – o primeiro desta análise –, do qual esse sujeito disse não saber por que se lembrou, tendo em vista que 'a mãe não aparece' (sic). Neste sonho, o analisante está num parque de diversões com a família, 'menos a mãe' (sic). De repente, saem com os carrinhos de bate-bate por uma estrada de terra. Encontram um bezerro *grande* mamando numa vaca *morta*. Ele sai do carrinho para tentar salvar o bezerro. Pergunta-se desesperado, no sonho, quem poderá ajudá-lo. Aqui, durante um tempo considerável, vira-se e fica imóvel, olhando em silêncio para o analista que, pela primeira vez, é convocado à cena: deu-se um corte de sessão e a entrada em análise." (p. 91, itálicos do autor)

O próprio termo teórico cunhado por Lacan a partir de um lapso de fala[55] é ele também fruto de uma homofonia que dá a ouvir a junção do artigo definido "a" [*la*] e a palavra "língua" [*langue*]. Outros exemplos de uma trilha livre pelo próprio idioma francês pululam na transmissão de Lacan, transformando o que seria da ordem de uma contingência em potência de outras significações possíveis quando se trata de um saber permeável como a Psicanálise[56].

Com isso, queremos mostrar que o sujeito do inconsciente não deixa de se beneficiar também de uma experiência de língua(s), ponto onde se articula algo de sua relação com o vasto campo da linguagem. Quando se trata de um sujeito falante e desejante, saímos de um espaço onde vigora uma oposição entre verdadeiro e falso. Não se bate o martelo quando se trata da verdade que nos interessa em um trabalho com o inconsciente. Não há validação nem do analista, nem do paciente ou qualquer outra pessoa envolvida na trama de uma história pessoal. É isto que esta verdade em jogo tem de ética.

Arriscamo-nos em propor ainda outra homofonia que, a nosso ver, também aponta para esse sujeito desejante, em particular para a ambiguidade inerente à sua causa. Remetemos à epígrafe deste trabalho, que traz a canção *Rebento* (1979), de Gilberto Gil (também interpretada por Elis Regina, com claras modificações de performance). Nesta letra[57], temos o rebento como substantivo abstrato, que pode ser "tudo que nasce" e "Tudo que brota, que medra que vinga", rebento "raro" ou "farto". Rebento que nunca é somente um. Rebento que pode muito bem formar uma série de elementos que eclodem. Elemento que pode muito bem arrebentar a própria série. Mas também temos o rebento no presente do indicativo, a ação que acontece comigo "perigosamente", "Como acidente" "Às vezes, só porque fico nervoso/ Às vezes, só porque eu estou vivo". Ação que me constitui: "Rebento, o coração dizendo: 'Bata'". O pedaço que se perde ganha o mesmo nome da explosão. Passagem só de ida para se adentrar o campo da linguagem.

A linguagem tem um papel fundamental na constituição subjetiva, que foi explorada por Lacan de diversas maneiras ao longo dos primeiros anos de seu ensino com a dialética

[55] Cf. *Primeiro impasse: linguística e psicanálise*, na Introdução deste trabalho.
[56] Para mais detalhes sobre a potência de sentido como algo que remete a uma das dimensões do final de análise e que se alia à dimensão do desejo, cf. Ramos, 2016a.
[57] Esta é a nossa *lettre*. No texto *O seminário sobre "A carta roubada"* ([1955b] 1998), Lacan ressalta a ambiguidade em francês do termo *lettre*, que pode tanto significar "carta" quanto "letra", este último um conceito fundamental para se entender os limites das relações do sujeito com o significante.

entre desejo e demanda ([1957-1958] 1999), o grafo do desejo (ibid., [1958-1959] 2016, [1960b] 1998), a metáfora paterna ou Nome-do-pai ([1957-1958] 1999) e as operações de alienação e separação ([1964] 1998). Por mais que sejam abordagens teóricas diferentes, não se trata de um rompimento ou mudança de paradigma no interior do próprio ensino de Lacan. Muito pelo contrário, trata-se de múltiplas facetas possíveis daquilo para o qual não temos resposta exata, porque a questão sobre a origem do sujeito do inconsciente não se fecha. Ela se atualiza a partir de seus retornos inevitáveis e também do aspecto que se visa ressaltar.

Focaremos aqui na dialética entre desejo e demanda, uma vez que, além de servir de base para as demais formulações, ela nos permite ler a diferença entre articulado e articulável a partir dos seguintes termos: "O desejo se produz no para-além da demanda, na medida em que, ao articular a vida do sujeito com suas condições, ela desbasta ali a necessidade, mas também ele se cava em seu para-aquém, visto que, como demanda incondicional da presença e da ausência, ela evoca a falta-a-ser [...]" (Lacan, [1958c] 1998, p. 635).

Ora, isso nos coloca diante de três termos (necessidade, demanda e desejo) a serem considerados em uma temporalidade complexa (simultaneamente um para-aquém e um para-além). Além disso, esta citação extremamente concentrada nos coloca diante de um jogo de presença e ausência e também da falta constitutiva da qual viemos falando até agora.

Poderíamos dizer que as necessidades pertencem a um registro biológico e poderiam ser reduzidas, por exemplo, à fome, sede, calor, sono, etc. Entretanto, vimos no movimento de retorno a Freud e de questionamento de interpretações engessadas de sua obra que não é nada disso. Desde que a criança adentra o mundo da linguagem – e ela o faz desde muito antes de começar efetivamente a falar, uma vez que é comentada e imaginada pelo seu entorno – não podemos falar da existência de necessidade em estado puro, à maneira do mundo animal. Isso significa que o sujeito, em uma relação com o que sente de seu próprio corpo, sempre visa mais do que a mera satisfação de uma necessidade fisiológica. Se, para Freud, entra em jogo nesse ponto a repetição de uma experiência originária de satisfação que produz uma marca no psiquismo, para Lacan entra em cena, no mesmo lugar de uma necessidade, também uma determinada demanda a um outro que se encontra no papel de cuidador ou cuidadora da criança. A demanda marca uma entrada no registro do simbólico, uma vez que pode ser dita e pertence ao jogo da língua e da linguagem. Em outras palavras, a demanda é articulável, se não pela criança, ao menos pelo adulto que teima em impor-lhe uma interpretação.

A partir de sua entrada nos mecanismos da linguagem, presente desde sempre, instaura-se para o sujeito uma dialética da demanda que irá visar principalmente, para além da satisfação de uma determinada necessidade fisiológica, o amor e a presença incondicional deste outro. Neste ponto, não falamos somente da figura da mãe, por exemplo, mas de algo que Lacan denomina como Outro, com inicial maiúscula para justamente diferenciá-lo de qualquer pessoa empírica, chamada também de nosso semelhante. Muito pelo contrário, o Outro é um lugar de "alteridade radical" que pode ser encarnado por determinadas pessoas ao longo da vida do sujeito, um lugar ao qual não temos livre acesso, mas que nos acessa[58].

Assim, nesta passagem, acontece o que Lacan denomina como alienação fundamental ao Outro, compreendida também como desejo do desejo do Outro, uma vez que todo apelo de necessidade visa a ser também um apelo de amor e presença deste Outro. Se pensamos em uma encarnação na figura da mãe, por exemplo, que se ausenta de tempos em tempos dos cuidados do bebê, o que ela faz nesse meio-tempo e que faz parte também de seu desejo passa a ser um enigma para o sujeito. Assim, o sujeito está muito menos intrigado por uma possível satisfação do que pelo questionamento em relação ao que este Outro quer dele[59].

O desejo, por sua vez, não está situado no mesmo plano que a necessidade, desde sempre já transformada pela demanda, nem no mesmo plano que a própria demanda de amor e presença. Ele se encontra para-além porque convoca uma "resposta absoluta" (Lacan, [21 mai. 1958] 1999) a este enigma que é o desejo do Outro. Esta resposta, entretanto, não virá porque o Outro é ele também marcado pelo significante, ou seja, marcado por uma falta que não se expressa claramente em nenhuma fala. Não há Outro do Outro, ele não é portador de garantias. No conjunto das línguas, falta qualquer palavra para exprimir de uma vez por todas esse sujeito desejante, que somente pode ser, no melhor dos casos, apontado. Resta, portanto, algo de não resolvido em cada relação do sujeito com a satisfação e é precisamente nesta alienação fundamental ao desejo do Outro que ele pode reconhecer seu próprio desejo como insatisfeito. Dito de outra forma, reconhecer o desejo como sendo sempre o desejo de Outra coisa (cf. Bernard, 2015). Nesta irredutibilidade do desejo à demanda, trata-se do momento de

[58] Trata-se de uma noção de Lacan que nos remete à Outra cena freudiana [Freud, [1900] 2001], termo usado para descrever o próprio lugar do inconsciente, ponto descontínuo em que estranhamos a nós mesmos. O Outro é associado ao próprio lugar da linguagem, seu "tesouro do significante" (Lacan, [1960b] 1998, p. 820), uma vez que ela remete sempre a um outro que possa nos ouvir ou nos responder, nem que seja na forma de um silêncio. Além disso, é a partir de uma interpretação disto que desponta da ordem inconsciente que o sujeito recebe a mensagem deste Outro de forma invertida (id., [1955b] 1998, p. 60), ou seja, que ele pode ouvir a si mesmo de uma certa distância.

[59] Temos aqui a passagem para o segundo andar do grafo do desejo, que tratará mais precisamente de um esquema envolvendo o sujeito da enunciação.

uma separação, na qual esta ausência de resposta no Outro pode dar lugar a outro(s) deslizamento(s) significante(s).

Ao mesmo tempo, o desejo também se situa para-aquém desta mesma demanda, uma vez que, por uma necessidade agora lógica, ele, na figura do desejo do Outro, estrutura toda essa dialética no interior dos mecanismos da linguagem. Em outros termos, é o desejo que articula esse espaço articulável da demanda. O rebento só surge porque houve ação de rebentar. Esse aspecto nos mostra que a temporalidade em Psicanálise não é linear e que qualquer início somente pode ser minimamente estipulado – para não dizer elucubrado – a partir de uma ficção contada somente depois. Uma origem que, paradoxalmente, somente pode ser estipulada a partir de um devir do sujeito. Isso desde Freud até Lacan. Ou, em termos do psicanalista brasileiro MD Magno (1980), é somente fazendo as contas que chegamos no faz-de-conta.

Ele resume a constituição subjetiva do ponto de vista das relações entre o desejo e o significante de maneira notável: trata-se de uma substituição de “coisa-alguma” para “alguma-coisa”. Na abertura que essa inversão convoca, temos então a passagem de “alguma-coisa” para o deslizamento infinito de “qualquer-coisa”, que não é nunca uma coisa qualquer.

PARTE II: LINGUÍSTICA E PSICANÁLISE NAS TRAMAS DO SIGNIFICANTE

LINGUÍSTICA E PSICANÁLISE

> Um investigador que deixasse sua informante cortejá-lo com seus sonhos seria chamado à ordem, chamado a atribuí-los ao campo. (Lacan, [1970] 2003, p. 408).

De “coisa alguma” para “alguma coisa”, esse é o movimento que se encontra em primeiro lugar quando falamos de uma constituição subjetiva que privilegia o ponto de vista de uma entrada no vasto campo da linguagem. Este é seu marco zero e maneira de ler essa entrada a partir de um lugar em que já nos encontramos fisgados pelos seus mecanismos. Como em toda construção que engloba vários edifícios, é somente quando tudo já está erguido que reestabelecemos seu ponto de início. O marco zero, portanto, somente vem no início de toda uma história através de um movimento de intervenção importante que irá reorganizar a ordem das coisas, porque é somente através de um efeito de abstração que colocamos coisa nenhuma no início de algo maior.

Nesta reordenação dos tempos, que nos parece natural vista à distância, vem em segundo lugar aquilo que, na verdade, observamos primeiro para alimentar nossa especulação das origens. O que vemos nascer então será a passagem de “alguma coisa” que, em seu deslizar incessante na fala do sujeito, nos transporta para o “qualquer coisa” de uma potência de combinações possíveis. Trataremos agora justamente desse “jogo combinatório” (Lacan, [22 jan. 1964] 1998, p. 26) dos diferentes elementos que nos dizem do inconsciente e, para isso, a própria forma como uma determinada Linguística propôs a disposição de suas unidades de trabalho a partir de dois eixos, o da sequência *in presentia* e o de outra sequência possível *in absentia*, se mostrou fundamental como um instrumento de retorno a Freud.

Continuaremos então a tratar do impasse em torno da impossibilidade de dizer todo o desejo, uma vez que algo de articulado nele não é articulável, juntamente ao que uma aproximação com uma determinada Linguística nos permite formular a respeito dos limites em torno do dito por um falante. Trata-se igualmente de uma articulação não completamente esclarecedora, visto o afastamento explícito que se produziu a partir dos anos 1970.

Em seu Seminário 5, Lacan afirma:

> não existe palavra para exprimir uma coisa, uma coisa que tem um nome, e que é justamente o desejo. Para exprimir o desejo, como a sabedoria popular sabe muito bem, só existe o papo furado. A questão do significante do desejo coloca-se, pois, como tal. O que o exprime não é um significante como os outros[60] ([7 maio 1958] 1999, p. 396, tradução modificada).

Na sequência aberta por este "qualquer coisa", que não é nunca uma coisa qualquer, precisamos pensar com bastante atenção o lugar do desejo, pois sim, ele encontra um lugar bastante central, como vimos. Ora, o desejo não está nessa sequência, uma vez que nenhum de seus termos tomados isoladamente se confunde com ele, afinal ele não é um significante articulável como os outros. Igualmente podemos pensar que ele tampouco é essa sequência tomada em sua totalidade (Lacan, [1 jul 1959] 2016, p. 508-9), uma vez que ela somente pode constituir um papo furado ou então uma conversa fiada que sempre adia a resolução de sua verdade para depois. O desejo está, bem menos precisamente, numa "localização do sujeito com relação a essa sequência" (id., p. 509), lugar que somente pode ser o de entremeio entre uma sequência e outra, entre um discurso e outro.

Voltaremos nossos olhos e nossos ouvidos às inúmeras possibilidades abertas de sequências entre "alguma coisa" e "qualquer coisa" com a entrada do sujeito na linguagem. A partir de agora, em termos lacanianos, cada uma dessas sequências é denominada como "cadeia" e cada um de seus elementos, que necessitam ser ao menos dois, recebe o nome de "significante". A cadeia significante será então a prisão toda especial que circunda e modela o ser falante nos não tão estreitos corredores da linguagem. Ela é a estrutura mínima (Milner, 1996, p. 83) que levaremos em conta. Dizer dela necessariamente convoca de maneira explícita seus dois modos de relações possíveis entre significantes, a metáfora e a metonímia (id., [2002] 2008, p. 200), que nos remetem respectivamente a determinados efeitos das operações de substituição e de concatenação entre significantes (Lacan, [1957-1958] 1999). A cadeia significante assim concebida nos apresenta a ordem simbólica que estará em jogo na radicalidade da leitura de Freud feita por Lacan.

[60] Tradução do original: "(...) Il n'y a pas de mot pour exprimer quelque chose, et quelque chose qui a un nom, et c'est justement le désir. Pour exprimer le désir, comme la sagesse populaire le sair fort bien, il n'y a que du baratin. La question du signifiant du désir se pose donc comme telle, et c'est pour cela que ce qui l'exprime n'est pas un signifiant comme les autres." Aqui Lacan faz referência ao falo enquanto significante da ausência. Neste trabalho, lançamos o olhar mais precisamente para o movimento de significante em significante no âmbito de uma cadeia. Apoiaremo-nos no que Miller denomina de "lógica significante" (1966) e também no que Lacan denomina como "metáfora paterna" ([1957-1958] 1999) para tratar de um lugar de constituição subjetiva a partir da instauração do significante.

Metáfora e Metonímia I

Partamos direto ao ponto, para então seguirmos mais detidamente o caminho que nos leva até ele: trazer à tona a metáfora e a metonímia como duas vertentes distintas do campo que a própria relação entre significantes constitui (Lacan, [1957b] 1998), ou, em outros termos, seus dois modos de arranjo, ao mesmo tempo implica uma determinada Linguística científica e dela se distancia. Implica-a porque toda uma gama de discussões a respeito da estrutura constituinte de diversos objetos do quadro das ciências humanas, inclusive a própria Psicanálise que na década de 1950 ainda não havia abandonado completamente suas pretensões científicas (Lacan, [1953] 1998), foi derivada do movimento estruturalista que teve na Linguística um forte expoente. Distancia-se porque, apesar de metáfora e metonímia designarem os dois eixos de combinações de unidades linguísticas (Jakobson, [1956a] 1975), trazê-las significa também ultrapassar o que se é designado nesta ciência em termos de língua, apontando para um excesso presente na estrutura que não deixa de insistir sobre ela (Milner, [2002] 2008; id., [1978] 2012).

O leitor desavisado dos desenvolvimentos da Linguística moderna ao longo da primeira metade do século XX e da subversão promovida por Lacan (Ferreira, 2002) deve estar estranhando a remissão que fazemos aqui da metáfora e da metonímia. No ensino escolar de gramática, elas são entendidas principalmente como figuras de linguagem que nos remetem a uma longa tradição de estudos estilísticos presente desde a Antiguidade Clássica. De fato, é com alguns pensadores gregos e latinos que se cunha a metáfora e a metonímia como ornamentos de estilo oratório e literário que versam sobre formas de desvio em relação a um suposto termo corrente cujo emprego deixaria o discurso vulgar. Elas constituem ambas diferentes formas de substituição que produziriam efeitos sobretudo estéticos no ouvinte ou no leitor.

Se na escola somos orientados a uma forma de classificação clara entre essas duas substituições estilísticas (cf. Sabino, 2016), vemos que não há um consenso na Antiguidade a respeito de seus limites tênues[61]. Comumente diz-se que a metonímia é uma substituição um

[61] Lacan também reconhece uma ausência de definições satisfatórias da metáfora e da metonímia ([9 mai. 1956] 1988, p. 259). Cf. o artigo de Serignolli (2018), no qual a autora nos aponta para uma dificuldade de diferenciar a metonímia e a metáfora de outras figuras de estilo aparentadas, como a catacrese e a sinédoque. Esta primeira consiste no emprego metafórico ou metonímico de termos que já deixaram de produzir estranhamento e entraram no uso cotidiano, como os "braços da poltrona". Esta segunda, segundo Quintiliano, engloba algumas relações

tanto mais específica que incorreria na transferência de sentido a uma palavra que mantém uma relação de contiguidade com a palavra a ser substituída (Serignolli, 2018).

Trata-se de termos cuja proximidade poderia ser inferida por diversas relações: a de causa e efeito (“Vivo do suor do meu rosto” querendo dizer das consequências do trabalho); de inventor e invenção (como a substituição da obra por seu autor, da propriedade pelo seu proprietário, do instrumento por seu detentor, das divindades por seus atributos e vice-versa[62]); de conteúdo e continente (“beber um copo inteiro” [Quintiliano]); de lugar e seus habitantes (“A América reagiu negativamente ao novo presidente”); do abstrato e concreto (“casa invadida pelo excesso” [Cícero]); de símbolo e fenômeno social (“A solução para o país é a ascensão da Coroa” fazendo-se referência à monarquia); de singular e plural (“O homem é corruptível” fazendo-se referência a todos os homens); e, a mais generalizada de todas, a da parte pelo todo (“quando dizemos paredes e teto para nos referimos à casa” [Cícero])[63].

Por sua vez, a metáfora implica também em substituição, porém de forma mais livre e sem que haja necessariamente qualquer tipo de relação latente entre os termos intercambiáveis. Ela, inclusive, poderíamos dizer, é capaz de criar uma similaridade quase que por um passe de mágica. Aristóteles, por exemplo, englobava boa parte das sutilezas de substituições que apontamos acima sob este único termo: “’Metáfora’ é a designação de uma coisa mediante um nome que designa outra coisa, {transporte} que se dá ou de gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou da espécie para a espécie, ou segundo uma relação de analogia.” (Aristóteles, 2017, p. 169).

Destas quatro definições, somente a analogia traz algo que se distancia de uma proximidade de sentidos:

> Digo que há analogia quando o segundo termo está para o primeiro assim como o quarto está para o terceiro, pois o poeta poderá empregar, em vez do segundo, o quarto, ou, em vez do quarto, o segundo; e algumas vezes os poetas acrescentam o termo que se refere àquele que foi substituído. (...) que a velhice está para a vida

---

metonímicas específicas, como a parte-todo, o gênero-espécie e o singular-plural, por exemplo, “fuga de cérebros”, “a maldade do homem” e “o romano vencedor na batalha” [Quintiliano].

[62] Por exemplo, “Virgílio” em referência a seus poemas; “já próximo arde Ucalegonte” [Virgílio *apud* Quintiliano] em referência à sua casa em chamas; “nem a lança transalpina foi tão facilmente expulsa da Itália” [Retórica a Herênio] utilizando-se da lança dos gauleses para fazer uma referência a este povo; “sem Ceres e Líber, Vênus é fria” [Isidoro de Sevilha] utilizando-se do nome das divindades criadoras do pão e do vinho.

[63] Esses exemplos foram tirados dos autores clássicos citados por Serignolli (2018) e da página internet Descomplica < https://descomplica.com.br/d/vs/aula/figuras-de-linguagem-metafora-e-metonimia/> (acesso em 10 de maio 2023).

> assim como a tarde para o dia, e então se dirá: a tarde, ‘velhice do dia’; ou, como Empédocles, a velhice, ‘tarde do dia’ ou ‘ocaso da vida’. (id., p. 171)

No campo da analogia, as possibilidades se abrem praticamente ao infinito para se atribuir a alguma coisa um nome que lhe é “estrangeiro” (ibid.), num sentido muito caro a esta pesquisa, a saber, o de um estranhamento e o de um enigma. Aliás, se a virtude do estilo tanto numa elocução poética quanto retórica, guardadas as devidas especificidades, consiste na sua clareza (Aristóteles, 1985, III, cap. 2, § 1, p. 176), o uso de metáforas pode resultar em enigma: “A acepção própria de enigma consiste em dizer coisas reais com associações impossíveis. Ora, não é possível compor dessa forma com a combinação de nomes <correntes>, mas com a metáfora é possível” (id., 2017, p. 177). Para os objetivos de clareza de um discurso ou de um texto, entretanto, é necessário guardar a justa medida de seu uso: “É importante usar convenientemente cada um dos nomes mencionados, os nomes duplos e [5] os estrangeiros, mas, de todos, o metafórico é o mais importante, pois é o único que não pode ser apreendido em função de outro nome, o que constitui indício de sua boa constituição. Com efeito, bem expressar-se em metáforas é bem apreender a semelhança.” (id., p. 183)

Para Cícero em *De Oratore*, justamente, a diferença substancial entre metáfora e metonímia consiste no fato de que a segunda, devido à sua proximidade semântica ou até mesmo coincidência de sentido, não produz nenhuma inovação na palavra, ao contrário da primeira (*apud* Serignolli, 2018). Produz-se tão somente uma inovação no discurso, seja por necessidade ou por prazer. Se a metáfora pode ser entendida como um “transporte”, a metonímia é, em termos gregos, uma “mudança de nome” que será lida em latim também a partir dos termos *traductio*, *immutatio* (modificação de palavra), *denominatio, transnominatio* (transnominação) (ibid.).

As gramáticas de nossa língua portuguesa, seguindo majoritariamente as considerações dos autores latinos, também herdaram essas tentativas nem sempre tão claras de diferenciação[64]. Por mais que suas textualizações transpareçam uma definição com ares mais acabados, é ao se comparar uma com a outra que vemos pontos de não concordância, também em relação com as figuras próximas da sinédoque e da catacrese[65]. O que gostaríamos de

[64] Cf. Bechara (2009), Bechara (2010), Almeida (1961), Neto & Infante (2008), Lima (2011) e Barros (1540). É interessante notar que metáfora e metonímia são alocadas ora sob categorias da semântica ora da estilística e que também, por vezes, não são sequer citadas. Isso muito provavelmente se deve à padronização de nomenclaturas gramaticais feita em 1959 com a NGB (Norma Gramatical Brasileira) (cf. Baldini, 1999).
[65] Cf. nota 61.

destacar é somente o fato de que inundam exemplos que incorporam nosso cotidiano, mesmo que não nos atentemos tanto a isso, como “a chave do problema”, “o coração da floresta”, “morro de saudades”, “tomar uma garrafa de vinho”, “completou quinze primaveras”, dentre muitos outros (Lima, 2011, p. 598-604). De tão naturalizados, nem pensamos mais que uma vez já foram desvios de sentido, seja pela via da metáfora ou da metonímia. Mesmo inundando nossa língua, isso não impede que os falantes criem sempre novas similaridades ou contiguidades que provocam mais uma vez o efeito de um sentido inesperado.

A literatura é um lugar privilegiado para a exploração de novas metáforas e metonímias, e o linguista Roman Jakobson não foi cego a isso. Krystyna Pomorska resume bem o longo percurso de Jakobson na elaboração das noções de metáfora e metonímia:

> Fica-se logo surpreso com o fato de você ter elaborado, gradualmente e durante muito tempo, esses conceitos mais em ligação com a poética e a teoria da arte do que com a linguística. Creio que você propõe a questão primeiramente em ‘O Futurismo’ (1919), um de seus primeiros artigos e, depois, no início dos anos trinta, em trabalhos como, por exemplo, ‘Decadência do cinema?’ e nas duas versões, tcheca e alemã, de ‘Notas sobre a prosa do poeta Pasternak’. A linguística volta quando você estuda a afasia e a linguagem infantil, já na América, em ‘Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia’ (em inglês, 1956). Enfim, no ensaio sintético ‘Linguistics and Poetics’, você propõe o problema, ligando-o novamente com a arte literária. Foi apenas depois de sua chegada à América que você começou a analisar a metáfora e a metonímia de um ponto de vista propriamente linguístico, com base na fisiologia e neurologia, ao passo que outros trabalhos seus estudam esse complexo de problemas pelo viés da semiótica. (Jakobson & Pomorska, 1985b, p. 121-122).

Um de seus primeiros trabalhos sobre a metáfora e a metonímia, *Notas marginais sobre a prosa do poeta Pasternak*, foi publicado em 1935 e versava principalmente sobre características marcantes da obra prosaica do poeta russo Boris Pasternak. Neste texto, metáfora e metonímia são consideradas como “figuras poéticas do discurso” (p. 310), sendo que a primeira mantém inegavelmente uma relação mais próxima com a poesia – seja pelo som ou pelas imagens – e a segunda com a prosa – onde uma narrativa pode facilmente se mover de um objeto ao outro por relações de tempo ou de causa e consequência. De forma mais precisa, a metáfora é definida como associação criativa de similaridade e contraste (p. 306) e a metonímia como associação de contiguidade (p. 307), esta última compreendida muito mais como o que se encontra ao lado na narrativa do que a partir de uma ideia de campos semânticos próximos. Por mais que vigorem metáforas na obra de Pasternak, o que

mais se destaca e predomina é a exploração que ele faz da metonímia, em particular na forma como o herói da história se faz presente através da exploração das imagens do ambiente que o cerca e que reflete suas próprias expressões. Por exemplo,

> ao invés do herói, no mais das vezes são os objetos ao redor que são lançados na tormenta; os contornos imóveis dos telhados espicham curiosos, uma porta bate com um silêncio reprovador, a alegria de uma reconciliação familiar é expressa por um calor crescente, zelo e devoção, pelas lâmpadas, e, quando o poeta é rechaçado pela garota que ama, ele acredita que 'a montanha tinha se tornado mais alta e estreita, a cidade tinha se tornado enxuta e sombria. (p. 307-8)[66].

O que guia Jakobson é justamente uma conexão espaço-temporal entre o herói e tudo aquilo que o cerca, aquilo que repousa ao lado. A contiguidade, portanto, é distendida em seu sentido, pelo menos quando tomamos os retóricos e gramáticos da Antiguidade Clássica como parâmetro de comparação. Dessa forma, a própria essência de ambas essas figuras não está simplesmente no fato de que elas nos recordam as várias relações possíveis entre as coisas, mas também na maneira como elas deslocam relações familiares, introduzindo-nos a um estranhamento com tons amenos e abrindo para outras possibilidades[67]. Aliás, mostra-se igualmente possível distender a própria definição dessas figuras, criando algo novo também no campo teórico.

O objetivo de Jakobson foi então o de proceder a uma revisão das definições de metáfora e metonímia presentes desde os estudos de Retórica e Poética da Antiguidade Clássica junto aos principais movimentos artísticos de sua época para então transformá-las "em um verdadeiro instrumento de trabalho científico" em Linguística (Jakobson *apud* Jakobson & Pomorska, 1985, p. 122). Para tanto, valeu-se das leis de associação por similaridade e contiguidade desenvolvidas pelo linguista polonês Mikołaj Kruszewski[68] na

[66] Tradução da versão em inglês: "(...) instead of the hero it is, as often as not, the surrounding objects that are thrown into turmoil; the immovable outlines of roofs grow inquisitive, a door swings shut with a silent reproach, the joy of a family reconciliation is expressed by a growing warmth, zeal and devotion on the part of the lamps, and when the poet is turned away by the girl he loves he finds that 'the mountain had grown taller and thinner, the town was become lean and black'".

[67] Aqui não podemos deixar de lembrar da experiência do estranho-infamiliar-incômodo-inquietante discutida na primeira parte deste trabalho a partir das considerações de Freud, assim como seu questionamento a respeito da especificidade da literatura, que produz uma espécie de ambiente controlado desta experiência.

[68] Mikołaj Kruszewski (1851-1887), de origem polonesa e formação em Filologia, foi professor de sânscrito e de Linguística Comparada na Universidade de Kazan, na Rússia. Apesar de sua produção se situar no período dos estudos neogramáticos, suas ideias poderiam ser facilmente encaixadas no que foi denominado depois da publicação do CLG como Estruturalismo. Williams (1993) fala em um "paradigma perdido" retomado direta ou indiretamente por linguistas como Saussure e Jakobson que, estes sim, promoveram uma verdadeira revolução no campo da Linguística. Dentre os ecos da teoria geral da língua/linguagem articulada por Kruszewski no trabalho de Jakobson, temos as relações entre som e sentido, entre o sistema linguístico e a história da língua, entre variação e invariância – temática que inclui o problema da definição das formas variáveis das unidades

década de 1880 em sua teoria geral da língua, que antecede o CLG compilado pelos alunos de Saussure em mais de 30 anos. Elas descreviam a natureza psicológica do sistema linguístico e se baseavam nas leis de associação de mesmo nome desenvolvidas pela tradição dos empiristas britânicos[69].

As leis de associação descreviam as duas formas distintas de se conectar uma palavra à outra no quadro da Linguística de maneira muito similar ao previsto na Psicologia desta época. Afinal, trata-se de generalizações dos processos de nossa atividade mental. As associações por contiguidade seriam as responsáveis pela formação de séries lineares, como as frases, e pela eliminação de qualquer motivação na conexão entre um som e sua significação (Williams, 1993, p. 80-84). Estamos aqui muito próximos do que foi atribuído a Saussure como "relações sintagmáticas" e o princípio da arbitrariedade do signo linguístico. Já as associações por similaridade teriam um papel fundamental na aquisição e na memória do que Kruszewski define como palavra, atuando em seu agrupamento em sistemas comandados por semelhanças de som, estrutura ou significado (id., p. 84-86). O parentesco se mostra também claro no CLG através das "relações associativas". Ora, "relações sintagmáticas" e "associativas" são o próprio conjunto de relações usuais que constituem e presidem o funcionamento da língua (Saussure, [1916] 2012, p. 176). Não podemos nos esquecer que as ideias do CLG chegavam frescas diretamente de Genebra aos estudantes de Moscou, dentre eles o próprio Jakobson, pelas mãos de Sergey Karcevsky logo em 1917.

É somente em 1956, com o artigo *Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia*, que Jakobson sistematiza a metáfora e a metonímia como dois polos do funcionamento da linguagem, ideia que bebe tanto da fonte da Escola de Kazan[70] quanto do CLG. Atentando-se para o comportamento verbal de pacientes afásicos, Jakobson defende que eles podem ser classificados essencialmente em dois tipos, dependendo do eixo da linguagem afetado: distúrbio da similaridade e distúrbio da contiguidade. Nessa classificação, ele reinterpreta o que era mais comumente tido na época respectivamente como perturbações no processo de

---

linguísticas –, os universais fonológicos e suas características distintivas, a natureza semiótica e funcional da linguagem e, certamente, a concepção dos eixos de similaridade e contiguidade como princípios estruturais da língua/linguagem (Williams, 1993, p. 158-159).

[69] Em particular, citamos a própria integração metodológica proposta por John Stuart Mill (1806-1873) que resultou em algo muito próximo do método hipotético-dedutivo. Nela eram as leis de associação que promoviam os caminhos mentais para as generalizações obtidas pela experiência/experimentação. Isso abriu as portas para toda uma fundamentação científica de objetos ligados à natureza humana, inclusive para a Psicologia do século XIX como uma ciência fundamentalmente empírica. Para uma rica discussão epistemológica a partir do desenvolvimento das ideias de John Stuart Mill, cf. Williams (1993, p. 15-25).

[70] Destacamos aqui um pouco a respeito das ideias de Mikołaj Kruszewski, mas o nome de Jan Baudouin de Courtenay (1845-1929) é também fundamental.

percepção ou de decodificação do receptor e perturbações na emissão ou na decodificação da mensagem por parte do emissor. Ou ainda, em termos mais neurológicos, a distinção entre afasias sensorial e motriz (Jakobson *apud* Pormorska & Jakobson 1985b, p. 126). Isso abriu caminho para a área interdisciplinar da Neurolinguística, atuante até hoje, além também de alimentar uma exploração mais contundente das relações entre áreas cerebrais e processamentos linguísticos iniciada na segunda metade do século XX.

No distúrbio da similaridade, é a capacidade de seleção de unidades linguísticas, como as palavras, que se encontra prejudicada. Por exemplo, há uma dificuldade em nomear um objeto apontado ou em repetir uma palavra citada fora de contexto. Entretanto, a depender da situação, pode-se muito bem fazer o uso da palavra visada sem se dar conta disso, como no caso do paciente que, instigado a dizer a palavra "não", responde "não, não sei como fazê-lo" (Jakobson, [1956a] 1975, p. 46). Outra possibilidade é também que o paciente faça uso de um nome diferente daquele visado, mas que apresenta alguma relação com a circunstância do diálogo, como no caso de "cortador-de-maçã" ao invés de "faca" (id., p. 44), ou então o nome do conjunto daquele objeto específico, como a palavra "talher" querendo dizer esse mesmo objeto (ibid.). Em outras palavras, predominam-se os processos metonímicos que estabelecem relações de contiguidade de uma palavra em relação àquilo que a cerca, tanto do ponto de vista situacional quanto do ponto de vista semântico e gramatical. Neste último aspecto, é interessante frisar que são sobretudo palavras que apresentam uma função gramatical clara na frase que são mais facilmente preservadas, como os conectivos, auxiliares, advérbios e pronomes, os quais aparecem frequentemente substituindo substantivos.

No distúrbio da contiguidade, ao contrário, temos uma afetação do eixo que fora mais ou menos preservado no outro tipo. Aqui é a capacidade de combinação de unidades que é prejudicada, e não a seleção de palavras. Ou seja, por um lado preserva-se a palavra, mas há dificuldade em combiná-la com outras unidades linguísticas no contexto de uma frase coerente. Como consequência, há a tendência de se produzir frases curtas e, em casos mais graves, proferir somente uma palavra ou somente um som. Conectivos e palavras de função mais gramatical, como conjunções, preposições e artigos tendem a desaparecer da fala do paciente e palavras menos dependentes do contexto tendem a ser preservadas. A combinação é prejudicada também quando tomamos a própria unidade da palavra, pois há a tendência de abolir flexões verbais em favor da forma infinitiva do verbo, palavras derivadas por sufixos em favor da raiz, e também as palavras compostas, como guarda-roupa, passam a ser entendidas como um único bloco decomponível. Em outras palavras, predominam-se aqui os

processos metafóricos que se valem das relações de similaridade entre termos, como “óculo de alcance” por “microscópio” e “fogo” por “luz de gás” (id., p. 52).

Um ponto marcante dessas categorias propostas por Jakobson é que o prejuízo em um dos eixos da linguagem permite com que se observe mais atentamente as leis que governam o outro mais preservado, uma vez que eles vêm juntos na atividade do falante. Assim, a patologia opera uma reflexão que produz uma separação artificial, pois a combinação implica sempre uma seleção e possibilidade de substituição entre termos, e vice-versa.

O eixo da seleção, mais ou menos preservado no distúrbio de contiguidade, nos remete à simultaneidade, concorrência ou justaposição entre diferentes unidades linguísticas. Trata-se do polo metafórico que, em termos saussurianos, remete à ordem disposta nas relações associativas, ou seja, aos termos ausentes que não estão dispostos explicitamente em uma sequência, mas que são convocados em nossa memória seja por semelhança ou oposição. Por exemplo, não há limites para as remissões em nossa memória do termo “ensinamento” e nem um ponto de partida definido. Neste exemplo do CLG (Saussure, [1916] 2012, p. 174-175), podemos pensar em derivações que privilegiem um determinado radical e obter “ensinar”, “ensinamos”, “ensinaram”, etc.. Outros caminhos possíveis se mostram a partir de significados inferidos (“aprendizagem”, “educação”, etc.), de derivações a partir do sufixo -*mento* (“desfiguramento”, “armamento”, etc.) ou pela associação de sons (“elemento”, “lento”, etc.). Toda uma gama se apresenta caso o falante se detenha um momento para refletir livremente[71]:

[71] É interessante ressaltar que “ensinamento” já é um termo secundário em relação a “ensino” e isso parece ter passado despercebido também na tradução mais recente do CLG feita por Marcos Bagno (Saussure, [1916] 2021, p. 184). Por outro lado, na associação de sons vemos nesta nova tradução, ao invés de “elemento” e “lento”, os termos “suculento” e “violento”. Isso nos instiga a respeito de um espaço de maior liberdade para o falante que se assemelha às possibilidades abertas por *lalíngua*, como apontado na primeira parte deste trabalho. Agradeço a Paulo Sérgio pela curiosidade aberta para verificar outras traduções do CLG na ocasião da banca de defesa.

Saussure ([1916] 2012, p. 175)

O eixo da combinação, que podemos observar nos pacientes afligidos pelo distúrbio de seleção, apresenta a concatenação entre termos, sua sucessividade e alternância no espaço de uma sequência linear proferida pelo falante. Esta combinação, segundo Jakobson ([1956a] 1975, p. 39), é livre somente até certo ponto, porque a língua, num contexto dialógico, invariavelmente impõe suas regras e restrições. No espaço dos fonemas, unidades mínimas, a liberdade é nula, pois suas possibilidades estão previstas no sistema linguístico. Essa liberdade cresce progressivamente na combinação de fonemas em palavras, de palavras em frases, e de frases em enunciados.

Podemos denominar o eixo aberto pelas combinações de polo metonímico ou, nas palavras do CLG, da ordem aberta pelas relações sintagmáticas, que consistem na colocação de dois ou mais termos em presença numa série. Como resultado disso, podemos ter o que se denomina em Linguística como um sintagma. O mais interessante é que a questão da liberdade do falante nestas combinações também surge para Saussure, porém na forma de uma incerteza não esclarecida pelos editores do CLG: “Cumpre reconhecer, porém, que no domínio do sintagma não há limite categórico entre o fato de língua, testemunho de uso coletivo, e o fato de fala, que depende da liberdade individual” (Saussure, [1916] 2012, p. 174).

Em nota, Tullio de Mauro ressalta que, se, por um lado, as combinações parecem estar no domínio da fala por serem fruto de uma escolha individual, por outro, há certos “tipos” de

sintagma que, independente de integrarem o inventário presente na memória dos falantes, pertencem à língua ([1967] 2005, p. 468, nota 251). Dessa forma, independentemente de ser efetivamente produzido, um sintagma que segue as restrições de um determinado sistema linguístico existe "em potencial" (id., p. 469)[72]. Certamente as séries associativas não estão também imunes a uma discussão a respeito dos limites entre a liberdade do falante e o funcionamento linguístico que se faz impor sobre ele. Isso pelo fato de apresentarem ainda mais possibilidades de derivação.

Por esse viés, podemos localizar um embate ao se lidar, nas relações estabelecidas no CLG, com um sujeito falante que, mesmo excluído na teoria linguística ali estabelecida, não cessa de colocar questões a respeito de seu lugar. Estamos falando aqui do sujeito empírico que supostamente sabe muito bem o que diz e que funciona como o receptáculo da língua.

Há também um embaraço produtivo na passagem das relações associativas ao eixo metafórico e das relações sintagmáticas ao eixo metonímico (Lemos *apud* Silveira, 2005). Esse impasse parece estar relacionado com a forma de se contemplar então o sujeito na Linguística, no aspecto preciso da fala individual. Se, por um lado, pretende-se na Linguística um afastamento da concepção psicologista de universais da atividade mental ao se propor os diferentes arranjos de unidades linguísticas mais como um fato de estrutura, por outro, esse sujeito que se tenta excluir ou delimitar a participação ativa não deixa de fazer retorno, nem que seja na forma de um questionamento sobre os limites de seu poder sobre a língua.

Se o Saussure do CLG exclui de maneira bastante contraditória a fala individual do funcionamento da língua, pois é a partir dos sujeitos em sua atividade de fala que temos um acesso à língua viva, Jakobson propõe um funcionamento que leve em conta o individual a partir de figuras de estilo consideradas no interior do campo da Linguística. A liberdade de combinações e substituições é assumida, a se depender do estrato linguístico. Entretanto, segundo Cláudia Lemos (1995, p. 12), "o individual que retorna (...) não é o mesmo que foi excluído enquanto instância fisiológica e psicológica determinante do linguístico que se dá no signo como imagem acústica e como conceito. O individual que retorna é o que se dá na esfera da fala, definida agora como espaço do não previsto, onde se pode exercer a 'liberdade das combinações'".

[72] Essa discussão se enquadra na conhecida dicotomia do CLG entre língua e fala, da qual somente a primeira constituiria um objeto de estudo da ciência linguística. A fala, mesmo que constitua um ponto de acesso à língua em seu estado sincrônico, estaria excluída da delimitação científica compilada no CLG.

Nas palavras de Silveira (2005), o que retorna, resignificando também o que fora inicialmente excluído por Saussure, é "a irrupção na cadeia da fala do imprevisível no funcionamento da língua" (p. 89). Neste ponto, mostra-se importante uma ressalva que aponta para um limite bastante tênue entre o que a Linguística toma como ponto de observação a respeito da língua e o que a Psicanálise toma como ponto de observação a respeito do vasto campo da linguagem. Não podemos dizer que imprevisível e não previsto sejam sinônimos se levamos em conta a radicalidade de uma concepção da língua enquanto sistema[73]. Há deslizes que um falante comete e outros que ele não comete, se consideramos uma gramaticalidade à qual uma determinada comunidade de falantes está submetida. Ou seja, é muito improvável, por exemplo, que um brasileiro nativo troque o gênero das palavras, como um estrangeiro frequentemente faz no aprendizado de nossa língua como estrangeira. Porém, isso não exclui a possibilidade de que possam surgir em sua fala outros elementos surpreendentes, os quais, por sua vez, se inscrevem na ordem própria de funcionamento de uma língua específica. Por exemplo, quando por um leve desvio fonético alguém pode ser capaz de dizer "reação" no lugar de "relação". Um susto abre alas para toda uma gama de associações não pensadas previamente.

Silveira continua colocando uma questão importante: "Assim, sabemos que metáfora e metonímia trazem uma questão deixada em suspenso no CLG, ou seja, como o sujeito imiscui-se na estrutura?" (ibid.). Essa questão inevitavelmente nos remete àquela colocada por Lacan após uma menção à Linguística em *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano*: "Uma vez reconhecida a estrutura da linguagem no inconsciente, que tipo de sujeito podemos conceber-lhe?" ([1960b] 1998, p. 814). Vimos que não se trata de um sujeito do enunciado, mas sim da enunciação, o que significa que isso que volta como um excesso nos meandros da linguagem abertos pela encruzilhada da metáfora e da metonímia não é tão livre assim. Na leitura de Lacan, o sujeito do inconsciente, falante, mas também desejante, com tudo o que a verdade de um desejo implica ao dizer, ultrapassa a língua nos termos em que é colocada pela Linguística. Mas veremos isso com mais detalhes a seguir.

Por ora, vemos nesta prévia das definições da metáfora e da metonímia que a Linguística tampouco resolve o problema da dificuldade de uma delimitação clara sobre onde terminam os reinados de uma e onde começam os da outra, afinal, "não existe barreira

[73] Agradeço a Paulo Sérgio por esta observação durante a defesa.

intransponível entre similitude e contiguidade" (Jakobson *apud* Jakobson & Pomorska, [1980] 1985, p. 128). Comparação (Saussure, [1916] 2012, p. 176) e articulação (id., p. 42) se misturam ao denominar o que poderia fazer a unidade do funcionamento da língua, esta que poderia ser tomada a partir da Linguística moderna "como norma de todas as outras manifestações da linguagem" (id., p. 41). Além disso, Jakobson, numa retomada de seu percurso teórico sobre esta questão, também confessa serem necessárias pesquisas a fim de delimitar melhor as similitudes em jogo na metonímia, além de um trabalho de maior consequência a respeito da contiguidade posta em jogo pela sinédoque (Jakobson *apud* Jakobson & Pomorska, [1980] 1985, p. 129). Em outras palavras, mesmo com o trabalho de uma vida, o linguista parece ainda ter ficado em falta.

Se os polos metonímico e metafórico nos remetem a uma tradição que remonta a séculos, nos seus usos poético-retóricos e científicos da tradição empírica, não é nada nova a tentativa de expandi-los para a compreensão de objetos humanos, como Jakobson pretendeu fazer com a arte e demais processos simbólicos[74]. Depois dele também vieram outros que tentaram explicá-las de um ponto de vista da Semântica (Le Guern, 1973; Henry, 1971), da Linguística cognitiva (Lakoff, [1980] 2003, 1990) ou até mesmo do ponto de vista de um mecanismo disparador da engenhosidade científica (Quine, 1978)[75].

A inovação de Jakobson, entretanto, consiste no fato de que, a partir dele, é o próprio funcionamento da língua que é alçado ao parâmetro de comparação para as demais ciências humanas e não a atividade mental como processo psicológico geral. Dá-se, portanto, uma abertura para uma análise de cunho propriamente estrutural que dará origem a um paradigma relevante no movimento científico das ciências humanas no século XX, o Estruturalismo.

Ora, Lacan se utiliza da concepção de Jakobson de uma estrutura bipolar da linguagem inserida em um paradigma maior e isso lhe abre espaço para uma formalização muito especial possibilitada pelo Estruturalismo Linguístico. Veremos a seguir em que consiste esse paradigma teórico e sua especificidade em oposição às ciências da natureza, as ditas ciências duras. Contudo, Lacan herda também as fronteiras fluidas que dividem esses dois polos. De

[74] Não podemos deixar de mencionar a concepção da projeção do princípio de equivalência do eixo da seleção no eixo da combinação na função poética desenvolvida um pouco depois do texto das afasias em *Linguística e Poética* (Jakobson, [1960] 1975). Para um comentário mais detalhada a respeito da função poética, cf. também Tfouni, Martha, Carreira, 2014.

[75] Todo o volume 5 (1) da revista *Critical Inquiry* de 1978 é dedicado à discussão da metáfora. Não podemos deixar de fora a compilação de vários textos reunidos no volume *Metaphor and metonymy in comparison and contrast* (Dirve & Pörings, 2003) que visam a expor diversos pontos de vista sobre esta temática em diversos campos do conhecimento.

fato, as primeiras definições dadas em *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud* (Lacan, [1957b] 1998) parecem nos trazer de alguma forma as próprias relações de similaridade e contiguidade presentes desde a Antiguidade Clássica. A fórmula da metáfora é "uma palavra por outra" (p. 510) e a metonímia se apoia na conexão "de palavra em palavra" (p. 509).

Entretanto, produz-se nesta leitura uma diferença fundamental com a entrada em cena dos principais mecanismos do trabalho do sonho, a condensação e o deslocamento. Não se trata de forma alguma de aplicar-lhes os mecanismos estruturais do funcionamento da língua, como se os sonhos fossem somente mais um objeto simbólico a ser lido por suas leis. Aliás, Jakobson já havia tentado a sorte ao final de seu artigo sobre as afasias: "a questão decisiva é saber se os símbolos e as sequências temporais usadas se baseiam na contiguidade ('deslocamento' metonímico e 'condensação' sinedóquica de Freud) ou na similaridade ('identificação' e 'simbolismo' freudianos)" (Jakobson, [1956a] 1975, p. 61, tradução modificada)[76]. O movimento de Lacan não é ler a partir dos polos teorizados por Jakobson. De maneira completamente distinta, trata-se antes de ler *com* a metáfora e a metonímia – formalizações a respeito de uma estrutura que lhe servirão de instrumento – os restos da verdade que se aponta no sonho, os rastros de seu desejo.

De um aparelhamento com a Linguística

Ler com a metáfora e a metonímia e não a partir delas implica em realizar uma inversão de tempos: é a condensação e o deslocamento, mecanismos teorizados por Freud em *A interpretação dos sonhos* através de inúmeros exemplos, que se antecipam em muito à formalização dos dois polos da língua proposta pelo linguista Roman Jakobson (Lacan, [1957b] 1998, p. 516). Em outros termos, é a própria desfiguração em jogo no trabalho do sonho que abre caminho para o reconhecimento dessa instância do significante que se apresenta segundo determinadas leis, que são as de agrupamento.

[76] É curioso que Jakobson apresente essa hipótese de maneira relâmpago no capítulo V de seu texto sobre as afasias, justamente aquele que Lacan exclui quando nos recomenda essa leitura em nota (Lacan, [1957b] 1998, p. 498).

Apesar de nunca citado explicitamente na obra de Freud, o significante apreendido somente a partir das relações restritas que mantém com outros significantes, é, segundo Lacan, um elemento central para se compreender o que ele inaugura com a sua concepção de inconsciente (ibid.). Ora, metáfora, metonímia e arranjos significantes nos remetem principalmente às suas formas homônimas da Linguística moderna inaugurada pela publicação do *Curso de Linguística Geral* (Saussure, [1916] 2012) e seguida por aquilo que se tornou o paradigma estruturalista. Mesmo que não tenham surgido nesse momento[77], é inegável que é no século XX que elas adquirem outra dimensão. Portanto, antes de darmos sequência à retomada de Lacan destes termos, mostra-se necessária uma breve contextualização do que mais especificamente se inaugura no Estruturalismo como escrita teórica ou, em outros termos, como formalização.

Lacan se interessou pela dita Linguística estrutural e isso se deveu a dois motivos principais. Em primeiro lugar, ela se encontrava em uma posição de destaque no quadro das ciências humanas durante o período do retorno de Lacan a Freud, que abrange a década de 1950 e início dos anos 1960. Em segundo lugar, Lacan julgava que a ciência Linguística forneceria o "apoio" (id., [1950] 2003, p. 133) necessário para diferenciar a função simbólica em jogo no que Freud inaugura em *A interpretação dos sonhos* do simbolismo então difundido numa Psicanálise que reivindicava seu nome.

Esse apoio foi nomeado de diversas formas ao longo dos anos, mesmo após o rompimento feito na década de 1970[78]. Em um primeiro momento, está explícito que Lacan buscava elementos para justificar uma posição científica para a Psicanálise (Lacan, [1953] 1998), à semelhança de Freud, que se valera somente do paradigma positivista e seus dilemas (Milner, [2002] 2008, p. 204). Lembramos que é aos princípios da Termodinâmica que ele recorre em seu primeiro modelo do dinamismo dos investimentos pulsionais[79].

Ao mesmo tempo, mostra-se notável que esta relação com a ciência Linguística em Lacan não tenha sido completamente renegada, mesmo após ele ter abandonado tais pretensões científicas. Lacan fala em uma "referência à linguística" ([1953] 1998, p. 289), ao fato de que ela "fornece o material da análise, ou o aparelho que nela se opera" ([1970] 2003,

[77] Vimos que a metáfora e a metonímia nos remetem às figuras de linguagem definidas na Poética e Retórica da Antiguidade Clássica. Já o termo de significante nos remete a Santo Agostinho (Cf. Garcia-Roza, 1990).
[78] Cf. *Primeiro impasse: linguística e psicanálise*, na Introdução deste trabalho.
[79] Cf. Freud ([1895/1950] 1995) e o capítulo VII de Freud ([1900] 2001).

p. 407). Ele defende que não se deve desprezar a disciplina Linguística ([1971-1972] 2003, p. 547) e que se deve também "intervir nos homens em nome d[ela]" ([1973] 2003, p. 510), isso mesmo após cunhar o nome de *linguisteria*. A Linguística também seria "a ciência que se ocupa de *lalíngua*" (ibid.; cf. Milner [1978] 2012).

Sobre estes neologismos, podemos, aliás, nos perguntar algumas coisas. Desde sempre, nunca foi questão de ler toda a Linguística, mas sim a novidade epistemológica que o paradigma estrutural inaugurava, em particular na figura do trabalho de alguns nomes específicos. Integram a lista Ferdinand de Saussure, Roman Jakobson e Émile Benveniste. A particularidade é que Lacan mantinha uma relação de amizade pessoal com Jakobson, que chegou a frequentar seu seminário em Paris[80], e também uma relação de estima com Benveniste (Milner, 1996, p. 79), apesar dos gritantes silenciamentos a este linguista quando nos escreve sobre a diferença entre enunciado e enunciação[81]. Ao olharmos para a sutura, essa marca que se dá a ver quando há separação e posterior reaproximação, isso nos faz questionar se desde o começo não foi sempre de *linguisteria*, ou da aventura de alguns linguistas na sistematização de um saber sobre a língua enquanto objeto científico (Milner, [2000] 2016), que Lacan tratava em suas leituras.

Além disso, ao se enveredar pelos sertões de uma determinada Linguística, Lacan sempre esteve interessado muito mais nas propriedades da linguagem que ela expunha do que por uma exploração mais detalhada de seus métodos (Milner, [2002] 2008). Nunca foi questão de permanecer no que era estipulado – não sem discórdia – a respeito dos limites da língua, mas sim de apontar o que se figurava ali como um excesso "impronunciável" (Lacan, [1960] 1998, p. 833), como o é o próprio sujeito da enunciação. Mas claro que, olhando de trás para frente, é fácil pensar que poderia haver ali um embrião do que viria a se nomear como *lalíngua*[82].

---

[80] Cf. lição de 19 de dez. do Seminário 20 de Lacan.

[81] Benveniste nunca é citado no contexto de uma retomada da Linguística estrutural ao lado de Jakobson e Saussure na coletânea *Escritos*. Podemos encontrar seu nome em duas notas de rodapé de *O seminário sobre "A carta roubada"* ([1955c] 1998) e numa breve menção à sua crítica ao trabalho de Freud com os pares antitéticos, feita no texto curto *De um desígnio* ([1966a] 1998).

[82] A esta altura, é preciso situar o leitor de que, mesmo não trabalhando ostensivamente aqui as reflexões do linguista Jean-Claude Milner em *O amor da língua* ([1978] 2012), elas certamente vazam através de efeitos na direção que esta dissertação apresenta a partir deste ponto até as considerações finais. A nosso ver, este livro tem o mérito de apresentar a fronteira sutil que existe entre língua e *lalíngua*, separação à qual a Linguística, em sua delimitação científica, precisa se haver, nem que seja na forma de uma negação, exclusão ou ignorância. Mesmo que sutil, essa fronteira se mostra intransponível no quadro que a Linguística nos apresenta. *Lalíngua* apresenta uma dimensão de impossível em relação à verdade que a língua visa apreender: "impossível de dizer, impossível de não dizer de uma determinada maneira" (p. 27). Essa questão foi extensamente trabalhada em *A língua*

Voltemos um ponto nessa linha sucessória. Antes de partir para uma discussão sobre como esse apoio na combinatória ou articulação que a Linguística nos apresenta do funcionamento da língua auxiliaria a ler a função simbólica presente no trabalho dos sonhos, tentemos entender melhor o que está em jogo com a "revolução do conhecimento" (Lacan, [1957b] 1998, p. 499) promovida pela reclassificação necessária do paradigma da Linguística estrutural.

A Linguística era tida como uma "ciência-piloto" (Dosse, [1991] 2018; Lacan, [1960] 1998; id., [1955b] 1998; p. 813; Haroche, Henry, Pêcheux, [1971] 2007, entre outros) tão segura e fundamentada quanto a Física o era para as demais ciências naturais (Lacan, [1966] 2003, p. 229). Jakobson destaca a respeito do protagonismo da Linguística no quadro das ciências humanas:

> Assaz importante é que o problema das inter-relações entre as ciências do homem parece centrar-se na linguística. O fato se deve primordialmente à configuração inusitadamente regular e auto-suficiente da linguagem e ao papel basilar que desempenha no quadro da cultura; e, de outro lado, a linguística é reconhecida quer por antropólogos quer por psicólogos como a mais progressista e precisa dentre as ciências humanas e, portanto, como um modelo metodológico para as restantes disciplinas da mesma área (...). Como declara Piaget: 'A linguística é sem dúvida a mais avançada das ciências sociais, por sua estruturação teórica, tanto quanto pela precisão de sua tarefa, e mantém com outras disciplinas relações de grande interesse' (*118*, p. 25). Já no limiar de nosso século, Peirce consignou à 'ciência da linguística, vasta e esplendidamente desenvolvida', uma posição privilegiada entre os 'estudos dos desempenhos e produtos mentais' (*117*, I § 271). (1970, p. 13).

Beberam de sua fonte epistemológica, para além da Psicanálise, também a Filosofia, a Literatura e, sobretudo, a Antropologia desenvolvida nesse profícuo período de meados do século XX[83]. Na Europa e nos Estados Unidos, destaca-se a figura do linguista Roman Jakobson e, mais precisamente na França, a do antropólogo Claude Lévi-Strauss, "seu discípulo" e amigo (Lévi-Strauss, 1976, p. 7).

Segundo François Dosse ([1991] 2018, p. 104), o Estruturalismo aparece pela primeira vez com o Círculo Linguístico de Praga durante as exposições feitas no I Congresso de Linguística Geral em Haia em abril de 1928. Em entrevista, o linguista Roman Jakobson,

---

inatingível (Gadet & Pêcheux, [1981] 2004) e também na tese de Paulo Sérgio de Souza Júnior intitulada *O fluxo e a cesura* (2012).

[83] Sobre a estreita relação mantida entre a Antropologia e a Linguística nesse período, cf. o texto *A linguagem comum dos linguistas e antropólogos* (Jakobson, [1953] 1975) e *Antropologia estrutural* (Lévi-Strauss, [1958] 2008).

vice-presidente do Círculo na época, afirma: “Pela primeira vez, empregamos a expressão linguística estrutural e funcional. Apresentamos a questão da estrutura como central, sem a qual nada pode ser tratado em linguística” (*apud* Dosse, [1991] 2018, p. 104). Segundo o próprio Jakobson, há também outra versão de que muitas das “leis estruturalistas” teriam surgido de maneira extraoficial entre 1915 e 1924, período de existência do Círculo Linguístico de Moscou (Jakobson, 1971 *apud* Williams, 1993, p. 159). Muitos dos trabalhos deste grupo somente não teriam sido publicados devido a dificuldades econômicas e técnicas do início dos anos 1920, o que teria acarretado em sua perda.

O Estruturalismo, como esse novo paradigma inaugurado pela Linguística foi denominado, tornou-se então um fenômeno extremamente heterogêneo do qual se mostra até hoje impossível apreender uma unidade coerente sem pagar o preço de uma generalização empobrecedora. E isso mesmo após seu abandono no final da década de 1960 e início de 1970, quando constatamos a hesitação de alguns linguistas, dentre outros intelectuais, em apresentar seus trabalhos como estruturalistas (Ducrot, 1970). Muito mais do que um programa de pesquisa que orientou as ciências humanas para a exploração de seus respectivos objetos a partir de um viés que privilegiava uma organização regular denominada comumente de estrutura, o Estruturalismo produziu uma verdadeira revolução no ideal de ciência então vigente.

Ora, isso implica na própria transformação da ideia de estrutura vigente desde sempre nos estudos que se debruçavam sobre as línguas mesmo antes da Linguística moderna. Ducrot (1970, p. 26) afirma: “O estruturalismo linguístico (...) ou não passa de banalidade, ou então tem de apurar o conceito de estrutura a fim de que remeta a outra coisa que não seja à simples ideia de organização, já presente nas gramáticas tradicionais”, mas também nos estudos da gramática comparada e dos neogramáticos. Dessa forma, o verdadeiramente revolucionário neste movimento científico foi uma formalização guiada pelo primado de uma diferença entre os termos de uma estrutura sobre as propriedades inerentes de cada um deles tomado isoladamente. Em outras palavras, uma formalização que permitia inferir que um sistema linguístico qualquer não é igual à soma de suas unidades, mas sim a mesma coisa que as relações mútuas estabelecidas entre elas (id., p. 56). Ora, isso quebrava com a concepção gramatical, a qual visava construir uma imagem para a língua que, como tal, seria uma representação total e independente das relações entre suas unidades classificatórias (cf. Milner, [1978] 2012, p. 41)

A formalização estruturalista, segundo Milner (1996), pode ser entendida como uma nova forma de matematização ou cálculo que não leva em consideração as medidas quantitativas das ciências da natureza, obtidas através de experimentos controlados e auxiliados por instrumentos frequentemente independentes do arcabouço teórico que pretendem comprovar. Este seria o caso, por exemplo, de um microscópio utilizado para observar a reprodução de micro-organismos. Trata-se, ao invés disso, da produção de uma escrita igualmente formal que pode ser construída à medida que se trabalha com o próprio objeto no interior de sua própria teoria. Ela irá privilegiar, sobretudo, seus aspectos qualitativos e irá se inscrever não na forma de uma medida, mas sim de uma literalização. Como consequência disso, torna-se possível tratar cientificamente de outra forma os objetos humanos. Eles trazem uma oposição entre natureza e cultura e, justamente por isso, não podem ser objetivados num paradigma positivista sem uma perda considerável de suas singularidades.

A literalização é uma formalização tão rigorosa quanto as outras baseadas na mensuração de algo quantificável. O trabalho em torno dos traços diferenciais dos fonemas é um exemplo marcante desse sucesso teórico, uma vez que a fonologia representou "o elemento transportador do estruturalismo" (Chevalier *apud* Dosse [1991] 2018, p. 107)[84]. Essa teoria foi sendo desenvolvida ao longo de anos nos programas de pesquisas estruturalistas em Linguística. Dois marcos importantes desse processo são as publicações do *Grunzüge der Phonologie* [Princípios de fonologia] em 1939 de autoria de Nikolay Sergeyevich Trubetzkoy (dedicado a Jakobson) e do *Phonology and Phonetics* [Fonologia e fonética] de autoria de Jakobson e Morris Halle, em 1956.

Neste último trabalho, vemos a descrição de doze combinações binárias que visam a oferecer as oposições para descrever os sistemas linguísticos (Jakobson & Halle, 1956, p. 29-32). Entretanto, por não se tratarem de propriedades intrínsecas aos fonemas, mas sim de algo que é estabelecido a partir de uma relação entre ao menos dois termos, não é necessário utilizar todos esses traços diferenciais a cada descrição. Voltemos um pouco. O fonema como resultado de um determinado conjunto de traços diferenciais é a menor unidade com que a Linguística lidava naquele momento. Trata-se de uma unidade não provida de significado,

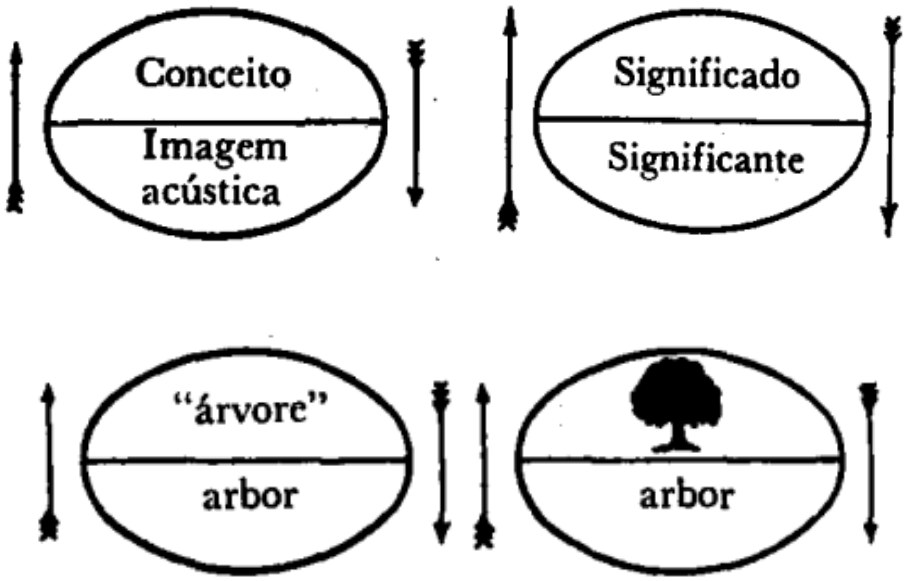
[84] Transportador não somente da Linguística para as demais ciências humanas. De acordo com Silva (2005, p. 118), este modelo estruturalista de tratamento dos fonemas, que serve como base para a análise fonêmica, constituiu a tentativa inicial de formalização da cadeia sonora da fala e suas premissas teóricas e metodológicas estão presentes, mesmo que de maneira subjacente, em modelos fonológicos posteriores. Trata-se, portanto, de algo que produz impacto na história da Linguística, mesmo aquela que rompe explicitamente com o paradigma estruturalista.

mas que produz uma diferença de significação. Por exemplo, se mudamos ligeiramente o som da primeira consoante da palavra "faca", ela pode se transformar em "vaca", que apresenta em português outro significado em relação à primeira. Assim, "vaca" em comparação com "faca" apresenta o traço [+ vozeado], uma vez que o que diferencia os fonemas [v] e [f] em português é somente uma atividade das cordas vocais. Essa diferença clara para nossos ouvidos brasileiros pode não ser percebida por um falante de espanhol, que tende a misturá-las no único fonema [β]. Assim, as oposições relevantes se marcam de maneiras distintas a depender do sistema linguístico em foco. Os traços diferenciais representativos de um fonema, portanto, não são constantes e dependem exclusivamente da relação que as diferentes possibilidades sonoras de uma língua qualquer mantêm uma com a outra.

O uso do método dos traços diferenciais para descrever as unidades fonemáticas da língua introduz um artifício de escrita, uma literalização, que leva em consideração a reconstrução da causa de efeitos observáveis ao ouvido nu. No caso, efeitos de significação. Isso não se confunde com uma metalinguagem cara à lógica, ou seja, "a linguagem com a qual se fala" (Mortari, 2001, p. 39). Ainda mais porque não se está levando em consideração um exterior ao sistema para descrevê-lo, mas sim suas próprias relações internas.

Ora, essa ideia de um elemento que produz uma diferença de significação, mas que ao mesmo tempo é desprovido de significado em si, é fundamental para a leitura empreendida por Lacan da noção de significante. Em termos de nomeação, ela provém de uma das duas partes distintas da unidade linguística encontrada no CLG (Saussure, [1916] 2012), o signo linguístico, que, por sua vez, se divide em duas faces: o significante e o significado[85]. O significante pode ser localizado na porção inferior do signo como substituto da "imagem acústica", ou seja, da "impressão psíquica do som" (p. 106) ou ainda da "materialidade fônica" (Milner, [2002] 2008, p. 34). O significado constitui o segundo termo localizado na porção superior desta unidade e substitui o "conceito". Não há nenhuma definição mais precisa do que sua oposição ao significante, a qual é marcada por flechas indicando um movimento recíproco de uma porção em direção à outra.

[85] O signo linguístico é estudado no CLG a partir do recorte de um "estado de língua", período no qual são abstraídas mudanças linguísticas consideradas mínimas. Ele pode corresponder ao espaço de alguns anos, uma geração, um século ou seja qual for o critério dos especialistas em termos de duração para delimitar um determinado sistema linguístico. Cf. a metáfora da partida de xadrez (Saussure, [1916] 2012, p. 130-1).



O signo linguístico descrito como uma unidade psíquica de duas faces (Saussure, [1916] 2012, p. 107 e p. 161).

Em termos de funcionamento, entretanto, o significante segundo Lacan provém bastante do modo como os linguistas estruturalistas puderam dar consequências a algo que já se encontrava presente no CLG. Se o resultado de suas pesquisas se consolidou nos traços diferenciais dos fonemas como as unidades mínimas de trabalho no quadro desta Linguística, é porque as reflexões a respeito do princípio do valor, já presentes em Saussure, abriram-lhes caminho para isso[86].

No CLG, vemos que "a língua não pode ser senão um sistema de valores puros" (p. 158). Isso implica em dois fatores. Em primeiro lugar, que a combinação entre significante e significado é arbitrária, sem motivações externas à própria língua. A própria diversidade das línguas nos dá provas disso, uma vez que, por exemplo, para o mesmo termo "árvore", encontramos "das Baum", "tree" e vários outros bastante distintos a depender do idioma. Isso pode acontecer até mesmo nas variações de uma mesma língua, como é o caso da variação regional entre "mandioca", "aipim" e "macaxeira". Em segundo lugar, é a própria combinação de um signo linguístico com outro signo linguístico que definirá algo a respeito de suas propriedades específicas de unidade, inclusive no que se refere a nuances de significação, as quais estão sob sua dependência.

[86] Está escrito com todas as letras no CLG: "O que importa na palavra não é o som em si, mas as diferenças fônicas que permitem distinguir essa palavra de todas as outras, pois são elas que levam à significação" (Saussure, [1916] 2012, p. 165).

Tomemos como exemplo o próprio termo "desejo". Se o consideramos de um ponto de vista que privilegia o valor, temos então uma dificuldade de estabelecer uma correspondência exata entre o que Freud chama de *Wunsch*, o que Lacan chama de *désir* e o que, em nosso português brasileiro, pode ser nomeado como *desejo*. Por mais que um seja a tradução do outro, não podemos dizer que todos os três possuem o mesmo valor. Em português brasileiro, o verbo *desejar* engloba a conotação de "bons votos de felicidade" quando o empregamos em "Eu te desejo sempre o melhor", por exemplo. Essa conotação somente pode ser expressa em francês pelo verbo *souhaiter*. Além disso, em português temos também uma conotação sexual quando alguém deseja uma pessoa, fato que está fora de questão quando vemos os usos do substantivo *Wunsch* ou do verbo *wünschen* em alemão. Para este outro emprego, encontramos, por exemplo, o verbo *begehren*[87].

Não entraremos na discussão a respeito dos ruídos que isso pode produzir na língua teórica. Usamos este exemplo para mostrar que o valor de qualquer uma das unidades linguísticas, dentre elas as palavras ou qualquer outra[88], somente pode ser determinado por oposição a outras no quadro de um determinado sistema linguístico. Assim, o essencial da noção de valor é que ela abre espaço para uma variação na diferença e, quando tomamos mais de um sistema linguístico em comparação, temos a possibilidade de encontro com uma alteridade no modo de dizer. Determinamos algo a respeito da significação de *desejo* a partir das combinações possíveis com outros termos dentro de uma frase e também da sua possibilidade ou não de substituição por alguns sinônimos. A propósito, cada sinônimo traz suas sutilezas e a escolha por um ou outro não vem sem perdas.

É bastante conhecida a alegação de que "*na língua só existem diferenças*". E mais ainda: uma diferença supõe em geral termos positivos entre os quais ela se estabelece; mas na língua há apenas diferenças *sem termos positivos*" (Saussure, [1916] 2012, p. 167, itálicos do texto). Há somente definições negativas quando se trata de língua e a única propriedade inerente a um determinado signo linguístico consiste em "ser o que os outros não são" (id., p.

[87] Cf. Para uma breve discussão sobre outros termos em alemão para "desejo", cf. a primeira parte deste trabalho, subtópico "Desejo em Freud".

[88] Há uma clara dificuldade em delimitar as unidades linguísticas no CLG para além do que foi convencionado como signo linguístico e até mesmo uma esquiva desta questão, considerada secundária: "Todavia, malgrado a importância capital das unidades, seria preferível abordar o problema pelo aspecto do valor, que é, a nosso ver, seu aspecto primordial" (Saussure, [1916] 2012, p. 157). Ou ainda, de maneira um pouco mais detalhada: "Em resumo, a língua não se apresenta como um conjunto de signos delimitados de antemão, das quais bastasse estudar as significações e a disposição; é uma massa indistinta na qual só a atenção e o hábito nos podem fazer encontrar os elementos particulares. A unidade não tem nenhum caráter fônico especial, e a única definição que se pode dar a ela é a seguinte: *uma porção de sonoridade que, com exclusão do que precede e do que segue na cadeia falada, é significante de um certo conceito*" (id., p. 148, itálicos do autor).

164). Trata-se de uma diferença pura, que se resume a uma não coincidência entre duas unidades distintas.

Para estabelecer o jogo de oposições que "exprime o fato linguístico na sua essência e na sua amplitude" (ibid.), uma vez que nos distanciamos aqui da ideia de uma mera listagem de palavras, as relações sintagmáticas e associativas parecem desempenhar um papel central porque são elas que abrem caminhos de articulação entre termos, a partir de uma sequência linear ou outras sequências virtuais dela derivadas. No entanto, vemos uma pequena confusão na ideia de valor quando esses dois tipos de agrupamento que descrevem o funcionamento linguístico entram em cena de forma mais detalhada. Pelas suas relações, que vimos serem as de contiguidade e de similaridade (a partir de uma vasta gama de pontos de comparação que envolve desde o sentido, os sufixos, prefixos, etc.), elas ditam também alguma ancoragem para o arbitrário do signo. Elas formam "solidariedades" que limitam de certa forma o arbitrário absoluto, produzindo uma motivação relativa para o signo. Por exemplo, os nomes de árvore como "macieira", "cerejeira" remetem diretamente a seus frutos, "maçã" e "cereja", sendo relativamente motivados[89].

Não há consenso no CLG a respeito de uma definição clara para essas duas ordens de oposição. Se, em um determinado momento, as relações sintagmáticas são definidas como a ordem dos termos *in praesentia* e as relações associativas como a ordem dos termos *in absentia*, isso se complexifica. Ainda mais quando consideramos que "a coordenação no espaço contribui para criar coordenações associativas, e estas, por sua vez, são necessárias para a análise das partes do sintagma" (id., p. 177). Esses arranjos se interconectam. Não parece haver tampouco uma separação total com a tradição das leis de associação por contiguidade e por similaridade herdada dos empiristas britânicos, porque, em outro momento, elas remetem a um funcionamento psicológico: "Nossa memória tem em reserva todos os tipos de sintagmas mais ou menos complexos, de qualquer espécie ou extensão que possam existir, e no momento de empregá-los fazemos intervir os grupos associativos para fixar nossa escolha." (Saussure, [1916] 2012, p. 178). Em outros termos, algumas combinações são ativadas na fala enquanto outras permanecem suspensas até que possam ser recuperadas pela memória.

[89] Não é irrelevante apontar que o capítulo VI da segunda parte do CLG ["Mecanismo da língua"], no qual essas reflexões a respeito do arbitrário relativo são expostas, apresenta uma série de intervenções dos editores e costuras entre anotações dos três cursos ministrados por entre 1907 e 1911 (de Mauro, [1967] 2005, p. 470-471).

Interessa-nos apontar que, mais uma vez, parece haver deslize ao se lidar teoricamente com noções que visam a descrever algo do mecanismo da língua no interior de seu próprio movimento. Resta-lhe algo de indomável, mas somente se encaramos seriamente a questão e não contornamos este obstáculo que se apresenta diante de nossos olhos. Podemos destacar que o princípio do valor nos faz inevitavelmente lidar com as relações diversas entre as unidades do sistema linguístico, uma vez que são elas que autorizam qualquer apontamento sobre suas propriedades (Milner, 1996, p. 81). O passo dado pelos linguistas estruturalistas no trabalho sobre os traços diferenciais dos fonemas foi o de atribuir uma literalização a esse primado da diferença, e isso foi fundamental para a reformulação de Lacan do significante, a qual, em linhas gerais, é a produção de outra escrita teórica.

Antes de partirmos para as especificidades dessa escrita teórica, tentemos entender melhor esse ponto em que Linguística e Psicanálise se relacionam pelos ossos do ofício. Milner ([2002] 2008, p. 208) afirma que a ciência da linguagem interessa à Psicanálise pelo simples fato de que ela seja possível, e isso muito mais do que pela especificidade de seus métodos, modelos e resultados empíricos. Aliás, o próprio pressuposto de que haja uma ciência da linguagem (id., p. 207; id., [1995] 2021), que ela tome o nome de Linguística e que em seu interior seja possível o desenvolvimento de paradigmas distintos, dentre eles o estruturalista, é já notável visto as peculiaridades de seu fazer científico.

A Linguística é considerada uma ciência empírica que tem a particularidade de não contar com ferramentas de experimentação externas a seu campo que permitiriam construir um salvo-conduto para os resultados obtidos (Milner, [1995] 2021). Ou seja, ela não conta com uma instância de observatório que permitiria validar ou refutar os resultados de seus experimentos, como a Astronomia e a Microbiologia contam com a Ótica responsável por desenvolver seus telescópios e microscópios. Não, um linguista presume a regularidade daquilo que se repete em seus dados ou então separa o possível do impossível em uma língua dada a partir da sua própria experimentação da língua ou então da experimentação de alguns outros que toparem a enroscada. Este contato pode ser até chamado de experiência se levamos em conta seus enunciados convidativos[90]: selecione as formas que julga pertencerem à língua

[90] Pierre Kuentz (1977 *apud* Gadet & Pêcheux, [1981] 2004, p. 137), em *Le linguiste et le discours*, nos apresenta que a experimentação não é possível no objeto-língua, somente a experiência. Neste aspecto, citamos também Eliane Silveira (2005, p. 91): "O que chamamos de impasse está intimamente ligado ao desejo do

em questão dentre uma lista de palavras raras e inventadas; julgue a probabilidade do evento descrito pela frase lida com a forma do verbo no indicativo ou subjuntivo ter ocorrido ou não (cf. Waldemarim, 2020).

Quando levamos em conta os dados de língua estudados pela Linguística, não é possível escapar de uma circularidade que aprisiona esta ciência no interior de seu próprio campo. Nas palavras de um linguista afetado pelo fato de ser também um ser falante e, portanto, desejante, "todo exemplo de língua, na medida em que permite o raciocínio linguístico, já supõe um raciocínio linguístico" (Milner, [1995] 2021, p. 150). Seus dados também parecem pertinentes somente a essa própria ciência (id., p. 152), na medida em que atuam na fundamentação de um modelo teórico, nos seus reajustes necessários ou contestação total[91]. A propósito, na exportação dos traços diferenciais para outras ciências humanas que passaram a se dizerem também estruturalistas, vemos que uma discussão sobre como os fonemas são uma abstração dos sons é o que menos interessa.

De fato, a importância da Linguística para outras ciências e também para a Filosofia e a Psicanálise está muito mais ligada a suas decisões teóricas (Milner, 2010). Devido à sua ausência de observatório, ela precisou se dedicar e se dedica ainda a reflexões metodológicas constantes, mesmo no interior de paradigmas aparentemente consolidados, "e não foi por outra razão que foi chamada de ciência piloto" (Milner, [1995] 2021, p. 156-7).

Em termos lacanianos, podemos ler o dilema desta ciência única (ibid.) da seguinte maneira: de um ponto de vista epistemológico nela também não há metalinguagem, ou ainda, ela também lida com o fato e os efeitos de que não há Outro do Outro (id., [2002] 2008, p. 208), uma instância garantidora da maneira como se lidar com a falta inerente a todo conhecimento. O trabalho sobre a língua, lapidá-la a ponto de torná-la um objeto mais palpável aos olhos da ciência, não vem sem uma convocação do próprio sujeito linguista enquanto um sujeito falante que precisa operar, em sua escuta, uma filtragem:

> Em certos casos – especialmente quando estuda a própria língua – esse voltar-se sobre si lhe é, por exemplo, constantemente imposto; mas, de toda forma, mesmo

investigador e assim não aparece a não ser pelas suas artimanhas. (...) Assim, a língua para o linguista é mais do que um objeto: é uma experiência da qual depende o resultado do seu trabalho".

[91] Fazemos referência aqui à famosa contestação feita por Daniel Everett do princípio da recursão sintática, forjado por Noam Chomsky como um universal linguístico. Para contestar esse aspecto criativo que diz respeito ao fato de falantes serem capazes de produzirem sentenças inéditas o tempo todo, Everett traz dados da língua pirahã, os quais também mostram uma série de outras peculiaridades para o modelo da gramática gerativo-transformacional, como a ausência de marcação morfológica de número (singular, plural ou dual), ausência de numerais, de quantificadores (todo, algum, cada, etc.), de termos específicos para cores, estruturas encaixadas (como "eu vi que ele saiu"), dentre outros. (cf. Mesquita, 2016).

> supondo que estude uma língua que não seja a sua, ele não pode estudá-la sem fazê-la sua, por pouco que seja. Estabelece-se, pois, sempre uma coincidência entre o observador e o observado; isso não deixa de criar uma estrutura paradoxal. A linguística tem de suportar esse paradoxo. (Milner, 2010, s/p).

É claro que a história da Linguística enquanto disciplina científica é repleta de episódios de ignorância, foraclusões e recalques do fato incontornável de uma posição a ser tomada pelo sujeito linguista (Gadet & Pêcheux, [1981] 2004)[92].

Ora, a Psicanálise se conecta com a Linguística precisamente no ponto em que não há garantias na maneira de se sistematizar qualquer saber do inconsciente (Milner, [2002] 2008, p. 208). Há sempre outra maneira de se falar disto que, sendo língua e inconsciente, no final das contas está presente na vida de todos. A diferença é que, na Psicanálise, um analista precisa necessariamente passar pela experiência do inconsciente e se haver com o fato de ter sido afetado por ela através do que Lacan denomina como desejo de analista (Cf. Lacan, [1967] 2003). Freud nos dá prova dessa afetação em seus textos, ao nos expor, dentre outras coisas, seus percalços e pontos que, de tão resolvidos, é preciso desconfiar. Um linguista pode fazer de tudo para esconder seu desejo, mas podemos por vezes encontrar em seu trabalho o traço de uma paixão ou de um amor[93].

Voltemos finalmente ao significante segundo a escrita teórica proposta por Lacan ([1957b] 1998, p. 500), que é a seguinte:

$$\frac{S}{s}$$

É nítida a diferença com o signo linguístico que encontramos no CLG, uma vez que aqui o significante se encontra em maiúscula (S) na parte superior da fração e é separado do significado grafado em minúscula (s) na porção inferior por uma barra. Esta barra detém a

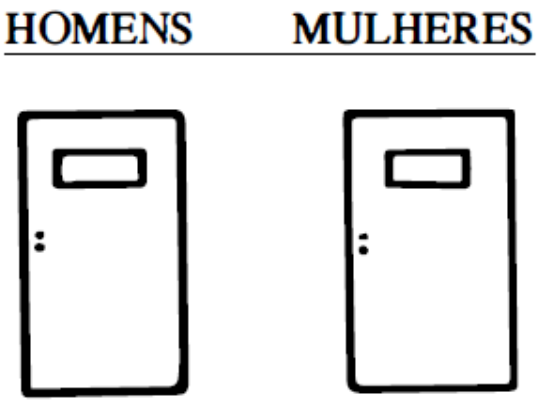
[92] Com um outro olhar, Françoise Gadet e Michel Pêcheux afirmam que "se a linguística não tem nada a dizer do inconsciente, ela pode, apesar disso, assinalar pontos na língua nos quais o sujeito não pode não ser colocado como um sujeito desejante" (id., p. 152, tradução modificada). Na tradução brasileira, a segunda negação da última parte da frase é apagada : "Embora a linguística não tenha nada a dizer do inconsciente, ela pode assinalar pontos na língua em que o sujeito não pode ser apresentado como um sujeito desejante". Seria este lapso mais uma forma de apagamento do sujeito de desejo no interior da Linguística?

[93] Neste aspecto, os títulos do livro de Milner ([1978] 2012), *O amor da língua*, e do livro com as conclusões de Jakobson (1985) para cada um dos volumes da compilação de sua obra completa, *Une vie dans le langage: autoportrait d'un savant* [Uma vida na linguagem: autorretrato de um estudioso], falam por si próprios a respeito de uma diferença fundamental em relação a um amor narcísico.

maior importância, pois funciona como uma barreira entre ambas. Ela garante certo destaque ao movimento significante e sua manutenção ou transposição é o que irá marcar a possibilidade do surgimento de alguma ligação entre significante e significado, não de forma a marcar uma correspondência, como no caso do que é exposto no CLG, mas sim uma conexão particular mesmo que momentânea ou inesperada em comparação com o que comumente se denomina de sentido corrente.

Lacan afirma que é este algoritmo que funda a Linguística moderna. Podemos dizer que ele rende homenagem a Saussure, conforme consta no texto *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*, porque matematiza ainda de outra maneira o que é colocado pelo princípio do valor. Cada significante é explicado então a partir de uma estrutura que dita que eles se organizam "segundo as leis de uma ordem fechada" (p. 504). A partir dessa disposição, as unidades significantes não têm propriedades intrínsecas, mas se reduzem "a elementos diferenciais últimos" (ibid.), ou seja, "não tem existência e propriedades senão por oposição, relação e negação" (id., [9 jan. 1973] 1985, p. 32). Deduzimos disso que o significante lacaniano, como uma unidade desvencilhada do significado, é apreendido necessariamente pelos seus arranjos e ligações próprias com outros tanto num plano horizontal quanto vertical. Daí a importância da metáfora e da metonímia – as literalizações dessas diferentes maneiras de disposição naquilo que será retroativamente chamado de cadeia significante – em qualquer discussão sobre este termo.

Veremos mais à frente a respeito dessas suas "funções essenciais" (id., [1957-1958] 1999) e sobre como elas escrevem o espaço articulado da cadeia significante e seus pontos de irrupção de alguma significação. Por ora, tentemos explorar melhor o fato de que a (re)leitura de Lacan traz uma radicalidade na relação entre significado e significante, no sentido em que um não mais representa o outro (Pontes, 2005). Vemos isso no exemplo dado em seu texto (id., [1957b] 1998, p. 502):



Esta ilustração tem o mérito de “exagerar na dimensão incongruente” (ibid.) em que o significante produz algum tipo de relação com o significado. Não tão aberrante assim, encontramos comumente essa associação no nosso dia-a-dia, quando procuramos um lugar para onde destinar nossas necessidades fisiológicas em estabelecimentos comerciais. Entretanto, ela nos mostra ser ainda mais inesperada quando ouvimos a história que Lacan nos traz como exemplo de uma precipitação de sentido:

> Um trem chega à estação. Numa cabine, um menino e uma menina, irmão e irmã, estão sentados um em frente ao outro, do lado em que a vidraça dando para o exterior descortina a visão das construções da plataforma ao longo da qual o trem parou: ‘Olha!, diz o irmão, chegamos a Mulheres!’; ‘Imbecil!, responde a irmã, não está vendo que nós estamos em Homens?’ (id., p. 503).

A partir daí essas duas crianças podem derivar as mais diversas elucubrações. Se ambos os termos estivessem escritos em língua estrangeira incompreensível para os irmãos, não podemos garantir que não haveria igualmente uma disputa pelo nome do lugar desconhecido pelo qual passavam (id., p. 508). O ponto a destacar dessa anedota é a combinação que “homens” e “mulheres” estabelecem acima da barra, formando uma mínima série, que pressupõe ao menos dois significantes. A partir de seu encadeamento tanto num plano horizontal de contiguidade quanto em um vertical de substituição, que vemos tomar corpo na história a nós contada, abre-se caminho para quase qualquer significado que possa advir dessas relações.

Depreendemos disso que qualquer discussão sobre a significação, na leitura lacaniana, depende não somente de um significante, mas de uma articulação entre dois ou mais deles,

que dá lugar à cadeia significante. É ali "que o sentido *insiste*, mas que nenhum dos elementos da cadeia *consiste* na significação de que ele é capaz nesse mesmo momento" (id., p. 506, itálicos do autor). Nesse espaço material, o jogo de diferenças pode mudar a cada vez que se incorpora um elemento novo em sua sequência, pois se reatualizam o que Lacan denomina como os "pontos de basta" de uma determinada cadeia, marcos através dos quais partimos para olhá-la de trás para frente (Lacan, [1955-1956] 1988)[94].

Lembramos que, a partir do momento em que os traços diferenciais dos fonemas se tornam a unidade mínima de trabalho dos linguistas estruturalistas, significado e significante puderam se dissociar de maneira marcante para a história da Linguística. O fonema é algo que produz diferença de significação, mas que não detém em si nenhum significado. A folha de papel que separa ideias e sons em sua frente e seu verso (Saussure, [1916] 2012, p. 159) fora rasgada na sua divisão mais improvável e a cisão de sua fina membrana é reatulizada aqui sob a forma de um corte analítico. A significação passa a ser compreendida como um efeito possível derivado de algumas articulações significantes. Assim, mais precisamente, metáfora e metonímia entrarão como escritas que visam a uma reconstrução da causa desses efeitos frequentemente discrepantes ou incongruentes observáveis ao ouvido nu dos analistas no âmbito de uma estrutura, e por isso elas são fundamentais.

Enquanto estruturas, metáfora e metonímia não abarcam tudo o que se refere ao jogo da linguagem. Elas deixam de fora o próprio jogador ou, melhor dizendo, o próprio ludibriado nessas articulações que abrem a possibilidade de se servir da língua "para expressar *algo completamente diferente* do que ela diz" (Lacan, [1957b] 1998, p. 508, itálicos do autor). Porém não completamente. O sujeito da enunciação aparece imiscuído na estrutura (Silveira, 2005) a partir de um questionamento sobre o seu lugar tão difícil quanto necessário de ser estipulado. Afinal, "um significante é aquilo que representa o sujeito para outro significante" (Lacan, [1960] 1998, p. 833). Este lugar parece se dar *entre* certo poder de escolha – pode-se sempre tomar o tempo de refletir no que dizer – e a imprevisibilidade dos efeitos derivados das combinações e substituições de elementos que se tornam retroativamente significantes, até mesmo quando essa mensagem retorna ao próprio sujeito de forma invertida. A ordem da

[94] Os pontos de basta são "pontos de ligação fundamentais entre o significante e o significado" (Lacan, [6 jun. 1956] 1988, p. 304), "artifício[s] espacializante[s]" (id., p. 302) a partir dos quais todo o restante do deslizamento significante se organiza.

língua, com suas restrições, se mostra insuficiente. Há ainda outra instância atuando nesta determinação.

Produz-se então um impasse. O significante tal como formulado por Lacan simultaneamente convoca e se distancia da Linguística dita estrutural de uma maneira bastante particular (Milner, 1996). Esta estrutura, portanto, não é referenciada sem uma subversão que não é nada menos que a subversão do sujeito. Assim, essa Linguística "reinterpretada" encontra-se também "desvairada" [*détournée*] (p. 83), uma vez que uma teoria completa de uma estrutura qualquer em Lacan requer não somente uma teoria do significante, mas também do sujeito inconsciente como seu cerne (Milner, [2002] 2008, p. 202). É justamente para um lugar que nos remete a este sujeito que a cadeia significante nos aponta como seu excesso incontornável.

Freud e a Linguística?

Certamente o caso de Freud é completamente diferente neste quesito. Por mais que ele tivesse na mais alta conta a literatura e o estudo de línguas, segundo Milner ([2002] 2008, p. 196-7), há muito pouco interesse pelo método da Linguística científica de sua época, a gramática comparada. Ela teve seu auge na Alemanha com autores como Friedrich Schlegel, Jacob Grimm, Franz Bopp e August Schleicher[95]. Eles tratavam também de línguas clássicas, assunto de grande entusiasmo para Freud, porém de um ponto de vista classificatório e comparativo com pretensões de reconstruir uma proto-língua que teria dado origem a todas as línguas indo-europeias que observamos hoje em dia. O fato de Freud se encontrar em Viena, no antigo império austro-húngaro também não é secundário, visto as suas diferenças em relação ao território alemão que se dão a ver ainda fortemente hoje em dia em termos dialetais.

[95] Friedrich Schlegel é autor do primeiro ensaio comparativo e histórico intitulado *Über die Sprache und Weisheit der Indier* (Sobre a língua e a sabedoria dos indianos), publicado em 1808. Jacob Grimm publica a *Deutsche Grammatik* (Gramática alemã) no período de 1819 a 1837 e nela realiza sobretudo um estudo de história e tipologia das línguas germânicas. Franz Bopp publica o primeiro estudo comparativo dos sistemas verbais em 1816 e também a *Gramática comparativa das línguas sânscrita, persa, grega, latina, lituana, gótica, alemã e eslavônica* entre 1833 e 1852. August Schleicher publica em 1861 o chamado *Compendium der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen* (Compêndio da gramática comparada da língua indogermânica), no qual revisa e amplia o trabalho de seus predecessores (Heller-Roazen, 2010, p. 88-9).

Com o passar do tempo, também não há nenhuma palavra de Freud a respeito de uma nova Linguística em expansão na Europa já no início do século XX que propunha algo diferente de um estudo histórico e classificatório das línguas. Nenhuma palavra sobre a possibilidade dela esclarecer algo a respeito das propriedades da linguagem tão exploradas em sua obra principalmente no trabalho com os sonhos, os chistes e os atos falhos, formações do inconsciente que colocam o relato do paciente em primeiro plano. Esse passo, como vimos, foi dado por Lacan.

Para não dizer que não há nenhuma referência a trabalhos linguísticos em Freud, citamos seu estudo *Sobre o sentido antitético das palavras primitivas* ([1910] 2013)[96]. Neste texto, ele se baseia no estudo do filólogo Karl Abel de 1884 sobre o antigo egípcio para dizer algo do caráter regressivo encontrado na função simbólica presente no trabalho do sonho. Como vimos, as imagens sofrem diversos mecanismos de deformação no trabalho do sonho e, por isso, não apresentam as relações lógicas que encontramos em seu relato. Dentre essas transformações, chama particular atenção de Freud a ausência de negação, que indica uma marca do recalque, e a ausência de oposição quando se trata da condensação de elementos contraditórios ou do deslocamento de energia psíquica de um elemento ao seu contrário.

O mais espantoso para Freud é que Abel teria encontrado uma tendência parecida no próprio funcionamento de uma língua muito arcaica, tal como é o antigo egípcio. Interessa a Freud, sobretudo, a propriedade semântica de algumas palavras significarem simultaneamente elas mesmas e seu contrário, como "forte" e "fraco". Há ainda compostos citados por Abel, como "velhojovem" que significam somente um de seus componentes. Assim, à semelhança do que vimos com a evolução do termo *unheimlich* em alemão, Freud tenta se ancorar na evolução documentada da língua para fazer uma analogia com suas premissas sobre o funcionamento do inconsciente.

Esta tentativa de estabelecer alguma relação com um trabalho na área da então ciência da linguagem de vertente histórica falhou ironicamente devido a uma falta de rigor científico por parte de Karl Abel, uma vez que, segundo a crítica de Benveniste ([1956b] 1995), ele ignora regras elementares já estabelecidas no século XIX para o trabalho de comparação entre línguas[97]. Restringindo-nos aos exemplos tomados da língua egípcia, largamente citados no

[96] Cf. O capítulo 4 "Freud e seus linguistas: Sperber, Abel, Schreber" (Arrivé, [1986] 2001) para maiores referências bibliográficas sobre as alusões de Freud a linguistas de seu tempo.

[97] Arrivé ([1986] 2001) faz uma defesa de Karl Abel ao trazer maiores detalhes de sua teorização para além do que é citado diretamente por Freud. Ele considera as críticas de Benveniste justas, mas afirma que elas provêm

texto de Freud, vemos que Abel não nos dá qualquer informação a respeito do período e da documentação das palavras alvo de sua análise, no máximo, cita uma escrita hieroglífica ligeiramente diferente como forma de diferenciar os sentidos contrários. No campo da gramática comparada, uma aproximação somente poderia ser válida se os elementos em jogo se encontram em uma relação de correspondência regular estabelecida pelo investigador a partir de parâmetros precisos. Por exemplo, mostra-se importante estabelecer um mesmo período de tempo se há pretensões de descrever um estágio de língua específico ou então, se a intenção é fazer uma tentativa de reconstrução linguística, mostra-se elementar explicitar uma comparação de línguas de uma mesma família em diferentes momentos históricos. Se não há documentação o suficiente, como é frequentemente o caso, é preciso explicitar que algumas formas linguísticas são fruto de um trabalho de reconstrução de um estágio anterior e devem ser devidamente marcadas com um asterisco (Heller-Roazen, 2010). Não se trata de reunir tudo o que se parece, pois isso pode levar o investigador a resultados enganosos, como aqueles encontramos por Abel em sua aproximação de palavras de línguas modernas.

Segundo Benveniste, faltou a Abel, sobretudo, levar em consideração a lógica particular que sustenta cada uma das línguas usadas em suas comparações, em seus momentos específicos. Pois, se houve alguma descoberta importante no período de estudos da gramática comparada, foi a de que toda e qualquer língua natural está sujeita a mudanças ao longo do tempo, seja devido ao seu curso natural, seja como consequência dos contatos com outras línguas (Ducrot, 1970). A língua egípcia, se é que podemos falar de somente uma língua que abrangesse todo o período desta civilização milenar, não estaria imune a isso, da mesma forma que o latim, o alemão, o inglês, dentre outras usadas como comparação[98]: "A esse respeito, as línguas antigas ou arcaicas não são nem mais nem menos singulares do que as que

---

de uma falta de leitura direta dos trabalhos do linguista. Dentre seus argumentos, salientamos a importância que atribui a uma discussão sobre a homofonia e a possibilidade que ela abre para a atribuição do mesmo significante a significados distintos, problemática que teria sido ignorada por Benveniste em sua crítica.

[98] Sobre a língua egípcia, mostram-se importantes algumas observações do egiptólogo brasileiro Emanuel Araújo: "Um persistente lugar-comum sobre a civilização egípcia é a sua imutabilidade em todas as esferas durante milênios de história. Nada mais falso. Tal imagem provém sem dúvida de uma certa uniformidade aparente das convenções de representação pictórica e do uso continuado das cores, dos padrões arquitetônicos do templo concebido como microcosmo, de sua joalheria (abundante nos museus) com reprodução de imagens sagradas e da forma ideográfica de sua escrita, denominada hieroglífica. No entanto, basta percorrer, mesmo superficialmente, livros sérios que tratem da arte e da arqueologia egípcias para logo se perceber que tal imagem é ilusória. (...) as diferenças terminaram por ser tão profundas que a língua clássica do egípcio médio mal podia ser compreendida pela gente comum – e até mesmo por escribas – do período neo-egípcio ou egípcio tardio; como escreveu Erman (1923: 4, nota 2), 'se a escrita, que omite todas as vogais, não encobrisse parte considerável do afastamento, a diferença poderia ser vista como tão grande para nós como a que separa o antigo alto alemão de nossa língua moderna ou o italiano do latim'." (Araújo, 2000, p. 21-24).

falamos; tão somente a singularidade que atribuímos aos objetos pouco familiares" (Benveniste [1956b] 1995, p. 89)[99].

De qualquer maneira, dizemos com Lacan ([1953] 1998, p. 245) o quanto Freud se preservou de incursões grandes demais no campo dos estudos linguísticos de sua época. Elas vêm no máximo a título de curiosidade científica, sem muita preocupação com a checagem das fontes e dados. Seu trabalho pôde muito bem prosperar e instigar apesar disso.

Do trabalho do sonho à cadeia significante

O inconsciente é estruturado como uma linguagem. Esse é o enunciado que lemos ao longo das três décadas do ensino de Lacan como resultado de sua incursão na verdade que Freud nos expõe de maneira inaugural em *A interpretação dos sonhos*. Vimos que, muito diferentemente de uma resposta definitiva e geral, ela nos aponta para um ponto de alteridade radical onde nos desconhecemos. Essa verdade está muito mais próxima do que Freud deixa em suspenso com suas considerações a respeito do "umbigo do sonho" do que da frase clara e sintética a respeito da possível realização de desejo depreendida a partir de um trabalho de interpretação.

A Linguística estrutural entra em cena a partir de Lacan justamente para nos ajudar a ler a "estrutura que dá seu estatuto ao inconsciente" ([22 jan. 1964] 1998, p. 26). Suas regras e interditos no que se refere às combinações e substituições de suas unidades linguísticas, assim como ao que nos remete à própria caracterização de suas unidades mínimas de estudo, foram fundamentais para a subversão (Ferreira, 2002) operada por Lacan em seu retorno a Freud ao importar o termo de significante e suas leis. Subversão esta somente em relação ao próprio quadro conceitual da Linguística, uma vez que sua leitura se encontraria em pleno acordo com o que Freud nos expõe em sua obra: "Desde a origem, desconheceu-se o papel constitutivo do significante no status que Freud fixou de imediato para o inconsciente, e segundo as mais precisas modalidades formais" (Lacan, [1957b] 1998, p. 516).

[99] A esse propósito, citamos a palavra "foda" como um exemplo em nosso português de uma palavra que pode significar dois sentidos opostos: algo espetacular ou algo muito ruim beirando uma catástrofe.

Mais particularmente, a Linguística intervém na maneira como Lacan lê as sequências imagéticas produzidas a partir do trabalho do sonho e também as sequências linguageiras dos pensamentos latentes derivados do conteúdo do sonho, as quais, como vimos, são duas maneiras distintas de se produzir uma elaboração a partir do material inconsciente, que só consegue se tornar consciente depois de sofrer uma distorção com vistas a vencer a censura. Assim, não temos acesso ao inconsciente em seu estado puro, mas somente ao limite imposto por essas "duas versões do mesmo assunto em duas linguagens diferentes" (Freud, [1900] 2001, p. 276). O ponto central é que há algo em jogo nestas elaborações que as distinguem de um mero simbolismo ou de uma mera correspondência ao que fora então recalcado no inconsciente.

Retomando a dicotomia entre articulado e articulável que viemos tentando dar consequência desde o início em relação ao desejo, podemos dizer que a Linguística, portanto, nos diria mais a respeito daquilo que é articulável em relação ao inconsciente, ou seja, seu quê de "qualificável, de acessível, de objetivável" (Lacan, [22 jan. 1964] 1998, p. 26). É uma questão de sufixos. Vimos na primeira parte desta dissertação que Freud descobre determinados mecanismos no conteúdo imagético dos sonhos que nos indicam haver ali um verdadeiro trabalho de transformação de um material que fora afastado da consciência. Ele somente pôde chegar a esta conclusão quando faz um caminho de volta dos pensamentos latentes oriundos de uma associação livre do paciente sobre seu sonho até o que seu relato teria a incorporar em relação às imagens sonhadas. Por sua vez, estes pensamentos também são uma forma de retorno desfigurado daquilo que não adentramos, mas que não deixa de entrar nas nossas vidas, de sonho ou de vigília.

É neste movimento de trás para frente que se depreende uma determinada ordem e se vê que um amontoado de elementos em série não é somente uma montagem aleatória, como pode parecer à primeira vista. Trata-se de uma verdadeira "escrita por imagens" (Freud, [1900] 2001), que, segundo Lacan ([1958b] 1998), deve ser lida ao pé da letra, ou seja, como um "fato de sintaxe" (id., [1957a] 1998, p. 448; id., [1956] 1998, p. 470). Esta ordenação pela fala, da qual as intervenções do analista também participam somente na medida em que retomam termos do próprio paciente, é o que temos de palpável em uma escuta psicanalítica. As imagens tomadas umas em relação com as outras passam a ser entendidas não meramente como símbolos de algo, mas sim como indicadores de relações de oposição, de tempo, de adição, de alternância, de explicação, de causalidade, de conclusão, enfim, todas as relações lógicas entre um enunciado e outro que encontramos na gramática de uma língua. É neste

sentido que elas precisam ser lidas como equivalentes de uma sintaxe. Afinal, falamos das imagens que sonhamos no quadro de um relato e isso convoca os recursos de uma determinada língua para lhe servirem de balizamento.

A ordem encontra seu alicerce, portanto, do lado dos mecanismos de linguagem – coincidentes aqui com alguns mecanismos de língua – que são desfigurados nos sonhos e que podem ser rememorados durante uma associação livre. É sempre de uma relação que se trata, no caso, a relação entre duas traduções distintas do material inconsciente, uma no conteúdo manifesto e outra nos pensamentos latentes.

A importância de uma interpretação passa a residir muito mais nesse aspecto sempre incompleto e passível de ser recomeçado do que na busca de um sentido último e coeso para o desejo que as imagens do sonho supostamente realizariam. Em outros termos, sua importância consiste muito mais no caminho que traçamos na tentativa de se chegar até o sentido. A simultânea diferenciação e continuidade de Lacan em relação a Freud se dá na ênfase que ele dá a essa impossível resolução do final de uma interpretação que sempre falha em desmistificar o desejo desencadeador de um determinado sonho.

Adentramos então, nos termos de Lacan deste período ([1953] 1998), no “campo da linguagem” e nas “funções da fala” dele não dissociáveis. Em meio a uma “fala vazia”, o sujeito acredita dar encaminhamento a uma determinada coerência em relação a esse sentido que anseia alcançar. Ela é uma história muito bem contada. Entretanto, é através de determinados pontos de irrupção de uma “fala plena” que lhe é devolvido o estatuto de enigma em relação a esse mesmo sentido antes encerrado, reabrindo o seu inquérito. Trata-se de pontos de acréscimo ou apagamento quando contamos a mesma história uma segunda vez, suas incongruências, as associações e lembranças que não havíamos percebido que ela nos desperta, dentre muitos outros elementos que não podemos prever. Reconhece-se ali um estranhamento em relação àquilo que, mesmo vindo de nós mesmos, é pura alteridade. Isso se deve principalmente ao campo da linguagem no qual estamos desde sempre inseridos e que nos resta somente habitar. Ele, ao mesmo tempo em que possibilita o trabalho analítico, também lhe constitui um muro. Enquanto seres falantes, tanto analista quanto paciente se encontram desse mesmo lado de dentro e, se há um limite para o articulável em palavras, o analista não é aquele que detém a chave para dar formas ao inefável.

O foco recai, portanto, sobre o que resta, nos equívocos próprios da língua, disso que nunca se diz, sem se esquecer que esse impossível aparece ainda ali atuando nesta estruturação e emergindo de tempos em tempos.

Com a noção de cadeia significante introduzida por Lacan, a função simbólica em jogo no trabalho do sonho e seus pensamentos latentes passa a ser lida, sobretudo, como uma ordem simbólica. Isso ultrapassa o que é exposto em termos de funções lógicas expressas por conjunções, preposições e demais termos de uma língua específica que fazem o reboco para a estruturação de uma frase. Aliás, a própria ordem da língua é sobredeterminada por esta ordem simbólica que se organiza na outra cena (Silveira, 1997). Não podemos dizer que há equivalência entre elas porque atuam ainda no que vemos irromper como uma cadeia significante, para além do registro Simbólico, também os registros Real e Imaginário[100].

Qual seria então a elaboração em jogo na cadeia significante, que nos introduz nessa ordem simbólica indissociável de outros registros para se pensar a constituição subjetiva e o próprio movimento que lhe abre lugar? O que ela pode nos esclarecer a respeito dos interditos que vemos estar em jogo na combinação que leva em consideração uma censura e também um umbigo dos sonhos quando empreendemos um trabalho de interpretação?

A cadeia significante como um espaço material nos demonstra que os movimentos autorizados por determinadas leis de agrupamento de elementos significantes nos dizem também de uma entrada na ordem da linguagem, a qual Lacan denomina de ordem simbólica. “O sujeito é (...) um efeito de linguagem, é feito de linguagem” (Henry, 2012, p. 97). Esta entrada produz uma passagem fundamental que precisa ser levada em consideração na escuta de qualquer formação do inconsciente.

[100] Nas palavras de Silveira (1997), o Simbólico, Real e o Imaginário são três registros “essenciais da realidade humana” e, portanto, “constitutivos da estrutura do sujeito” (p. 4). De maneira bastante resumida, o Imaginário pode ser compreendido como “o plano onde se manifesta o ego apontando a ilusão da consciência” (p. 4). Trata-se da ilusão de unidade que exploramos quando tratamos de uma determinada leitura de Freud à qual Lacan faz oposição. O Simbólico é um registro que vem ambiguizar esta coerência, pois nos remete a uma ordem “que envolve toda a atividade humana [e] tem na linguagem sua expressão mais concreta” (p. 4). Já o Real é “definido como impossível”, como “aquilo que não pode ser simbolizado totalmente, seja na palavra, seja na escrita, e, por consequência, não cessa de não se escrever, presentificando-se como falta” (p. 5). Esses três registros somente podem ser definidos um em relação com o outro, uma vez que vêm juntos na estruturação do sujeito e seus diferentes momentos de irrupção. A partir do viés específico do desejo, podemos pensar, de maneira bastante grosseira, no imaginário como sua ilusão de realização, no simbólico como a falta que advém com uma falha nessa mesma realização e que nos impulsiona a uma nova tentativa, e o real como sua causa ausente que insiste em uma impossível apreensão.

Freud soube ouvi-la quando nos traz o umbigo do sonho, que por si só já é um de seus efeitos. Ele soube também reconstruí-la ao pressupor que deveria haver um estágio anterior no desenvolvimento do aparelho psíquico. Ao nos atentarmos para seu texto, vimos que ele esboça um mecanismo primário no qual a energia psíquica escorria livre em direção à satisfação. Em algum momento mítico não especificado[101], essa dinâmica de trânsito deixa de existir e somente podemos ter acesso ao que já se encontra afetado pela introdução de uma barreira que exige artimanhas para ser contornada. Sobra então o desejo como o rastro e a tentativa de repetição sempre falha desse momento extinto, uma vez que, ao não instituir uma nova marca, percorre os sulcos já definidos de antemão. Para Lacan, esta barreira que dita nossa relação com o desejo toma a forma de um "muro de linguagem" ([1953] 1998) e, à diferença de Freud, qualquer necessidade se encontra desde sempre já transformada por essas fronteiras nas quais circulamos mesmo antes de falar, uma vez que somos falados e interpretados desde sempre.

Isso não quer dizer, entretanto, que não haja também essa passagem em Lacan. Ela terá um valor simbólico que pode ser explicado pela estrutura que o mito nos apresenta e nos faz recuperar de maneira particular:

> O mito é o que dá uma formulação discursiva a algo que não pode ser transmitido da definição da verdade, porque a definição da verdade só pode se apoiar sobre si mesma, e é na medida em que a fala progride que ela a constitui. A fala não pode apreender a si própria, nem apreender o movimento de acesso à verdade como uma verdade objetiva. Pode apenas exprimi-la – e isso de forma mítica (Lacan, [1956] 2008, p. 8).

Entendamos esta verdade, que remete também àquela que exploramos ao longo deste trabalho em relação ao inconsciente, como origem. Nas mais variadas sociedades, os mitos trazem narrativas que prezam a tratar de uma origem, se não a do próprio homem, a da criação do mundo, da diferença entre as línguas, do advento dos mais variados recursos e apetrechos, da lei e da proibição[102]. Por mais que elas variem em cada cultura, o que não muda é o fato de que essas histórias produzem explicações para um momento instaurador ao qual não temos acesso porque, inclusive, não poderia ter existência antes da própria construção que o mito lhe impõe no fio de seu discurso. O mito é também nostalgia dessa origem perdida (cf. Amati-Mehler et. al., [1990] 2005). Sua confirmação está fora de questão, pois narra também uma

[101] Segundo Amati-Mehler et. al. ([1990] 2005), "(...) a própria estrutura do mito introduz o antes, a clivagem e o depois" (p. 45).
[102] Fazemos referência neste último ponto ao mito do assassinato do pai da horda presente em *Totem e tabu* (Freud, [1913] 2012).

separação radical entre um antes, que não pode ser recuperado de outra forma, e um depois. Analisando a estrutura temporal do mito, vemos que a retroação tem nele um papel importante, uma vez que esse início somente pode ser especulado a partir de suas consequências que oferecem um arcabouço ao ato de contar.

Por meio da linguagem podemos recriar histórias do que estaria para-além de seus muros, e isso é fundamental. Histórias que não deixam de marcar as coisas naturais com o nosso próprio funcionamento de linguagem. Não à toa, um evento se liga ao outro através de concatenações e substituições e os animais, plantas, rios, montanhas são capazes, eles também, de pensar e expressar esse pensamento através da fala. Assim, mesmo apontando para um exterior, não deixamos os seus domínios. Não estamos nunca completamente de fora. Isso pode ser visto também com as diversas variações em torno do "mito" da constituição subjetiva e seu aparente paradoxo de que somos desde sempre sujeitos[103]. O dito que a verdade tem estrutura de ficção (Lacan, [27 mar. 1957] 1995, p. 259) é entendido, portanto, ao lado do que exploramos com a inexistência de uma metalinguagem. Seguindo o fio da fala nos caminhos de uma via régia ao inconsciente, somente podemos topar com uma verdade desfigurada.

Com esta breve retomada, queremos mostrar que o desejo é, a partir de Freud e no seguimento dado por Lacan, essencialmente uma rememoração que coloca lugar para uma ausência – tanto de algo que não existe mais, quanto de algo que pode estar na iminência de ser reencontrado sob outros aspectos. Há, portanto, uma dupla elaboração a ser considerada quando se trata da leitura lacaniana com o significante: trata-se tanto da instauração desta ausência com a entrada na ordem simbólica, quanto da transformação de uma série qualquer em uma cadeia significante, a qual pressupõe que essa ausência instauradora tem também o seu próprio movimento.

A própria noção de significante, tal como exposta em *O seminário sobre "A carta roubada"* (Lacan, [1955b] 1998) implica que se conceba a instauração desta ausência – ou melhor, o reencontro com isso que se marca no início por uma necessidade lógica – em um determinado deslizamento. Baseando-se no primado da diferença, é somente junto a outros

[103] O fato mais surpreendente é que podemos ver um exemplo desta variabilidade do conteúdo e constância de uma forma (ou, em outros termos, de estrutura) nos próprios exemplos dados por Lacan. Desse modo, a história pela dialética entre necessidade, demanda e desejo envolvendo sujeito e Outro, e também a releitura do complexo de Édipo a partir dos personagens *infans*/sujeito, função materna e função paterna, como vimos anteriormente, não passam de duas ficções que tentam *contar* o que estaria em jogo nessa passagem da qual apreendemos somente os efeitos. Há ainda outras que não exploramos aqui.

significantes que “coisa-alguma” (Magno, 1980) pode ter propriedades relevantes para a própria estrutura e se marcar então com o nome “falta” (Milner, 1996, p. 82).

Na análise do conto de Edgar Allan Poe que dá título ao texto, vemos que o conteúdo da carta é o que menos importa para a trama da história, a qual envolve um roubo em pleno gabinete real, ameaças posteriores de publicização e angústia sobre o que possa daí derivar como consequência para a paz conjugal e governamental. Está perfeitamente claro quem realizou o roubo bem abaixo dos olhos da rainha, que não podia fazer nada a não ser ficar de braços cruzados para não levantar suspeitas ao rei logo ao lado. É nítido também que o ministro, o astuto ladrão da carta, detém-na em seu poder. O mistério do conto consiste no lugar onde ele a mantém escondida e que, mesmo após intensas buscas da polícia, ainda não fora descoberto. Absolutamente tudo havia sido revirado pelo avesso nesta procura, exceto um lugar bem a vista de todos. Dupin é o detetive que intervém como um último recurso e a localiza acima da lareira, junto a outras. A carta havia sido adulterada, envelhecida, mas é possível identificá-la com um pouco de astúcia. Numa manobra, ele a troca por outra de igual forma e tamanho e o ladrão nem desconfia que o objeto que garantia a eficácia de suas chantagens não se encontra mais em sua posse.

Ressaltamos aqui somente que esta carta[104] passa de mão em mão, como uma brincadeira de passa anel[105]. Do movimento que envolve também a sua busca, salta aos olhos que algo falta lá onde deveria se encontrar: nos bolsos do ministro, no fundo falso de suas gavetas, no assoalho. Entramos então no jogo de presença e ausência, o esconde-esconde e suas regras. Lacan completa: “só se pode dizer que algo falta em seu lugar, *à letra*, daquilo que pode mudar de lugar, isto é, do simbólico” ([1955b] 1998, p. 28, itálicos do autor).

A falta assim concebida é possibilitada pela metáfora paterna, escrita de uma substituição essencial entre “coisa-alguma” e “alguma-coisa” que promove a entrada do sujeito na ordem simbólica. Já que toda metáfora tem como efeito uma nova significação, podemos dizer que esta em específico produz a internalização de uma lei a qual, por sua vez, instaura também uma interdição**.** Ainda em outros termos, a própria ausentificação que demarca a castração[106]. À semelhança do mito, é uma necessidade lógica do arranjo entre

[104] Em francês, a palavra para “carta” corresponde à “lettre”, homófona à “letra” e também a “o ser” [*l’être*].
[105] Lacan define a cadeia significante a partir da seguinte aproximação: “anéis cujo colar se fecha no anel de um outro colar feito de anéis” ([1957b] 1998, p. 505).
[106] Em termos mais específicos que nos remetem à relação entre função materna e função paterna na releitura do complexo de Édipo e da dialética entre desejo e demanda, conforme visto na primeira parte deste trabalho: “Sendo o pai uma metáfora, sua função dentro do complexo de Édipo é ser um significante que substitui outro

significantes que ela ocorra num período anterior à própria mudança de lugar disso que se marca como ausente. Aliás, a metáfora paterna vem da leitura de Lacan do mito presente em *Totem e Tabu* (Freud, [1913] 2012), no qual o assassinato do chefe detentor de todas as mulheres da tribo faz dele um pai totêmico que passa a ser adorado pelos irmãos. Sua morte não elimina a lei que ele representava, mas torna-a internalizada na forma como esses indivíduos continuam se organizando entre si.

Esta falta constitutiva pode ser tomada mais precisamente do ponto de vista de como ela se marca na escrita formal do movimento presente na cadeia significante, a qual tem a ver com onde se corta e com o que se produz como recorte disso que irrompe como elaboração na ordem simbólica. Segundo Lacan, é neste lugar que podemos encontrar a rememoração exigida pela descoberta de Freud quando se trata dos mecanismos inconscientes utilizados para contornar a censura ([1955b] 1998, p. 47).

Esta rememoração não tem a ver com uma sondagem aos confins de nossa consciência a fim de recuperar o que quer que seja. Ela acontece a despeito disso. Trata-se de um "agrupamento e sucessão de acontecimentos simbolicamente definidos" (Lacan, [23 mar. 1955] 1985, p. 234). Ou seja, uma recuperação de trás para frente daquilo que se organiza espontaneamente em sequência durante a associação livre e que então passa a ser motivado, ou melhor, sobredeterminado. Sua retroação implica que um novo elemento reorganiza todos os anteriores, inclusive de forma a dar-lhes destaque, como os pensamentos latentes nos fazem ver o conteúdo do sonho de forma diferente. Ao tomar de empréstimo os mais variados elementos linguageiros, demonstra-nos também a insistência e indestrutibilidade disso que é de ordem inconsciente. É ali que o desejo inarticulável persiste errando o alvo oferecido pelas palavras. Esse agrupamento é simbolicamente definido porque a cadeia rememora de alguma maneira um momento originário e perdido, mas também o próprio movimento de seus componentes anteriores, acompanhando-os (Fink, [1995] 1998, p. 37).

Toda cadeia significante é fruto de uma elaboração sobre uma mínima série, ou, em outros termos, de uma "cifragem" (Fink. [1995] 1998) que elimina a possibilidade de um puro acaso reger uma dada combinação. Desde sempre há uma determinação simbólica que se mostra, na cadeia, pela introdução de impossibilidades com relação ao encontro entre algumas de suas unidades e também à presença de determinados termos em sua disposição. Isso se dá

---

significante, que, no caso, é o desejo da mãe. Essa substituição faz surgir uma nova significação, que é fálica e cuja função é orientar o sujeito na ordem simbólica." (Barbosa, 2020, p. 34). Estamos falando aqui também, em relação ao pai como metáfora, do que Lacan nomeia como Nome-do-Pai (cf. Lacan [1959] 1998).

de maneira muito semelhante a uma sintaxe, que determina também algumas possibilidades de combinação entre as diferentes unidades de uma língua, as quais, como vimos, não deixam de pressupor toda a gama de outras palavras que possam vir a substituir um determinado termo. Esta sintaxe (Lacan, [1955b] 1998, p. 55) expressa a marca deixada pelo significante sobre o sujeito, a qual irá intermediar e sobredeterminar sua relação com os acontecimentos, dentre eles o próprio acontecimento representado pelo sonho.

Falar em termos de uma estrutura, como o é a cadeia significante, "faz aparecer a ligação essencial da memória com a lei" (Lacan, [1955b] 1998, p. 53)[107]. Escrever essa estrutura constitui um salto importante, uma vez que se coloca em jogo nesta formalização a verdade de uma certa relação com a verdade do desejo. Nenhuma interpretação vem sem um resto que se marca como ausência ou interdição[108]. Todo deciframento é também cifração quando se trata dos sonhos e demais formações do inconsciente (Allouch, [1994] 2007). Sendo impossível dizer toda a verdade com relação ao desejo, é somente escrevendo que é possível ao menos dar visibilidade àquilo que permanece como inarticulável[109].

[107] Remetemos ao exemplo de uma sequência simples entre dois símbolos ("+" e "-") e sua cifragem em outra com três símbolos (os algarismos "1", "2" e "3") e, a partir desta, sua cifragem em ainda outra com quatro símbolos (as letras "α", "β", "γ" e "δ"). Cada uma dessas transformações irá introduzir uma gama cada vez mais complexa de restrições de combinações aos seus diversos elementos. Esta exposição é explorada por Lacan em detalhes na "Introdução" posterior de seu *O seminário sobre "A carta roubada"* ([1955b] 1998, p. 49-66) e na lição XV de seu *seminário 2* ([1954-1955] 1985). Bruce Fink ([1995] 1998) nos apresenta também uma explicação detalhada do caminho complexo que Lacan toma para mostrar as diversas cifragens em relação a essa série simples de dois elementos. Cf. capítulo 2 e Apêndice 1 e 2.

[108] Lacan denomina de *caput mortuum* do significante isso que de alguma forma é contornado na cadeia, funcionando posteriormente como sua causa. Não se trata de saber o que ele significa, mas somente que ele se escreve. Ao denominar isso que a cadeia não contém a partir desta expressão em latim, Lacan iguala o que é excluído "ao resto deixado no fundo do tubo de ensaio quando um alquimista tenta criar algo valioso a partir de algo inferior. (...) A cadeia nunca cessa de *não* escrever os números que constituem o *caput mortuum* em determinadas posições, sendo condenada a escrever eternamente alguma coisa ou dizer algo que continue evitando esse ponto, como se esse ponto fosse a verdade de tudo que a cadeia produz na medida em que anda em círculos." (Fink, [1995] 1998, p. 47, itálico do autor).

[109] Remetemos aqui às importantes reflexões de Jean Allouch em *A clínica do escrito* ([1994] 2007), em particular à operação de transliteração, tida como simbólica. É impossível fazer-lhe jus aqui em poucas linhas, mas nos restringimos a dizer que ela consiste em ler com o escrito. Ela entra no próprio contexto do retorno de Lacan a Freud, no qual vemos uma série de formalizações, os matemas e outros, com vistas a escrever de outro modo aquilo que já se encontra presente na obra deste último. Assim, ela dá outro estatuto à repetição, que abre espaço também para uma criação no campo teórico, ou seja, espaço a outros modos de fazer frente a isso que resta de insimbolizável em relação ao inconsciente.

Metáfora e Metonímia II

Se a lei esboça limites para a simbolização, temos então a metáfora e a metonímia como escritas do movimento significante passível de ser jogado. Elas não se confundem com a própria limitação, apesar de Lacan falar em metáfora paterna ([1957-1958] 1999; [1959] 1998), mas são o próprio desenrolar do "jogo significante" (id., [1957b] 1998, p. 521), os lances de uma partida de fala. Há duas dimensões possíveis de arranjo de significantes no discurso: a sincrônica, que nos remete a uma simultaneidade entre dois termos, e a diacrônica, que implica na disposição linear de termos distintos, um após o outro[110].

Elas derivam do próprio fato de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem: em primeiro lugar, por se articularem ao redor de uma falta referente ao próprio jogador e que se faz marcar nos seus dribles; e, em segundo lugar, por se ordenarem segundo as "permutações autorizadas pela linguagem" (ibid., p. 499) em seus dois eixos interligados. Sua formalização leva em conta necessariamente, portanto, um excesso em relação à própria cadeia significante, que não consegue se inscrever em seu conjunto.

A metáfora e a metonímia são trabalhadas ao longo de vários momentos do ensino de Lacan, mais particularmente entre o período de 1955 a 1960[111]. Entretanto, é somente em *A instância da letra* ([1957b] 1998) que Lacan lhes cunha uma escrita formal, aos moldes da literalização vista anteriormente. Por conta disto, dedicaremos um exame mais detalhado a este texto. Nele, ambas são literalmente escritas como funções no sentido matemático do termo. Elas visam a relacionar significante e significado, na medida em que o primeiro tem uma incidência sobre o segundo (Lacan, [1957b] 1998, p. 518), ou seja, na medida em que o significante não deixa de manter relações com o significado. Por isso, esses dois elementos aparecem no que é simbolizado tanto na estrutura fundamental da metonímia:

---

[110] No CLG, vemos definições distintas para sincronia e diacronia. A dimensão sincrônica corresponde ao estudo da língua separado de suas mudanças ocorridas ao longo do tempo, as quais seriam objeto de uma linguística diacrônica. Essa separação, entretanto, se dá de maneira artificial, uma vez que a mudança linguística ocorre de maneira lenta e gradual, ou seja, ela não deixa de acontecer também em uma determinada sincronia, por mais que os falantes não se deem conta disso.

[111] Citamos como marcos importantes *O seminário, livro 3: as psicoses* ([1955-1956] 1988), *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente* ([1957-1958] 1999), *A metáfora do sujeito* ([1961] 1998), *Radiofonia* ([1970] 2003) e *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud* ([1957b] 1998), o qual será o foco desta seção. Um trabalho minucioso de levantamento de todas as citações da metáfora e metonímia ao longo da obra de Lacan, incluído o seu ensino falado, foi feito por Vera Motta, a quem devemos muito por nos fazer reconhecer perdidos nesse início de pesquisa, porém não desamparados.

$$f\,(\mathrm{S}...\mathrm{S}')\ \mathrm{S} \cong \mathrm{S}\ (-)\ s$$

(ibid., p. 519)

quanto na estrutura fundamental da metáfora:

$$f\left(\frac{\mathrm{S}'}{\mathrm{S}}\right)\ \mathrm{S} \cong \mathrm{S}\ (+)\ s$$

(ibid., p. 519)

Sendo o significante (S) concebido somente nas suas relações com outros significantes, sua estrutura necessariamente precisa se basear em suas articulações possíveis. Assim, a metonímia descreve o que acontece a partir das concatenações entre significantes (S...S') e a metáfora o que acontece a partir de sua substituição (S'/S). Elas não são a concatenação ou substituição em si, mas o que provém delas como efeito de significação. Como a relação entre significante e significado (s) não é a de correspondência um a um, vemos efeitos diferentes no que se refere ao surgimento de uma significação.

É somente na metáfora que vemos a transposição da barra que separa significante e significado, marcada pelo sinal (+). Há aqui transferência de significado a partir de um ponto que se marca na cadeia e permite rever toda a sua articulação significante, a qual faz também parte do replay da jogada. Entretanto, essa transferência não se confunde com qualquer sentido que possa ser encontrado no uso corriqueiro da língua ou no seu uso consolidado no dicionário. Inclusive, a própria conexão convencional se encontra aqui desatada (id., [2 mai. 1956] 1988). É por isso que seu efeito de significação é também o "de poesia ou criação" (id., [1957b] 1998, p. 519).

Tomando o exemplo do próprio Lacan tirado do poema *Booz adormecido* de Victor Hugo, "*Seu feixe não era avaro nem odiento...*" (id., p. 510), vemos que a similaridade entre "seu feixe" e a pessoa de Booz reside muito mais no fato de que um substitui o outro no lugar gramatical do sujeito da frase (id., [2 mai. 1956] 1988, p. 249). Isso ultrapassa a mera ideia de uma comparação latente entre ambos, que faz com que um deles fique em suspenso. Resta

então que a própria contiguidade entre termos, mesmo produzindo uma manutenção da barra e uma resistência à significação indicada pelo sinal (-), é fundamental para que possa haver substituição e, eventualmente, metáfora. Em outros termos, "a transferência do significado não é possível senão em virtude da própria estrutura da linguagem" (id., p. 258)[112]. Por sua vez, a própria estrutura da metonímia repousa, nos termos de Lacan, no fato de "não haver nenhuma significação que não remeta a outra significação" (id., [1958] 1998, p. 628-629). De maneira bem direta, estamos falando de suscitação de desejo no movimento da cadeia significante, nem que seja o desejo de saber[113].

Em relação à emergência de uma significação, Lacan afirma que essa passagem marcante se confunde "provisoriamente com o lugar do sujeito" ([1957b] 1998, p. 519). Há, porém, farsa no fato de que chegamos a um sentido[114] sobre o sujeito, seja ele qual for, uma vez que este último, entendido também como sujeito da enunciação, não se situa em nenhum ponto específico do enunciado. Ao contrário do significado, que tem sua base momentânea e instável em uma combinatória específica. Na leitura lacaniana do signo saussuriano, não há parte alguma em que significante e significado se fixem em uma unidade definida ou definidora e um plano comum a ambos não passa de uma enganação, aliás, necessária à vida de qualquer um.

Significado e sujeito não se confundem para além de um curtíssimo instante, ainda segundo Lacan, porque "uma nova verdade (...) exige que nos mexamos" ([1957b] 1998, p. 525). Isso vale também para o campo teórico[115]. Vide o árduo trabalho de reformulação de Freud em *Além do princípio do prazer* ([1920] 2006) e outros, anos depois de seu *Projeto para uma psicologia* ([1895/1950] 1995), no qual vemos uma renovação de rigor na forma de tratar a concepção de memória que interessa à sua Psicanálise em uma discussão sobre o inconsciente e seus traços (Lacan, [1955b] 1998, p. 50). Em outros termos, essa verdade não se encerra e somente pode ser experimentada no que, a partir de Lacan, será denominado como um deslizamento incessante de significante em significante, que nos apresenta seus

[112] Remetemos também à nossa leitura do poema *Uma faca só lâmina* [1955], de João Cabral de Melo Neto, que tem a proeza de construir várias séries começando com um "assim como", deixando sempre oculto o termo ao qual se faz esta comparação. Cf.: Nascimento, 2020.

[113] Esta reflexão encontra-se em estado inicial no texto inédito de Paul Henry intitulado *Jugement et modernité* (2019). Agradeço a gentileza e cordialidade do autor em me havê-lo concedido.

[114] Paul Henry também vem trabalhando a diferença entre sentido e significação nos últimos anos. Topamo-nos com a segunda, porém o primeiro é algo que somente podemos chamar, sem dizer. Cf. a conferência disponível no link <https://www.youtube.com/watch?v=vANQoSRiD_A> (acesso 12 jun. 2023).

[115] Lélia González sintetiza esse remexer na cadeira e/ou divã de um trabalho teórico em torno do desejo: "[coisa] Tão simples que Freud passou a vida toda escrevendo sobre ela (talvez porque não tivesse o que fazer, né, Lacan?)." ([1984] 2020, p. 87).

acidentes de percurso em qualquer ponto da cadeia, o qual, em um olhar retrospectivo, deixa de ser um ponto qualquer.

Desejo é "menos paixão pura do significado do que pura ação do significante" (Lacan, [1958c] 1998, p. 636). Metáfora e metonímia escrevem simultaneamente a possibilidade de uma diferença em relação a um colamento empobrecedor e também em relação a um puro fluxo de palavras inscrito nesta ação significante, que passa a ter então pontos de ancoragem para o sujeito do inconsciente. Não à toa, o significante, esse elemento que por si próprio é incorpóreo[116], é confundido com a letra nesse momento preciso das teorizações de Lacan. Definida como a "estrutura essencialmente localizada do significante" (Lacan, [1957b] 1998, p. 505), ela marca uma fixação para isso que é puro movimento. Trata-se de uma ancoragem que podemos delimitar ao menos provisoriamente como sendo justamente a de pontos de escrita dessa verdade que insiste sempre desfigurada, sempre em outro lugar, no corpo, nas histórias, nos entornos (cf. Lacan, [1953] 1998, p. 260-261). Escrita que podemos também dizer fabricada, como os fonemas, nos quais a correspondência exata com um som empírico é secundária. Na letra, qualquer correspondência com o dito comumente como sendo a realidade não é o que mais (se) conta. A partir desses lugares fixos depreendidos de qualquer ponto destacado da sequência, essa verdade poderá fazer questão ao sujeito e algo de incorpóreo poderá tomar emprestado o corpo de palavra.

Na leitura de Lacan, metáfora e metonímia passam a ter muito pouco a ver com a língua num sentido bastante preciso do termo, o de "regra cientificamente enunciável" (Milner, [1978] 2012, p. 10), apesar de derivarem do que Jakobson pretendeu teorizar como sendo os polos da linguagem. Elas renomeiam as leis do inconsciente descritas por Freud em sua *A interpretação dos sonhos*, em particular, os mecanismos mais importantes do trabalho do sonho. A metáfora abrange exatamente o que ali é dito como condensação e a metonímia abrange exatamente o que ali se manifesta como deslocamento, Lacan diz em um determinado momento ([1960] 1998, p. 813-814). Assim, as imagens do sonho passam a ter um "valor de significante" (id., [1957b] 1998, p. 514) e, como tais, estão submetidas ao seu trânsito e à sua relação toda particular com a significação. Não deixemos de lembrar neste ponto também que

[116] Já dizia Saussure sobre o significante: "em sua essência este não é de modo algum fônico; é incorpóreo, constituído não por sua substância material, mas unicamente pelas diferenças que separam sua imagem acústica de todas as outras." (Saussure, [1916] 2012, p. 166).

toda interpretação inevitavelmente chega a um limite muito parecido com o deciframento que barra com os vestígios de uma língua morta e perdida, e precisa se haver com isso[117].

Ler com outros termos isso que "se repete e insiste" (id., p. 813) quando se trata do conteúdo inconsciente sempre desfigurado em relação a um suposto material original ou originário implica, por mais paradoxal que seja à primeira vista, em estar de acordo com o que Freud inaugura. Mesmo não se tratando de forma alguma de um termo citado por Freud ao longo de sua obra, vemos que reivindicá-lo junto a uma Linguística moderna da época não implica aqui em contradizer ou produzir um avanço em relação a suas palavras. O saber sobre o inconsciente se mostra permeável, portanto, a outras maneiras de lê-lo.

Problematizemos com um pouco mais de detalhes essa correspondência entre condensação e metáfora, por um lado, e deslocamento e metonímia, por outro, também a partir do Lacan de outro momento bastante próximo ([1957b] 1998). Condensação e deslocamento, junto à figurabilidade e à elaboração secundária, são mecanismos empregados no trabalho dos sonhos com vistas a contornar a censura que divide o aparelho psíquico[118]. Esses dois primeiros são os principais no que se refere a reger as formas de seleção do que aparece como desfigurado no sonho. A condensação demonstra uma concentração de vários elementos distintos nos pensamentos latentes em somente uma imagem. Trata-se essencialmente de uma junção e, à semelhança da metáfora, temos aqui também transferência, porém a de alguma(s) coisa(s) em somente um rébus. Já o deslocamento dita sobre uma transferência de outro tipo, a qual se faz marcar principalmente na mudança de foco observada no conteúdo do sonho. Frequentemente assuntos de pouca importância na vida de vigília ou na consciência desperta dos pensamentos latentes são destacados com uma desproporcional intensidade de afeto.

A correspondência com a metáfora e a metonímia somente não é perfeita devido à figurabilidade. Em Freud, ela está submetida aos dois outros mecanismos principais do trabalho do sonho e dita a substituição de uma forma verbal por outra. Em outros termos, uma expressão cotidiana, qualquer elemento linguístico ou conjunto deles é representado no sonho

[117] Um contraponto sobre a morte das línguas pode dizer mais da relação com a mescla entre deciframento e cifragem do sonho do que aparenta à primeira vista: "O problema é que os acontecimentos perceptíveis no tempo das línguas são raros; e os casos em que podem ser percebidos são menos da ordem da morte do que da metamorfose. (...) Quando examinamos de perto, o fim de um idioma parece ser menos um único ponto do que uma transição que perpassa séculos." (Heller-Roazen, 2010, p. 59).

[118] Trazemos aqui um apanhado geral do trabalho do sonho, que pode ser lido mais extensamente na primeira parte deste trabalho.

na forma de uma imagem. O que comumente se denomina como sentido figurado e sentido literal se mescla nessa transformação e não há prevalência de nenhum sobre o outro.

Se lhe fazemos um exame mais detido, podemos pensar que esse mecanismo dá asas para se refletir no papel da ambiguidade e de palavras sinônimas, para citar alguns exemplos, tanto no conteúdo do sonho – onde elas ainda não têm a forma de palavras, mas são encenadas, inclusive a partir da forma de diálogos que são somente mais um elemento da disposição no palco – quanto em seus pensamentos derivados de uma associação livre do sonhador. Entramos em uma fronteira tênue que, ao mesmo tempo em que os divide, também os mantém conectados pela distância ínfima de um passo, ou melhor, um tropeço, que é sempre um tropeço de fala. Ou seja, é pelo que o sonhador nos conta depois, como pensamentos derivados – os quais estão já inseridos nas relações lógicas de uma língua ou línguas específicas –, que podemos desconfiar que as imagens escolhidas, por mais fantásticas que sejam, não são aleatórias. Inclusive, não é irrelevante dizer que esse fator foi considerado por Freud como especialmente problemático na tradução dos sonhos. Em nota, ele afirma:

> De fato, os sonhos se acham relacionados de forma tão íntima com a expressão linguística que Ferenczi observou acertadamente que cada idioma possui sua própria linguagem onírica. É impossível, em geral, traduzir um sonho numa língua estrangeira, e isso também se aplica, imagino, a um livro como este. [*Acrescentado* em 1930:] Não obstante, o Dr. A. A. Brill, de Nova Iorque, e outros depois dele, conseguiram traduzir *A interpretação dos sonhos*. (Freud, [1900] 2001, p. 115)[119].

Com a figurabilidade, a partir do olhar lacaniano que a considera como "uma condição imposta ao material significante" (Lacan, [1957b] 1998, p. 515), entramos na radicalidade do sonho como uma escrita, e não um mero simbolismo. Considerá-la como um meio de escrita implica levar em conta "os processos sutis que o sonho revela empregar para, mesmo assim, representar essas articulações lógicas" que vemos nos pensamentos latentes (ibid.). Significa conceber retroativamente o que se encontra em imagens a partir dos limites que atuam nas articulações impostas ao significante no movimento de fala de qualquer sujeito. O jogo virou no campo da subordinação dos diversos mecanismos do trabalho do sonho.

Sobre a elaboração secundária, como as ressonâncias de seu nome já nos indica, ela deve ficar em segundo plano no campo minado da interpretação dos sonhos, uma vez que é o próprio fechamento em uma significação coerente. O melhor que pode lhe ocorrer é que ela

[119] Ele deixa de mencionar que a primeira publicação em língua estrangeira de *A interpretação dos sonhos* foi feita em 1904 em russo (Cromberg, 2017, p. 104). A própria língua materna de Roman Jakobson.

seja realocada do final da interpretação para um novo início de questionamentos sobre o enigma que o rébus produz sobre o sujeito.

Conversa de comadres

Dissemos na introdução deste trabalho que colocar Linguística e Psicanálise para conversar, após um claro rompimento com *lalíngua* e *linguisteria*, só poderia ser de maneira a não tentar fazer ali um remendo tampando um rasgo. Outro tipo de costura foi guiando o fio do presente texto, desde um esclarecimento sobre a noção de desejo em Freud e Lacan nas suas relações com a linguagem até qual teria sido, no final das contas, essa aproximação bastante breve com a incorporação da metáfora e da metonímia como funções que escrevem o funcionamento significante e apontam para o sentido do desejo.

Resta inconciliável que cada um desses campos tem interesses bastante diferentes sobre o que se apreende do que se materializa na fala, interesses, poderíamos dizer, até mesmo opostos. Se para a Linguística é questão de uma equivalência na diferença (Jakobson, [1959] 1975, p. 65), como podemos ver, por exemplo, com a abstração dos fonemas, para a Psicanálise interessa justamente a diferença na equivalência dos modos de dizer que beiram o impossível de se expressar. Isso abre caminho para dizer que Lacan realizou então uma apropriação e subversão da Linguística estrutural (Ferreira, 2002) ou então que ultrapassou e deu continuidade ao trabalho teórico de Saussure (Brasil, 2016).

Para Milner (2010), tem-se então que as dimensões da linguagem para as quais a Linguística dá tratamento teórico são justamente aquelas que não importam tanto assim para a Psicanálise: “Na medida em que a linguagem importa à psicanálise, esta se constitui propriamente nos limites da linguística – uma vez admitido, contudo, que ao dizer limite, diz-se também contato constante” (s/p). Em nossa leitura, essa concepção se diferencia de uma mera contiguidade pacífica entre ambos os campos que lidam de uma forma ou de outra com a linguagem e dos quais o problema crucial seria o de estabelecer a fronteira que os separa (Arrivé, [1986] 2001). Uma ideia de contato constante faz pensar em pontos de embate entre Linguística e Psicanálise, que precisam ser interrogados.

Foi a partir do conceito de língua como sistema que Lacan estabeleceu, com Freud, a dimensão do significante despojada de qualquer substância intrínseca (Henry, [1977] 2013, p. 181). Mas o papel da língua não para por aí. Mesmo num período posterior, Lacan admite que "o tratamento só pode se passar numa língua particular" e que "o efeito de linguagem só se produz pelo cristal linguístico" ([1970] 2003, p. 409). A gramática de uma língua particular, que estipula uma gama de combinações específicas, atua também determinando o que o analisando diz e o que o analista escuta, mesmo que não estejamos falando aqui necessariamente de gramáticas coincidentes. Todas as línguas, contudo, são sempre limitadas quando se trata de expressar a última palavra sobre a verdade inconsciente[120]. A verbalização levanta problemas para as abordagens técnica e doutrinal do analista e, por um momento, Lacan acreditou que os avanços da pesquisa linguística poderiam esclarecer algo sobre isso ([1955a] 1998, p. 363). Um contato da Psicanálise com a Linguística, segundo Lacan ([1975] 2003, p. 316), não somente ajudaria o analista, mas também permitiria a essa ciência propagada à moda universitária encontrar em sua própria experiência uma oportunidade de se renovar[121]. Contudo, não podemos deixar de salientar que o que a Psicanálise faz é chamar a atenção para um aspecto da Linguística bastante antigo e por muitos considerado ultrapassado, ponto que torna essa renovação bastante paradoxal.

Mas a ficha caiu e Lacan deu a ligação por encerrada. Para Paul Henry, há um impasse fundamental que parece travar a continuidade de uma conversa entre Linguística e Psicanálise: esta última não nos diz nada a respeito do fato de que se diga algo em uma determinada língua e não em outra e que haja, portanto, diferença linguística, da qual a necessidade de tradução nos dá prova; por sua vez, a primeira não nos diz nada a respeito do fato de que se diga algo e não qualquer outra coisa em seu lugar. Milner ressalta esse último aspecto ainda de outro jeito: "Com esse real da homofonia, condição do lapso e do chiste, a linguística simplesmente não tem o que fazer. Ela o afasta, reduzindo-o à contingência." ([1978] 2012, p. 89).

---

[120] "Naturalmente, nenhuma língua particular tem privilégio na ordem dos significantes, os recursos de cada uma são extremamente diferentes e sempre limitados. Mas, igualmente, qualquer uma, cobre todo o campo das significações." (Lacan, [6 jun. 1956] 1988, p. 304). Citamos também: "(...) conjunto inconsistente de lugares para o desejo – a língua é, desse modo, aquilo que o inconsciente pratica, prestando-se a todos os jogos imagináveis para que a verdade, no compasso das palavras, fale" (Milner, [1978] 2012, p. 22).

[121] Aqui não podemos deixar de mencionar a ampla gama de trabalhos que pretende fazer uma inversão importante: a de ler, com Lacan, aquilo que poderia figurar em Saussure como restos de um sujeito do inconsciente, nem sequer excluído porque não levado em conta: Gadet & Pêcheux ([1981] 2004), mas também Turra (2018), Lery-Lachaume (2019), Souza Júnior (2012), entre outros que não citamos. Trata-se de seguir uma orientação já expressa no trabalho de Milner em *O amor da língua*: pensar "a linguística, na medida em que é afetada pela possibilidade da psicanálise" ([1978] 2012, p. 25).

Será mesmo, então, que a conversa precisa parar por aqui? Haveria ainda outros pontos de impasse, pensando que o fato de lermos e falarmos de Lacan e Freud em língua estrangeira inevitavelmente produziu efeitos neste trabalho de mestrado, no sentido de nos mover, em alguns pontos, a dar-lhes uma voz brasileira? Essas são questões que ficam em suspenso.

Nesta escrita, insistimos sobre o fato de que o pouco que a Linguística teria dito sobre a linguagem que interessa à Psicanálise não quer dizer nada (Milner, [2000] 2016, p. 42). Problematizamos essa aproximação inicial em Lacan frisando que o ponto relevante é uma leitura da maneira como a Linguística moderna encontrou para escrever o objeto língua dentro dos moldes da ciência. Justamente por isso, significante, metáfora e metonímia se tornam praticamente irreconhecíveis aos olhos dos linguistas que se aventuram pela Psicanálise, percorrendo aí a via inversa de Lacan. Não à toa, Lacan ([19 dez. 1972] 1985, p. 37, tradução modificada) admite ter sofrido mais de um puxão de orelha da parte de vários linguistas. A propósito, podemos também dizer que estes são termos estranhos até mesmo para a Linguística mais recente de nosso tempo, a qual já possui uma agenda de investigação bastante distinta da então Linguística estrutural ou do Estruturalismo linguístico lido por Lacan[122].

O fato é que durante os anos 1960, a Linguística já não é mais evocada para tratar do que Jacques-Alain Miller (1966) denominou a partir da obra de Lacan como "lógica do significante"[123], a qual pretendia restituir os mecanismos formais de seu percurso corrigidos de sua inclinação a esta ciência. A dicotomia entre significado e significante não bastam (p. 48). Com a noção de sutura, Miller nos apresenta ainda outra maneira de contar dessa entrada e definição do sujeito nos meandros da linguagem. Ela tenta produzir uma escrita que dá um papel de protagonista a esse sujeito do inconsciente, a qual, por sua vez, é o próprio rebento da ideia de que um significante representa o sujeito para outro significante. Derivada da lógica de Frege, ela escreve que o número 0 (zero), por retroação, passa a ser considerado como a posição um de uma sequência que tem continuidade nos demais algarismos 1, 2, 3, etc. Ele se torna seu ponto de partida necessário, porém, ao mesmo tempo, uma vez que representa a

[122] Neste início do século XXI, no qual observamos uma verdadeira nova revolução tecnológica, podemos enumerar de maneira não exaustiva os seguintes polos de interesse da Linguística recente: Psicolinguística experimental, Sociolinguística variacionsta, Linguística de corpus (cf. Assunção & Araújo, 2019), Linguística computacional etc.. O programa predominante desde 1995 até o presente parece ser o programa minimalista de Chomsky ([1995] 2015), de orientação fortemente cognitivista.

[123] "Nada do desejo, que é falta, pode ser pesado nem posto nos pratos da balança, a não ser nos termos da lógica" (Lacan, [1958a] 1998, p. 770).

“lógica da origem da lógica” (p. 39), encontra-se também fora de sua jurisdição, apontado para um excesso que se marca de algum jeito nunca idêntico a si mesmo. Portanto, o lugar aparentemente paradoxal de uma simultânea exclusão e representação sempre falha a apreendê-lo e que, por isso, incita a outras.

O número zero torna visível a falta que sempre se reatualiza na ordem significante e conceitualiza não-conceitualizável. A sutura, em linhas gerais, nomeia a relação da falta à própria estrutura da qual ela faz parte, não como pura e simples ausência, mas como uma posição de lugar-tenente, função do sujeito que opera apesar de ser desconhecida pela consciência. Enfim, como algo que possa nomear a relação do sujeito com a sequência de seu discurso. Talvez seja por esse papel de destaque dado ao sujeito, que se reduz à possibilidade de um significante a mais (p. 48), que a Linguística tenha ficado de fora dessa nova jogada teórica.

Sabemos por alto o resto da história.

SUSPENSÃO: NEM ONTOLOGIA, NEM ANTOLOGIA DO DESEJO

deve haver uma forma
de concluir sem finalizar
(XVII, Vargas, 2010)

Nem ontologia daquilo que não apresenta propriedades inerentes ou substância e nem antologia dos elementos conceituais que tentaram explicar os efeitos daquilo que estaria em jogo com a noção de desejo. Nosso compilado não está completo e, mesmo que trouxesse tudo o que foi falado ou escrito em Psicanálise sobre o desejo em suas relações com a linguagem – antes, durante ou depois de Lacan – não poderia se dizer tampouco acabado ou definitivo. Porque, se há algo a reter, é somente o fato de que o desejo tem dessas de se reatualizar de acordo com os contatos que trava ao longo de uma história, a de um sujeito, mas também a própria história da Psicanálise. Sempre a mesma história de repetição de um fracasso no encontro com o umbigo de uma verdade.

Na passagem só de ida que ganhamos ao adentrar a embarcação da linguagem, encontramos muito pelo caminho, mas certamente não a resposta absoluta para o enigma de nossa existência. O bilhete de destino está em branco. Ficam-se as perguntas. Se nessa altura do campeonato viemos ainda com esse trá-lá-lá de barcos e viagens é porque a conversa fiada ou o papo furado, quando se trata do desejo, são um ponto de ancoragem imprescindível para não ficarmos somente a ver navios.

Há inúmeras formas de se beirar o desejo. A entrada da Linguística nessa narrativa certamente pode ter vindo como fruto de um acaso histórico, mas não é por isso que não podemos tirar algumas consequências disso, inclusive nos dias de hoje e do lugar em que falamos. Afinal, quando se trata de inconsciente, não é o acaso que sempre faz caso? Lacan escolhe – na medida em que um trabalho teórico sério em torno do inconsciente nos permite escolher – ler os mecanismos descobertos por Freud no sonho de seus pacientes e também em sua própria pele através da cadeia significante e seus arranjos possíveis de substituição e de combinação, os quais resultam respectivamente nas formalizações de uma estrutura metafórica e metonímica. Estas últimas nos dizem, sobretudo, de efeitos de trombadas em significações criativas ou do deslizamento sem elas no qual uma falta se faz marcar. Nada disso é prender o animal selvagem do desejo em cativeiro, nada disso é desvendá-lo.

Transportar para um contexto freudiano esses polos opostos da linguagem que descrevem a encruzilhada em jogo em cada dizer, sem que o falante ao menos se dê conta disso, implica que uma substituição colocada pela metáfora e uma concatenação colocada pela metonímia são não quaisquer substituições e concatenações. Até aí, nenhuma novidade. Mais precisamente, com a apropriação de Lacan destes termos, o sujeito não escolhe a direção tomada por suas palavras. E isso não somente em termos de regras gramaticais, campos semânticos, prefixos, sufixos, enfim, tudo o que a Linguística e outras disciplinas antes dela definem como restrições impostas pela forma corrente de uma língua ou do seu bem dizer. Aliás, não é isso que importa mais nos trilhamentos inconscientes, que podem inclusive valer-se de uma quebra nas regras e regularidades para fazerem passar os seus meandros.

Lacan não nos falava de língua, mesmo quando trouxe mais fortemente as noções de metáfora e de metonímia, as formalizações da diferença significante. No máximo, ele nos falou de *lalíngua* um tempo depois, após seu adeus aos termos propriamente linguísticos. Segundo Milner ([1978] 2012, p. 100), *lalíngua* nos abre para uma proliferação de associações que se tornam possíveis na medida em que são ditas por um sujeito e que dizem dele, na medida em que essa massa "engata o seu desejo". Trata-se tanto do conjunto de cadeias que a ciência representa quanto as que ela recusa ou ignora por uma suposta falta de rigor, ou pior, por contradizer um determinado modelo tão cuidadosamente construído para lidar com os universais da linguagem. *Lalíngua* vem quebrar com as regularidades tão sistematicamente determinadas pelos linguistas quando se trata de língua, apontando para algo além dela. Temos então associações que não são determinadas por uma racionalidade imediata baseada nos parâmetros morfológicos, sintáticos e semânticos já estipulados. Temos surpresa.

Entretanto, neste mergulho em outra ordem, gostaríamos de apontar o dedo para um canto que fica escamoteado nessa discussão de excessos: a língua como um trampolim que nos fornece a base frágil a partir da qual pulamos[124]. Afinal, o melhor que uma análise poderia fazer não é não mudar o passado, mas justamente produzir outra maneira de contá-lo (Calligaris, 2021)?

Não sem deixar de levar na mais alta conta o que Lacan provoca também com *lalíngua*, gostaríamos então de esboçar, nestas linhas que nos restam, os primeiros traços da

[124] Milner diz com todas as letras: "Também é só da língua que se deve esperar um acesso a lalíngua" ([1978] 2012, p. 100).

defesa de uma atualidade da metáfora e da metonímia como parte de um olhar sobre a língua em Psicanálise. Não qualquer uma, mas essa riqueza de falares que encontramos em terras brasileiras e que, por mais estranho que seja, parecem surtir muito pouco efeito na maneira como falamos de Psicanálise por aqui[125].

Nas tramas apresentadas por Freud e Lacan, vemos reflexos das artimanhas de um determinado alemão e um determinado francês. Sentimos com nossas orelhas estrangeiras que eles oferecem caminhos tomados por suas teorizações, desde a procura por um respaldo, como no caso do texto do incômodo-estranho-inquietante-infamiliar (Freud, [1919] 1996, 2010, 2019, 2021), até o espaço de exploração de homofonias, como no caso das experimentações neologísticas de Lacan. Estes caminhos parecem não poderem se repetir tais quais em nossa língua. Por que, então, não se aventurar no que pode se produzir dessas maquinações com os ecos de nosso português brasileiro? A propósito, ao não se fixar definitivamente em nada, o desejo permite ainda que entremos na brincadeira de errar as suas formas[126]. Metáfora e metonímia entram, assim, muito mais como uma autorização para um deslizamento necessário ao se ler esses autores, aquele das associações que a língua e o inconsciente nos empurram. Aquilo que nos cerca vem à tona também quando os lemos, corroborando este gesto.

Por isso, em algum momento, esbarramos com a figura ambígua de um "rebento", na homofonia que este termo implica entre a primeira pessoa do verbo "rebentar" e do que advém como "broto", para ler a temporalidade especial do desejo e para beirar algo a respeito disso que vem no início somente depois.

Por isso que começamos e terminaremos com os mesmos impasses, com uma ligeira diferença, um passo ou tropeço, a depender das orelhas. Após esse percurso, vê-se que o articulado do desejo não se confunde com o articulável de uma demanda por razões que são as de uma elaboração na transformação de um amontoado de elementos distintos em uma série a partir da qual podemos tecer uma retrospectiva. Algo sobra nesta passagem que visa a introduzir uma ordem e, com ela, também inevitavelmente algumas restrições na combinatória de elementos que se tornam então significantes. Algo não é dito em meio ao dizer, mas, não seja por isso, ele não deixa de fazer retorno na série que o deixou de fora, apontando para um

[125] Neste ponto, fazemos um diálogo direto com o que é argumentado por Paulo Sérgio de Souza Júnior (2021) em favor de um olhar sobre a língua para se pensar uma dimensão radicalmente descolonizadora na Psicanálise e, de maneira mais específica, nas consequências teóricas que poderíamos tirar das particularidades de nosso idioma.

[126] "O desejo é propriamente a paixão do significante, isto é, o efeito do significante sobre o animal que ele marca e cuja prática da linguagem faz surgir um sujeito - um sujeito não simplesmente descentrado, mas fadado a só se sustentar num significante que se repete, isto é, como dividido." (Lacan, [1966] 2003, p. 228).

excesso. Ora, isso está diretamente relacionado ao próprio movimento teórico de falar disso que é articulado, porém não completamente articulável. Se não encontramos somente uma forma de falar de desejo ao longo do ensino de Lacan e também na obra de Freud, é porque levá-lo seriamente significa não apreendê-lo definitivamente e não tomar conclusões resolutivas. *Estas últimas são sempre precipitadas e encerram aquilo cuja singularidade consiste justamente em permanecer enquanto questão para o sujeito*.

Por fim, tentamos trazer a Linguística e a Psicanálise a partir de uma relação não harmônica, forma de reforçar a possibilidade de contatos inesperados entre ambas em torno da questão dos limites entre articulado e articulável. Há muito ainda a se trilhar e explorar, mas, por ora, retomemos as perguntas que fizemos na introdução deste trabalho. A Linguística pergunta a respeito do papel da ordem dos elementos combinatórios de uma cadeia significante, ponto de partida para algo que se situa para além de seus limites. A Psicanálise, por sua vez, pergunta a respeito da função que podemos reconhecer na língua, ali onde ela falha ou mesmo ali onde sua delimitação parece ser a mais certeira[127]. O mais curioso é que, por enquanto, arriscamos dar uma mesma resposta para essas duas questões distintas. Trata-se, nos dois casos, de abertura para efeitos não inicialmente previstos e para a própria possibilidade que possa haver a rede na qual seremos pegos. Vislumbres de formas distintas de erguer trilhas pelas errâncias do desejo, de tecer seus fios, de costurar o seu enredo.

[127] Não podemos deixar de lado o fato de que há um "ponto crítico no qual a língua é arrancada de lalíngua" (Milner, [1978] 2012, p. 101). Isso se dá pela escolha de algumas das associações possíveis para integrar o seu campo, particularmente aquelas a partir das quais é possível esboçar algum grau de racionalidade. Ora, isso está presente nos dilemas de Saussure no CLG, mas também em suas fontes manuscritas publicadas em 1957 (Bouquet, Engler, [2002] 2004, p. 14), nos manuscritos descobertos em 1996 na propriedade da família de Saussure em Genebra e compilados em 2002 (Saussure, [2002] 2004), nos seus estudos sobre anagramas na poesia latina (Starobinski, 1974) e sobre as lendas germânicas (Henriques, 2019).

REFERÊNCIAS

ALLOUCH, Jean [1994]. **A clínica do escrito**. Trad.: Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Cia. De Freud, 2007.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguêsa.** 13 ed. Edição Saraiva: São Paulo, 1961.

AMATI-MEHLER, Jacqueline. ARGENTIERI, Simona. CANESTRI, Jorge [1990]. **A Babel do inconsciente:** língua materna e línguas estrangeiras na dimensão psicanalítica. Trad.: Cláudia Bachi. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética.** Trad. (do francês): Antonio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro, 1985.

_____. **Poética.** Trad.: Paulo Pínheiro. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

ARAUJO, Emanuel. **Escrito para a eternidade**: a literatura no Egito faraônico. Brasília: Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

ARRIVÉ. Michel [1986]. **Linguística e Psicanálise**: Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e os outros. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2001.

ASSUNÇÃO, Carlos; ARAÚJO, Carla. Linguística de corpus: teoria, perspectivas metodológicas e ensino das línguas. **Filologia e Linguística portuguesa**. v. 21. n. 2. 2019. p. 271-288.

BALDINI, Lauro. **A nomenclatura gramatical brasileira interpretada, definida, comentada e exemplificada**. 1999. 112 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 1999.

BARBOSA, Keylla. De Jakobson a Lacan : a construção da metáfora paterna. *Ágora*. Rio de Janeiro. v. 23. n. 3. set/dez 2020. p. 29-37.

BARROS, João de. **Grammatica da língua portuguesa.** Olyssipone: apud Lodouicum Rotorigiu[m], Typographum, 1540.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa.** 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

_____. **Gramática escolar da língua portuguesa.** 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BENVENISTE, Émile [1956a]. A natureza dos pronomes. In: **Problemas de Linguística Geral I.** Trad.: Maria da Glória Novak e Maria Luísa Neri. 4 ed. Campinas, SP: Pontes, Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1995. p. 277-283.

_____ [1956b]. Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana. In: **Problemas de Linguística Geral I.** Trad.: Maria da Glória Novak e Maria Luísa Neri. 4 ed. Campinas, SP: Pontes, Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1995. p. 81-94.

_____ [1958]. Da subjetividade na linguagem. **Problemas de Linguística Geral I.** Trad.: Maria da Glória Novak e Maria Luísa Neri. 4 ed. Campinas, SP: Pontes, Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1995. p. 284-293.

BERNARD, D. Paradoxes du désir et de la demande. **Champ lacanien**. n. 16. p. 39-44. 2015/1.

BERNARD, D.; DUMOULIN, Q.. Désirer, acheter, consommer : approche lacanienne. **Revista Lationoamericana de Psicopatologia Fundamental**. n. 22(4). dez. 2019. p. 710-724.

BRASIL, Maria Claudia Maia. Lacan é o posteriori de Saussure. In: ABRAHÃO E SOUZA, L. M.; SOUZA, G. N; BALDINI, L. (orgs.). **A palavra de Saussure**. São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2016. p. 303-322.

BOULARES, Michèle. FRÉROT, Jean-Louis. **Grammaire progressive du français – niveau avancé.** Paris : CLE International, 1997.

CALLIGARIS, Contardo. **Cartas a um jovem terapeuta:** reflexões para psicoterapeutas, aspirantes e curiosos. 2 ed. São Paulo: Planeta, 2021.

CHOMSKY, Noam [1995]. **The minimalist program**: 20th anniversary edition. Cambridge, Massachusetts; London, England: MIT Press, 2015.

CROMBERG, Renata Udler. Psicanálise na Rússia. In: SOUZA JÚNIOR, Paulo Sérgio (org.). **Psicanálise e os lestes**. V. 1. São Paulo: Annablume, 2017. p. 91-141.

DAMOURETTE, Jacques. PICHON, Édouard [1911-1927]. **Essai de grammaire de la langue française** : des mots à la pensée. Tome 1. Paris : J.-L.-L. d'Artrey, 1930-1956. Disponível em : <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k62820045/>, acesso em 11 jun. 2023.

DE CAMPOS, Haroldo**. O afreudisíaco Lacan na galáxia de lalíngua**: Freud, Lacan, a escritura. 1989. p. 1-22.

DE MAURO, Tullio [1967]. **Cours de linguistique générale (édition critique)**. Paris : Payot, 2005.

DIDIER-WEIL, Alain. O artista e o psicanalista questionados um pelo outro. In: **Nota azul**: Freud, Lacan e a Arte. Trad.: Cristina Lacerda. Rio de Janeiro: Editora Contra Capa, 1997. p. 19-35.

DIRVEN, René. Pörings, Ralf. **Metaphor and metonymy in comparison and contrast**. Berlin/Nova York: Mouton de Gruyer, 2003.

DOSSE, François [1991]. **História do estruturalismo**: o campo do signo, 1945-1966 – volume I. Trad.: Álvaro Cabral. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

DUCROT, Oswald. **Estruturalismo e Linguística**. Trad.: José Paulo Paes. São Paulo: Editora Cultrix, 1970.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. Os 27 + 1 erros mais comuns de quem quer escrever uma tese em Psicanálise. *Revista da associação psicanalítica de Curitiba*. Vol. 20 – Psicanálise: Investigação e pesquisa. Juruá editora. Jun. 2010.

FERREIRA, N. P.. Jacques Lacan: apropriação e subversão da Linguística. *Ágora*. v. 5, n.1, jan./jun. 2002, p.113-132.

FINGERMANN, Dominique. Desejo e repetição. Rio de Janeiro. *Stylus*, n. 28. 2014a. p. 67-77.

_____. **Entrevista com Colette Soler por Dominique Fingermann.** Rio de Janeiro. Stylus, n. 28. Jun 2014. 2014b. p. 133-137.

FINK, Bruce [1995]. **O sujeito lacaniano:** entre a linguagem e o gozo. Trad.: Maria de Lourdes Sette Câmara. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1998.

FREUD, Sigmund; BREUER, Josef [1895]. **Obras completas, volume 2**: Estudos sobre a histeria (1893-1895). Trad.: Laura Barreto. São Paulo: Companhia das letras, 2016.

FREUD, Sigmund [1895/1950]. **Projeto de uma psicologia**. Trad.: Osmyr Faria Gabbi Junior. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

_____ [1900]. **A interpretação dos sonhos**. Trad.: Walderedo Ismael de Oliveira. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

_____ [1910]. Sobre o sentido antitético das palavras primitivas. In: **Obras completas, volume 9:** Observações sobre um caso de neurose obsessiva, uma recordação de infância de Leonardo Da Vinci e outros textos (1909-1910). Trad.: Paulo César de Souza. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 232-240

_____ [1911]. Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico. In: *In*: **Obras psicológicas de Sigmund Freud**: Escritos sobre a psicologia do inconsciente. v.1. Trad.: Luiz Alberto Hanns et. al.. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2004. p. 63-77.

_____ [1913]. Totem e tabu: algumas concordâncias entre a vida psíquica dos homens primitivos e dos neuróticos. In: Obras completas, volume 11: **Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914).** Trad.: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____ [1914]. Contribuição à história do movimento psicanalítico. In: **Obras completas, volume 11**: totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914). Trad.: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2012. p. 177-237

_____ **[**1915c**].** Pulsões e destinos da pulsão. *In*: **Obras psicológicas de Sigmund Freud:** Escritos sobre a psicologia do inconsciente. v.1. Trad.: Luiz Alberto Hanns et. al.. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2004. p. 133-173.

_____ [1915d]. O Recalque. *In*: **Obras psicológicas de Sigmund Freud**: Escritos sobre a psicologia do inconsciente. v.1. Trad.: Luiz Alberto Hanns et. al.. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2004. p. 175-193.

_____ **[**1915e**].** O Inconsciente. *In*: **Obras psicológicas de Sigmund Freud**: Escritos sobre a psicologia do inconsciente. v.2. Trad.: Claudia Dornbusch et. al.. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2006. p. 13-74.

_____ [1917a]. Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos. In: **Obras psicológicas de Sigmund Freud:** Escritos sobre a psicologia do inconsciente. v. 2. Trad.: Claudia Dornbusch et. al.. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2006. p. 75-98.

_____ [1917b]. Os caminhos de formação dos sintomas. *In:* **Obras completas, volume 13**: conferências introdutórias à Psicanálise (1916-1917). Trad.: Sergio Tellatoli. 1 ed. São Paulo: Companhia das letras, 2014. p. 475-500.

_____ [1919]. O estranho. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud:** edição standard brasileira. Trad.: José Luiz Meurer. Rio de Janeiro: Imago, 1996. P. 233-271.

_____ [1919]. O inquietante. In: **Obras completas, volume 14:** História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos"), Além do princípio do prazer e outros textos. Trad.: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010. p. 247-283.

_____ [1919]. **Obras incompletas de Sigmund Freud:** O infamiliar [Das Unheimliche] – edição comemorativa bilíngue. Trad.: Ernani Chaves, Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

_____ [1919]. **O incômodo**. Trad.: Paulo Sérgio de Souza Jr.. São Paulo: Blucher, 2021.

_____ [1920]. Além do princípio de prazer. *In*: **Obras psicológicas de Sigmund Freud**: Escritos sobre a psicologia do inconsciente. v.2. Trad.: Claudia Dornbusch et. al.. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2006. p. 123-198.

_____ [1921]. Psicologia das massas e análise do eu. In: **Obras completas, volume 15**: Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923). Trad.: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 9-100.

_____ [1925]. A negação. In: **Obras completas, volume 16:** O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos. Trad.: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 275-282.

_____ [1926b]. A questão da análise leiga: diálogo com um interlocutor imparcial. In: **Obras completas, volume 17**: Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929). Trad.: Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2014. p. 99-186.

GADET, Françoise. Langue blanche et langue rouge. *Langage et société*. n 25. 1983, p. 27-40.

GADET, Françoise. PÊCHEUX, Michel [1981]. **A língua inatingível** : o discurso na história da Linguística. Trad.: Bethania Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello. Campinas, SP: Pontes, 2004.

_____. **La langue introuvable**. Paris: François Maspero, 1981.

GARCIA, Luiz Fernando Botto. **Despertar do real**: a invenção do objeto a. 2015. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. 199 páginas. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. A função significante da palavra: Lacan e Santo Agostinho. In: **Palavra e verdade:** na filosofia antiga e na Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990. p. 107-117.

GONZALEZ, Lélia [1984]. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (orgs.). **Por um feminismo afro-latino-americano:** ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 75-93.

HANNS, Luiz Alberto. **Dicionário comentado do alemão de Freud**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996.

_____. Apresentação. In: FREUD, S. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. v. 1. Trad.: Elsa V. K. P. Susemihl, Helga Araújo, Maria Rita Salzano, Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2004. p. 11-14.

HAROCHE, Claudine; HENRY, Paul; PÊCHEUX, Michel [1971]. A semântica e o corte saussuriano : língua, linguagem, discurso. In: BARONAS, R.L.. **Análise do Discurso:** apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2007.

HASSOUN, Jacques. O estrangeiro: um homem distinto. In: KOLTAI, Caterina (org.). **O estrangeiro**. São Paulo: Escuta/FAPESP, 1998. p. 83-104.

HELLER-ROAZEN, Daniel. **Ecolalias**: sobre o esquecimento das línguas. Trad.: Fábio Akcelrud Durão. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

HENRIQUES, Stefania Montes. **Os manuscritos de Ferdinand de Saussure sobre as lendas germânicas:** uma relação entre a fala e a história. 2019. 151 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2019.

HENRY, Albert. **Métonymie et métaphore.** Paris: Klincksieck, 1971.

HENRY, Paul [1977]. **A ferramenta imperfeita**: língua, sujeito e discurso. Trad.: Maria Fausta P. de Castro. 2 ed. Campinas, SP : Editora da Unicamp, 2013.

_____. Tirer lalangue. *Érès/Essaim*. n. 29. 2012/2. p. 97-109.

_____. **Jugement et modernité**. 2019. Inédito.

JAKOBSON, Roman [1935]. Marginal notes on the prose of the poet Pasternak. In : **Language in literature.** Cambridge : London, Harvard University Press, 1987. p. 301-317.

_____ [1953]. A linguagem comum dos linguistas e dos antropólogos. In: **Linguística e comunicação.** Trad.: Isidoro Blikstein e José Paulo Paes.8 ed. São Paulo: Cultrix, 1975. p.15-33.

_____ [1956a]. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: **Linguística e comunicação.** Trad.: Isidoro Blikstein e José Paulo Paes. 8 ed. São Paulo: Cultrix, 1975. p. 34-62.

_____ [1956b]. Shifters, verbal categories, and the russian verb. In: **Selected writings, II:** Word and Language. Mouton (Holanda)/The Hague (Paris), 1971. p. 130-147.

_____ [1959]. Aspectos linguísticos da tradução. In: **Linguística e comunicação.** Trad.: Isidoro Blikstein e José Paulo Paes.8 ed. São Paulo: Cultrix, 1975. p.63-72.

_____ [1960]. Linguística e poética. In: **Linguística e comunicação.** Trad.: Isidoro Blikstein e José Paulo Paes.8 ed. São Paulo: Cultrix, 1975. p. 118-162.

_____. A Linguística em suas relações com outras ciências. In: **Linguística, poética, cinema**: Roman Jakobson no Brasil. Trad.: J. Guinsburg. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970. p. 11-64.

_____. **Une vie dans le langage :** autoportrait d'un savant. Trad. : Pascal Boyer. Paris : Les Éditions de Minuit, 1985a.

JAKOBSON, Roman. HALLE, Morris. Phonology and phonetics. In: **Fundamentals of language**. Mouton & Co (Holanda)/The Hague (Paris), 1956. p. 3-51.

JAKOBSON, Roman. POMORSKA, Krystyna. **Diálogos.** Trad. (do francês): Elisa Angotti Kossovitch. São Paulo: Cultrix, 1985b.

KUPERMAN, Daniel. et. al.. Dossiê Como se forma um psicanalista?. *Revista Cult*. São Paulo, ano 25, n. 283, p. 12-31. Jul. 2022.

LACAN, Jacques [1946]. Formulações sobre a causalidade psíquica. In: **Escritos**. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 152-194.

_____ [1953] Função e campo da fala e da linguagem em Psicanálise. In: **Escritos**. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 238-324.

_____ [1955a] Variantes do tratamento padrão. In: **Escritos**. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 325-364.

_____ [1955b] O seminário sobre "A carta roubada". In: **Escritos**. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 13-66.

_____ [1955c] A coisa freudiana ou o sentido do retorno a Freud. In: **Escritos**. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 402-437.

_____ [1956]. Situação da Psicanálise em 1956. In: **Escritos**. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 461-495.

_____ [1957a] A Psicanálise e seu ensino. In: **Escritos**. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 438-460.

_____ [1957b] A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: **Escritos**. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 496-533.

_____ [1958a] Juventude de Gide ou a letra e o desejo. In: **Escritos**. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 749-775.

_____ [1958b] A significação do falo (Die Bedeutung des Phallus). In: **Escritos**. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 692-703.

_____ [1958c] A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: **Escritos**. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 591-652.

_____ [1959] De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: **Escritos**. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 537-590.

_____ [1960a] Observação sobre o relatório de Daniel Lagache. In: **Escritos**. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 653-691.

_____ [1960b] Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: **Escritos**. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 807-842.

_____ [1961] A metáfora do sujeito. In: **Escritos**. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 903-906.

_____ [1962] Kant com Sade. In: **Escritos**. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 776-803.

_____ [1964] Do "Trieb" de Freud e do desejo do psicanalista. In: **Escritos**. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 865-868.

_____ [1966a] De um desígnio. In: **Escritos**. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 365-369.

_____ [1966b] De nossos antecedentes. In: **Escritos**. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 69-76.

_____. **Écrits.** Paris: Éditions du Seuil, 1966.

_____ [1950]. Intervenção no I Congresso Mundial de Psiquiatria. In: **Outros Escritos.** Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 132-135.

_____ [1966c] Pequeno discurso no ORTF. In: **Outros Escritos.** Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 226-231.

_____ [1967] Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: **Outros Escritos.** Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 248-264.

_____ [1969]. Prefácio a uma tese. In: **Outros Escritos.** Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 389-399.

_____ [1970]. Radiofonia. In: **Outros Escritos.** Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 400-447.

_____ [1971-1972] ...ou pior. In: **Outros Escritos.** Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 544-549.

_____ [1972]. O aturdito. In: **Outros Escritos.** Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 448-497.

_____ [1973]. Televisão. In: **Outros Escritos.** Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 508-543.

_____ [1975]. Talvez em Vincennes.... In: **Outros Escritos.** Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 316-318.

LACAN, Jacques [1954-1955]. **O seminário, livro 2:** o eu na teoria de Freud e na técnica da Psicanálise. Trad.: Marie Christine Laznik Penot. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1985.

_____. [1955-1956]. **O seminário, livro 3**: as psicoses. Trad.: Aluísio Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

LACAN, Jacques [1956-1957]. **O seminário, livro 4 :** relação de objeto. Trad.: Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

LACAN, Jacques [1957-1958]. **O seminário, livro 5:** as formações do inconsciente. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____ [1958-1959]. **O seminário, livro 6**: o desejo e sua interpretação. Trad.: Claudia Berliner. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

_____ [1961-1962]. **Le séminaire, livre IX**. Disponível em : <http://staferla.free.fr/S9/S9.htm> (acesso em 24 maio 2021).

_____ [1962-1963]. **O seminário, livro 10**: a angústia. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

_____ [1964]. **O seminário, livro 11**: os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise. Trad.: MD Magno. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____ [1972-1973]. **O seminário, livro 20**: mais, ainda. Trad.: M.D. Magno. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

_____ [1975-1976]. **O seminário livro 23:** o sinthoma. Trad.: Sergio Laia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

_____ [1956]. **O mito individual do neurótico ou Poesia e verdade na neurose**. Trad.: Claudia Berliner. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LAKOFF, George. **Woman, fire, and dangerous things:** what categories reveal about the mind**.** Chicago: The University Chicago Press, 1990.

LAKOFF, George [1980]. Johnson, Mark. **Metaphors we live by.** Chicago: The University Chicago Press, 2003.

LE GUERN, Michel. **Semântica da metáfora e da metonímia.** Porto: Livraria Telos, 1973.

LEMOS, Cláudia Thereza Guimarães de. Língua e discurso na teorização sobre aquisição da linguagem. *Letras de hoje*. Porto Alegre v. 30. n. 4. dez. 1995. p. 9-28.

_____. Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. n. 42, Jan/jun. 2002. p. 41-69.

_____. Acordando discursos adormecidos: o que o ato poético diz do analítico. In: MILLÁN-RAMOS, J. Guillermo (org.). **EntreAto: o poético e o analítico**. Campinas: Mercado de Letras/FAPESP, 2011. p. 21-32.

_____. A criança e o linguista: modos de habitar a língua? *Estudos Linguísticos*. São Paulo, v. 43, n. 2, mai./ago. 2014a. p. 954-964.

_____. Linguisteria: de Freud a Lacan. In: TFOUNI, Leda Verdiani; MARTHA, Diana Junkes Bueno (orgs.). **O (in)esperado de Jakobson**. 1 ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014b. p. 53-68.

_____. Lalíngua: acontecimento e transmissão. In: **Savoir-faire avec lalangue**. Campinas, SP : Mercado de Letras, Paris : Association de Psychanalyse Encore, 2015. p. 39-50.

LERY-LACHAUME, Marie-Lou Thérèsa Mariette. Para além do signo « saussuriano » : os transbordamentos do sentido em Saussure e Lacan. *Cadernos de Estudos Linguísticos*: Campinas, SP, v. 61, p. 1-11, 2019.

LÉVI-STRAUSS, Claude [1958]. **Antropologia estrutural.** Trad.: Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

_____. Préface. In: JAKOBSON [1942-1943]. **Six leçons sur le son et le sens**. Paris : Les éditions de Minuit, 1976. p. 7-18.

LIMA, Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa.** 49 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

MAGNO, M. D**. Améfrica Ladina**: introdução a uma abertura. Rio de Janeiro: Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, 1980.

_____. L'inconscient est structuré comme on l'engage. *Revista de estudos transitivos do contemporâneo*. n. 11, dez. 2016. p. 1-15.

MASSON, Jeffrey Moussaieff. **Correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess:** 1887-1904**.** Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

MELO NETO, João Cabral [1985]. **Agrestes**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2009.

MESQUITA, Fábio Luis Fernandes. **O caso Pirahã.** Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/Linguística/2016/09/09/o-caso-do-piraha/>, publicado em 16 set. 2016, acesso em 11 jun. 2023.

MEZAN, Renato. Que significa "pesquisa" em Psicanálise? In: **A sombra de Don Juan e outros ensaios.** 1ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993. p. 85-118.

MILLER, Jacques-Alain. La suture (éléments de la logique du signifiant). **Cahiers** *pour l'analyse*. v. 1 fev, 1966. p. 37-49.

_____. Lacan, professeur de désir. [entretien accordé à] Christophe Labbé et Olivia Racasens. *Le Point culture*. 6 jun. 2013. Disponível em: https://www.lepoint.fr/culture/lacan-professeur-de-desir-06-06-2013-1688542_3.php (acesso em 21 maio 2021).

_____. Lacan, professor de desejo. Trad.: Vera Avellar Ribeiro. *Opção Lacaniana*. ano. 4 n. 12. Nov. 2013. p. 1-9.

MILNER, Jean-Claude [1978]. **O amor da língua**. Trad.: Paulo Sérgio de Souza Júnior. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

_____ [1995]. **Introdução a uma ciência da linguagem.** Trad.: Daniel Costa da Silva et al..1 ed. Petrópolis-RJ: Editora Vozes. 2021.

_____. **A obra clara** : Lacan, a ciência, a filosofia. Trad.: Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

_____ [2000]. Da Linguística à linguisteria. In: **Lacan, o escrito, a imagem**. Trad. Yolanda Vilela. Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2016. p. 33-52.

_____ [2002]. **Le périple structural**: figures et paradigme. 2 ed. Éditions Verdier. 2008.

_____. Psicanálise e Linguística. *Revista Estudos Lacanianos***.** Belo Horizonte. v. 3. n. 4. p. p-pp. 2010.

MORTARI, Cezar A.. **Introdução à lógica**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

MOTTA, Vera. **Pesquisa sobre metáfora e metonímia na obra de Jacques Lacan.** (sem data)

NASCIMENTO, Elisa Mara do. Arte: caminho da deformação de sintomas? *Caderno de Estudos Linguísticos*. Campinas, SP, v. 62, p. 1-15, 2020.

NETO, Pasquale Cipro. INFANTE, Ulisses. **Gramática da língua portuguesa.** São Paulo: Scipione, 2008.

O DIA EM QUE EU NÃO NASCI. Direção: Florian Cossem. Produção: Alemanha, Argentina: Serendip Filmes/Art Films, 2011 (95 min).

PIMENTEL, Felipe. Um equívoco sobre a Psicanálise. 16/04/2018. *Estadão.* Disponível em: https://estadodaarte.estadao.com.br/um-equivoco-sobre-a-psicanalise/

PONTES, Suely Aires. (2005). Da quase equivalência à necessidade de distinção: significante e letra na obra de Lacan. *Revista Do GEL*, *2*, 215–230. Disponível em: http://www.psicanaliseefilosofia.com.br/textos/significante_e_letra.pdf (acesso em 1 jun. 2023).

QUEIROZ, Cristina. Como sonham os povos ameríndios. *Pesquisa FAPESP*. n. 323. Jan. 2023. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/como-sonham-os-povos-amerindios/#:~:text=Novas%20interpreta%C3%A7%C3%B5es%20da%20atividade%20on%C3%ADrica,mudar%20o%20rumo%20de%20acontecimentos>

QUINE, Willard van Orman. Afterthoughts on metaphor. *Critical Inquiry*, 5 (1), 1978, p. 161-162.

RAMOS, Conrado. Desejo e sintoma: versão e a-versão do sentido. In: CAVALLARI, J. S.; BALDINI, L. J. S.; BARBAI, M. A. (orgs.). **Discurso e Psicanálise:** a-versão do sentido. Campinas: Pontes, 2016a. p. 89-99.

_____. O intuicionismo saussuriano como fundamento da interpretação poética em Lacan. In: ABRAHÃO E SOUZA, L. M.; NAGEM, G.; BALDINI, L. J. S. (orgs.). **A palavra de Saussure.** São Carlos-SP: Pedro & João, 2016b. p. 349-369.

REBENTO. Intérprete: Gilberto Gil. Compositor: Gilberto Gil. *In:* REALCE. Intérprete: Gilberto Gil. *[S. l.]:* Elektra Records, 1979. (38min).

RIFFLET-LEMAIRE, Anika. **Lacan**. Trad.: Francisco J. Millet. Barcelona: Edhasa, 1971.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: veredas.** São Paulo: Abril Cultural, 1983.

ROUDINESCO, Élisabeth. **Jacques Lacan**: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise.** Trad.: Vera Ribeiro, Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SAFATLE, Vladimir. SILVA JÚNIOR, Nelson. DUNKER, Christian (orgs.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico.** Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

SAUSSURE, Ferdinand [1916]. **Curso de Linguística Geral**. Trad.: Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 28 ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

_____. **Curso de Linguística Geral**. Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2021.

_____ [2002]. **Escritos de Linguística geral.** Trad.: Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004.

SCHOLZ, Kay-Alexander. **"Heimat" e seus vários significados**. 14/02/2018. *DW*. Disponível em: https://www.dw.com/pt-br/heimat-e-seus-v%C3%A1rios-significados/a-42590724 . Acesso em 27/02/23

SILVA, Thaïs Cristófaro. **Fonética e fonologia do português:** roteiro de estudos e guia de exercícios. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

SILVEIRA, Eliane Mara. **A ordem própria da língua**: um desejo inconfesso. 1997. 80 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 1997.

_____. Um certo retorno da Linguística pela via da Psicanálise. *Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas*, 47 (1) e (2), 2005. p. 83-92.

SÓ é gente quem se diz. Intérprete: Siba. *In:* CORUJA Muda. Intérprete: Siba. *[S. l.]:* EAEO Records / YB Music, 2019. (48min).

SOUZA, Neusa Santos. O estrangeiro: nossa condição. In: KOLTAI, Caterina (org.). **O estrangeiro**. São Paulo: Escuta/FAPESP, 1998. p. 155-163.

SOUZA JR., Paulo Sérgio de. **O fluxo e a cesura:** um ensaio em linguagem, poesia e Psicanálise. 2012. 137 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2012.

_____. Yané-Oré: sobre nós e litorais. In: PERON, Paula. AMBRA, Pedro (orgs.). **Provocações para a Psicanálise no Brasil:** racismo, políticas identitárias, violências e colonialismo. São Paulo: Zagodoni Editora, 2021. p. 143-156.

STAROBINSKI, Jean. **As palavras sob as palavras**: os anagramas de Ferdinand de Saussure. Trad.: Carlos Vogt. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

TAVARES, Pedro Heliodoro de Moraes Branco. As novas traduções de Freud feitas diretamente do alemão: estilo e terminologia. *TradTerm*, São Paulo, v. 19, nov. 2012. p. 109-126.

TFOUNI, Leda Verdiani. MARTHA, Diana Junkes Bueno. CARREIRA, Alessandra Fernandes. O inesgotável alcance da função poética. In: TFOUNI, Leda Verdiani; MARTHA, Diana Junkes Bueno (orgs.). **O (in)esperado de Jakobson**. 1 ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014. p. 69-105.

TRUBETZKOY, Nicolay Sergueyevich. **Grundzüge der Phonologie.** Travaux du Cercle Linguistique de Prague. Praga: 1939.

TURRA, Bruno Molina. **Ferdinand de Saussure e seu saber fazer com a escrita ou do que se circunscreve de um enigma.** 225 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, São Paulo. 2018.

VALADÃO, Luiz Américo. **O sonho da mulher e a mulher do açougueiro** (inédito). 2021.

VARGAS, Pio. Anatomia do gesto. In: LEITE, Carlos Willian (org.) **Poesia completa.** Goiânia: R&F, 2010.

WALDEMARIM, Karen Kalil. **A percepção da variação entre a morfologia de modo subjuntivo e a morfologia de modo indicativo em orações subordinadas no português brasileiro**: um estudo psicolinguístico. 2020. 74 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2020.

WILLIAMS, Joanna Radwańska. **A paradigm lost:** the linguistic theory of Mikołaj Kruszewski. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1993.